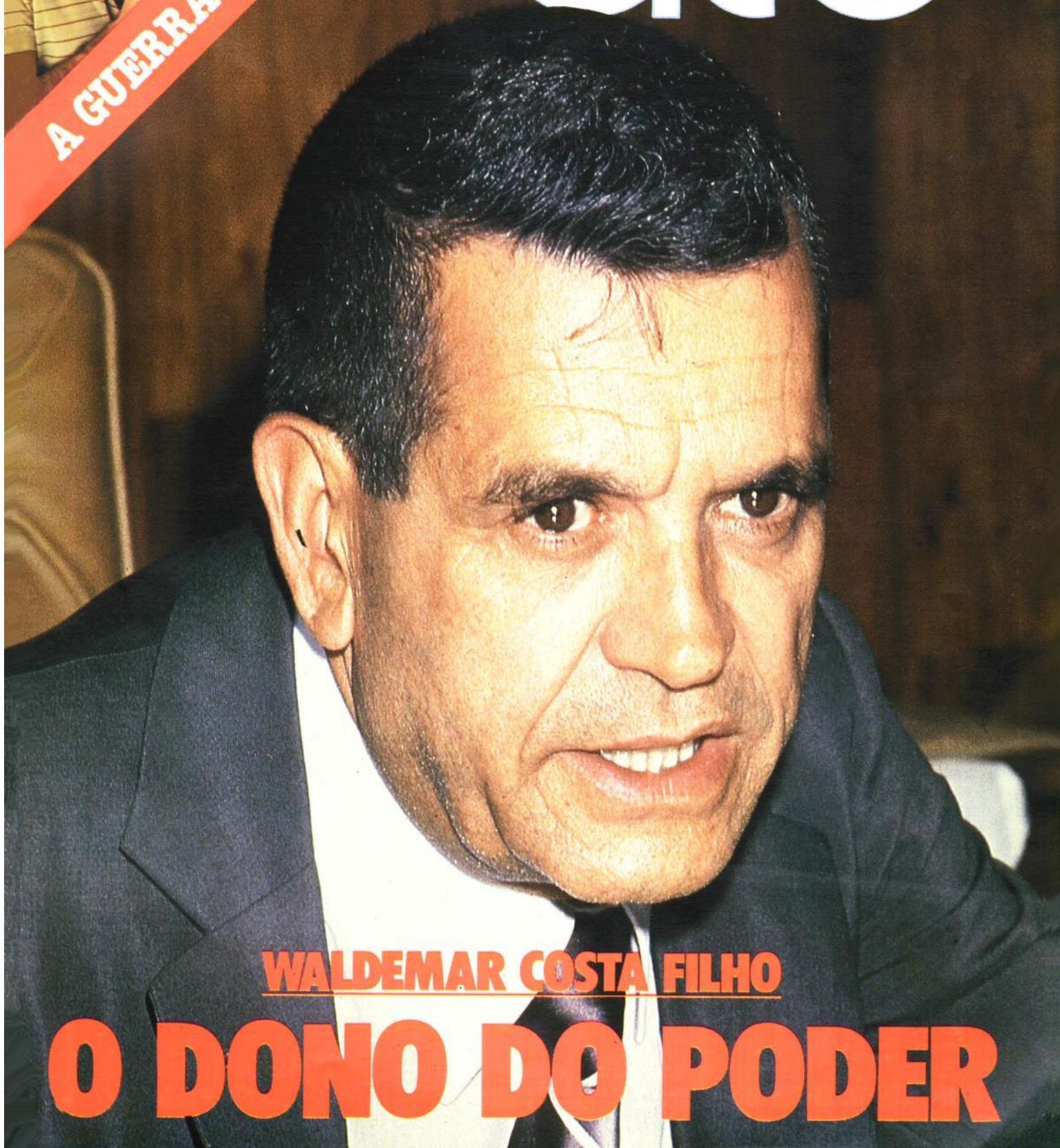


EDITORA ATO Nº 5
MARÇO - ABRIL DE 1982 - Cr\$ 150,00

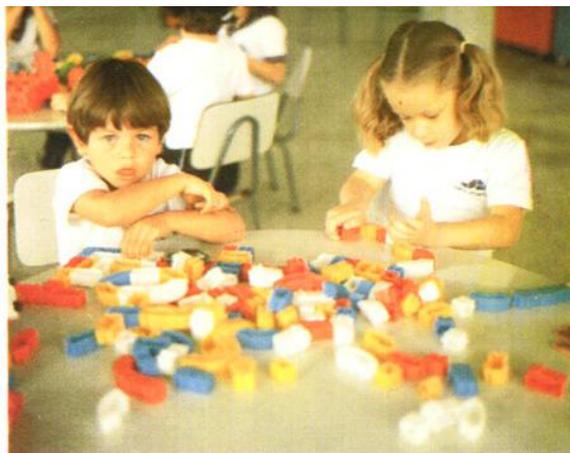
ato

A GUERRA DA LATINHA

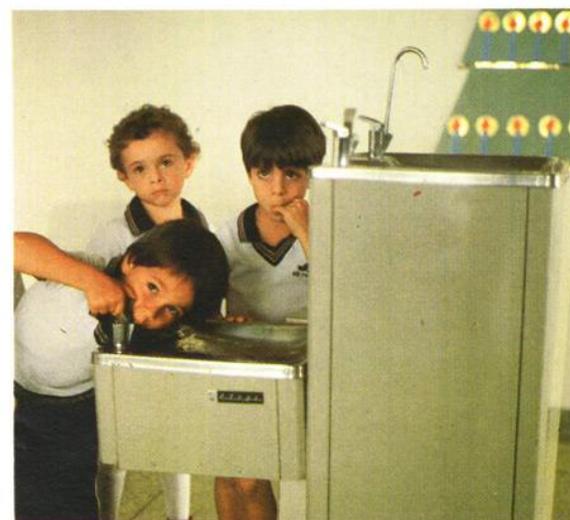


WALDEMAR COSTA FILHO

O DONO DO PODER



haja



PRESENTE NAS FASES MAIS IMPORTANTES DA VIDA.



UNIDADE I

Rua Senador Dantas 326
Fone 469.9499

UNIDADE II (Pré Escola)

Rua José Urbano Sanches, 315

Abertura

Desde que chegou a Mogi, em 1942, Waldemar Costa Filho não deixou de ser notícia. Hoje, 40 anos depois, quando se prepara para encerrar seu segundo mandato como prefeito, ATO dedica sua reportagem de capa ao controverso, polêmico administrador que transformou a cidade. Numa longa entrevista que se inicia na página 20, está o perfil do homem que efetivamente manda em Mogi das Cruzes — o dono do poder. Em seu depoimento repousa quase toda a história recente da cidade, de seus principais personagens. Todos — como se verá — presos ao seu estilo peculiar de dirigir uma comunidade. Esse trabalho servirá, ainda, para análise e reflexão de sua passagem por Mogi das Cruzes — seus erros e acertos.

☆

As noites de Mogi ainda apresentam seus seresteiros e boêmios, uma espécie de raça em extinção. ATO acompanhou suas madrugadas e conta aqui como vivem os pastores da noite mogiana, esses teimosos românticos.



O nosso pobre esporte e seus problemas também são abodados, assim como um perfil da surda, disfarçada guerra de bastidores que se trava por causa da futura rodovia Mogi-Bertioga, onde diversas empresas de ônibus querem a concessão para o transporte dos turistas.

Neste número 5 ATO apresenta a grande confusão em que está mergulhada a política nacional, e traz, numa de suas reportagens especiais, o relato dramático e impressionante dos pequenos mortos-vivos — os meninos que despencaram no submundo dos tóxicos, vítimas que quase sempre entam pela porta do desarranjo social.

Em outro trabalho especial, o repórter José Carlos Santana, da BBC de Londres, conta como vive a família real britânica. Suas posses, ganhos, propriedades e mordomias. Finalmente, ATO conta como foi sua entrevista com Sylvia Kristel, a Emmanuelle, que esteve recentemente em São Paulo para lançar seu novo filme, "Os Amantes de Lady Chatterley".

F.L.



PÁG.
13

Em Bertioga, um rito diário envolve a divisão dos peixes.



PÁG.
29

O fórum: toneladas de papel emperrando a nossa Justiça.

E

Artes e Espetáculos	40 a 42
Caldeirão	30 e 31
Campinas	16
Carlos Soh	44 e 45
Cartas	4
Economia	9
Educação	43
Esporte	18
Humor	46
Política	6 e 8
Rádio	10 e 12

PÁG.
17



Fidélis, o líder do futebol solidário do EC São José.



PÁG.
34

As novas tendências da moda, um dos assuntos em "Gente e Notícia".

Foto de capa: Pedrinho Cipolla.



Rita Lee

Muito oportuna a reportagem com a roqueira Rita Lee (Ato nº 4), sem dúvida alguma a grande musa do Brasil. ATO foi muito feliz, mostrando deta-

lhes e aspectos de sua vida até então desconhecidos

*Luiz Francisco Merst
Mogi das Cruzes - SP*

Rita Lee Jones e seu 'Rock'nd Roll' (deveria ser roquenrou, mesmo!) só servem para aumentar a invasão de ritmos estrangeiros no Brasil. Não há memória neste país — não se lembra mais de um Francisco Alves, de um Vicente Celestino, de Lupicínio e Ataulfo. Agora são os 'roqueiros'. Cruzes!

*Asdrúbal M. Ortis
Mogi das Cruzes - SP*

Escola dos Filhos

A reportagem central do último número de ATO, "A Escola de Seus Filhos", é trabalho merecedor de todos os elogios, pois mostra a todos os pais os caminhos seguros para a educação dos filhos, material inédito e importantíssimo para Mogi das Cruzes.

*Kenithiro Sungay
Mogi das Cruzes - SP*

Dona Jovita

Eu que morei muitos anos em Mogi, aprendi a admirar essa figura extraordinária que é dona Jovita Franco Arouche, "A professora de Mogi". Fui seu aluno e jamais a esquecerei. Trabalhos como este feito por ATO resguardam para sempre a memória da cidade e de seu povo.

*Joaquina P. Tavares
São José dos Campos - SP*

Destilando ideais

Quero parabenizar a todos os

que destilam seus ideais na magnífica publicação bimestral ATO, augurando-lhes sempiterno porvir, repleto de muito sucesso.

*J. Urbano Prates
Presidente-OAB
Subsecção Ipiranga
São Paulo - SP*

Mais importante

É minha intenção colecionar, encadernar e manter em nossa biblioteca, não só as publicações locais, mas também as da região, como forma de documentar nosso desenvolvimento. A revista ATO, além de merecer nossos elogios pelo seu alto nível e importância como documento histórico de nossa região, deve ser destacada como a pioneira e mais importante forma de publicação gráfica da região de Mogi das Cruzes.

*Norberto Luiz Alegri
Diretor da Câmara
Municipal de Suzano*

Mulher bonita

Uma revista é, talvez, como uma mulher: tem que ter beleza e conteúdo. ATO está conseguindo!

*Miguel Francisco Urbano Nagib
Mogi das Cruzes - SP*

Lugar comum

Registrar que ATO veio preencher um grande vazio já é lugar comum. Cumprimento-os pela firme direção que vêm dando às nossas coisas.

*Jayme Brinberg
Mogi das Cruzes - SP*

Categoria

Felicito-os pela categoria da revista.

*Walter Gomes Amorim Filho
São Paulo - SP*

*Cartas para ATO, rua
Senador Dantas, 326, Mogi das
Cruzes. CEP 08700 - SP.*

ato

Editor Responsável

Fernando Leal

Diretores Administrativos

Márcio de Paula
Benedito Wilson de Freitas

Editor Gráfico

Carlos Soh

Produção

Marina de Siqueira e Aranha
Nelson Antônio Alessi (assistente)

Publicidade

Eleny Nicolini

Colaboradores

Carlos Chagas e Rosângela Bittar (Brasília), Roberto Godoy e Wilson Marini (Campinas), José Carlos Santana (Londres), Freitas Neto (Maceió), Beth Costa, Darwin Valente, Edna Fonseca, EME, Fátima Fonseca, Geraldo Rodrigues, José Tadeu, Kiko de Paula, Lenilde Pacheco, Marcos de Oliveira Lima, Mirna Monteiro, Pedro Cipolla Filho, Vanice Assaz e Vera Lúcia Barba (Mogi das Cruzes), Ozair Vasconcelos (Natal), José Roberto de Alencar (Rio de Janeiro), Antônio Augusto de Toledo Neto e Flávio Nery (São José dos Campos), Adones de Oliveira, Benedito Salgado, Berenice Guimarães, Carlos Soh, Celso Ming, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, Ilka Marinho Zanotto, José Fernando Lefcadito Álvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luis Fernando Emediato, Maria Inês de Carmargo, Nicolielo, Renato Lombardi, Rubens Edwald Filho, Vital Bataglia, e Zuza Homem de Mello (São Paulo).

Ato é uma publicação bimestral da Ato Editora e Publicidade Ltda., rua Clóvis Bueno de Azevedo, 176, telefone: 274-5711, CGC 462494339/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, rua Senador Dantas, 326, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 - P. 209/73. ATO é distribuída por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição 15 mil exemplares. Composição e fotolitos: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora. Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.

*Experimente
nossa receita
de cozinha,
com uma pitada
de talento
da Vogue.*



É uma receita preparada com muito carinho para você, por um mestre-cooca especialista em utilizar todos os espaços esquecidos de sua cozinha, com muita criatividade, beleza e funcionalidade. E não há truques ou mistérios: você também participa, indicando todos os detalhes.

Esta incrível solução para sua cozinha é uma exclusividade MODULLARE. Venha comprovar agora mesmo. Amanhã será você quem estará preparando as mais deliciosas receitas do mundo.

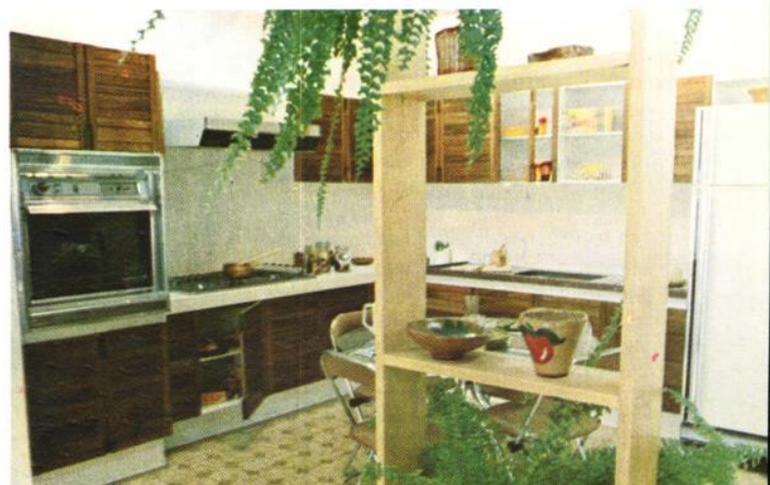


 **Modullare**

R. Cel. Souza Franco, 1048

Tel. 469-2455

Mogi das Cruzes - SP.



E quando a poeira baixar?

A seis meses das eleições de novembro o país ainda não conhece as regras do jogo. A confusão é geral e não se sabe o que acontecerá nem daqui a 15 minutos.

*Por Carlos Chagas. **

Se não a confusão, ao menos a apreensão continua geral, em Brasília. Porque ninguém sabe exatamente o que acontecerá, não dentro de anos, ou meses, mas daqui a quinze minutos. Tudo "evolui", ou balança ao sabor das últimas impressões dos que conversam com os donos do poder ou vice-versa. Teremos reformas amplas no pacote eleitoral tornado lei há pouco. Não teremos essas reformas. O governo acha que a hora é de trabalho, que o PDS se lance nas eleições e vençam os melhores. O governo prepara o maior e mais vasto plano de engajamento da máquina administrativa ao seu dispor no auxílio dos candidatos do PDS. O chamado Sistema está em ritmo de desengajamento, as eleições que decidam sobre o nosso futuro. O chamado Sistema não admite a alternância do poder. O PP já se encontra incorporado ao

PMDB. O PP jamais conseguirá se incorporar ao PMDB. Paulo Maluf é saudado no palácio do Planalto como amigo certo de todas as horas. Paulo Maluf será "convidado" a ficar quieto e esquecer sua candidatura à presidência da República, sob pena da divulgação de alguns dossiês nada delicados a respeito da utilização de seus métodos peculiares de campanha.

A relação poderia estender-se quase ao infinito, ou, pelo menos, desta página até a última. Surgem intermináveis, assim, apreensão e confusão, pois saber para onde vamos, na verdade, ninguém sabe. Apesar das ditas boas intenções do general João Figueiredo. Ou de sua promessa de recrudescer, se for preciso.

SEM PRORROGAÇÃO — O governo, em sua face ostensiva, continua produzindo sinais de não cogitar de novas e amplas reformas eleitorais, aceitando no máximo pequenos ajustes ou retificações, desde que pleiteados pela maioria parlamentar.



O Brasil em 82: Figueiredo mandando e Maluf querendo ser o próximo.

A quebra da vinculação total de votos em duas etapas, uma para as eleições proporcionais, outra para as eleições majoritárias, a reforma da lei Falcão, o aumento do número de deputados federais, de 420 para 500. E nada mais, muito menos o "distritão" — que ao acabar com o voto de legenda enfraquece sensivelmente os partidos, — ou a prorrogação de mandatos, a volta às eleições indiretas ou a possibilidade da reeleição de governadores.

Não só o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, e o presidente do PDS, José Sarney, pronunciam-se nesse sentido: mesmo sem avançar declarações e dentro de seu estilo cauteloso, o ministro Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil, raciocina de igual forma. E o próprio general João Figueiredo já se manifestou veementemente contra a prorrogação.

Porque, então, essas idéias que seriam cômicas se não fossem trágicas continuam vicejando por aí? Não apenas a desfaçatez

e a falta de pudor de seus autores as justifica, é evidente. Afinal, os deputados Bezerra de Mello, Jorge Arbage, José Camargo e outros poderão apresentar peculiaridades políticas em condições de gerar franciscana indignação na consciência democrática do país. Mas bobos, não são. Muito pelo contrário. Se continuam no proselitismo de suas teses é porque alguma espécie de respaldo encontram. Ou estímulos.

Noves fora a vampiresca presença do governador Paulo Maluf, abrindo asas e capas negras na proteção dessas propostas capazes de favorecê-lo, haverá que prospectar mais fundo. É claro que ao governador interessa a prorrogação dos mandatos legislativos, até por economia. Afinal, investiu muito nos atuais deputados e senadores, e se eles puderem se constituir no colégio eleitoral de 1984, tornando desnecessários investimentos nas vastas ban-

cadadas novas que virão, melhor para a sua candidatura presidencial. Por outro lado, também apreciaria muito dispor da possibilidade de disputar pelo voto direto o palácio dos Bandeirantes, solução adequada no momento em que não encontra um candidato eivado de popularidade no PDS paulista - popularidade que imagina dispor por sua conta e risco.

A FACE OCULTA — Mas os estímulos e o respaldo de Maluf não bastam para continuarem grassando propostas como as atuais. Para agradar o governador, os deputados em causa não se arriscariam a desagradar o governo, ou todo o governo, caso ele se apresentasse unânime e irascível na condenação das vergonhas sugeridas. Então... então, há gente importante na chamada face oculta do governo, interessada em evitar as eleições de novembro. Quem quiser que dê os nomes, ou procure classificações acima da divisão primária entre militares e civis, políticos ou tecnocratas. Mas parece claro que eles serão encontrados naqueles bolsões

* Carlos Chagas é chefe da sucursal de Brasília de O Estado de S. Paulo.

Montalto, muito mais que um simples lustre.

Ao decorar um ambiente, personificá-lo com uma iluminação que traduza seu bom gosto, torna-se indispensável, concorda?

Por isso, a MONTALTO traz até você a mais variada linha para iluminação decorativa, com Lustres em diversos estilos, Abajures, Plafonniers, Spots, Arandelas, Postes, Adornos e Espelhos de Luz, que se adaptam perfeitamente ao seu ambiente.

A linha completa da MONTALTO você encontra aqui na MODULLARE. Visite nossa exposição.



radicais e outrora sinceros, como a eles se referia o general Ernesto Geisel.

Outrora, porque desde os episódios do Riocentro tornam-se cada vez mais insinceros. Como também serão encontrados nos gabinetes refrigerados onde se reduzem problemas reais a cifras, números e fórmulas impessoais e cabalísticas. Eleições, para essas duas faunas, representam a opção para a sociedade manifestar o seu sentimento de exaustão diante de posturas inaceitáveis de poder e de arbítrio, tanto quanto de inoperância diante das graves e avolumadas dificuldades do dia-a-dia de todos.

Exprimem a possibilidade de ecoar por todos os Estados um interminável grito de basta, apesar dos casuísmos e dos condicionamentos eleitorais, verdadeiro atestado de óbito passado neles pela maior parte dos 55 milhões de legistas em que se poderá transformar o eleitorado nacional. Seria algo a ferir o seu orgulho, tanto quanto a erodir as estruturas em que se assentam desde muito para exercer direta e indiretamente o poder e auferir suas vantagens.

PACOTES E PACOTINHOS — É nos desvãos do Sistema e em parte da tecnocracia, assim, que se deve buscar a inspiração maior para tais absurdos eleitorais, que não se resumem aos projetos e emendas prorrogacionistas e de reeleição, aliás. Outra característica não possuem o "distritão", a volta às eleições indiretas, a ampliação desmedida do Colégio Eleitoral e quantas mais?

Pode estar sendo travada no escuro outra daquelas intrincadas batalhas que nos acostumamos assistir desde muito, dentro do núcleo maior de comando revolucionário. De um lado, pretendendo não ferir tanto as instituições e conservar os dedos, ainda que já tendo entregue os anéis à sãna de pacotes e pacotinhos, o presidente Figueiredo, o chefe do Gabinete Civil, o ministro da Justiça, o presidente do PDS e mais alguns. Do outro... do outro, os que teimam em rotular o eleitorado de suspeito ou supérfluo, a imprensa de antinacional, o Legislativo de adversário ou de inócuo, e as oposições de inimigas.

Em suma, aqueles que pretenderiam viéssemos ainda os tempos amargos do Imperador Ming, perdão, do general Garrastazu Médici, ou do Zeus Tonitruante do Olimpo, no caso, o general Ernesto Geisel. Para eles, ou para seus objetivos de perpetuação no poder, nada melhor do que os reduzidos limites em que por tanto tempo forçaram a nação a permanecer, entre atos de força, imposições, prepotência e censura.

O passado constituiu nosso maior tesouro, não porque aponte o que deveremos fazer, mas precisamente pelo contrário: mostra o que necessitamos evitar. No passado, todas as vezes em que essa batalha se feriu, revelou a vitória dos radicais insinceros aliados aos tecnocratas incompetentes. Para os quais incomoda essa obstinação de Figueiredo em realizar elei-



Ulysses fora dos planos: inimigos não têm vez.



Andreazza: o governo pode apostar nele numa eleição direta para presidente.



Camargo: tentando aprovar emenda que favorecerá Paulo Maluf.

ções diretas, mesmo empacotadas. Por tudo isso, e mais pela ambição desmedida e o despreparo infantil de vastos contingentes parlamentares interessados em sobreviver a qualquer custo, prorrogação e reeleições continuam germinando. E poderão frutificar, por incrível que pareça.

A SUCESSÃO EM 85 — Admitindo-se, porém, como hipótese, que o governo consiga exorcizar os fantasmas referidos, nem por isso chegaremos ao final do ano sem mudanças institucionais sensíveis. Equivale dizer, mesmo resistindo ao assédio dos radicais, sequiosos de mais pacotes para garantir a vitória ampla do PDS, e em consequência sujeitando-se ao crescimento das oposições no futuro Congresso e nos governos estaduais, precisará o general João Figueiredo resolver desde já sobre o futuro relativo à sucessão presidencial. E resolver enquanto detém maioria absoluta no Legislativo, capaz de aprovar qualquer de suas proposições. Isso acontece este ano mas poderá muito bem deixar de acontecer após as eleições de novembro.

O problema, para o presidente, resume-se em como persistir no processo de abertura e democratização do regime, que salvo engano pressupõe o crescimento parlamentar e a ascensão a governos estaduais por parte das oposições, sem colocar em risco a indicação de alguém ligado ao seu grupo e à Revolução, para sucedê-lo no palácio do Planalto a partir de 15 março de 1985. Porque aceitar a alternância no poder maior, nem ele nem o Sistema aceitam, sob qualquer hipótese. Os conceitos de ambos sobre democracia não vão além: eleições, sim, crescimento das oposições, talvez, até liberdade de imprensa e inexistência de instrumentos de prepotência e de arbítrio.

Mas Ulysses Guimarães ou qualquer outro adversário (inimigo?) instalado na presidência da República, jamais. E como as oposições, sem novos pacotes, arriscam-se a formar maioria no novo Congresso e no colégio eleitoral que em 1984 indicará o sexto presidente revolucio-

nário, explica-se porque Figueiredo precisará, até o final do ano, promover mudanças institucionais sensíveis.

Quais serão elas? Basicamente, uma de duas: enquanto detém maioria no Congresso, determinar a ampliação do colégio eleitoral que se reunirá daqui a menos de três anos. Ao invés de apenas deputados federais e senadores, entre os quais as oposições poderão ser majoritárias, e representantes das assembleias legislativas, onde o mesmo fenômeno arrisca repetir-se, aquele colegiado seria enxertado de vereadores. Um por município, e como eles são 4 mil, onde o PDS predomina e continuará predominando, estaria garantida a sucessão presidencial para quem o Olimpo indicasse. Essa medida necessitaria ser tomada até dezembro. No entanto, se viesse antes das eleições de novembro, revelaria que nem o governo acredita em seus candidatos, servindo para desmoralizá-los ainda mais. E depois do pleito, talvez não surtisse efeito, pois rebelados, os atuais deputados e senadores não reeleitos do PDS poderiam juntar-se às oposições para recusar aprovação à emenda constitucional respectiva.

A VELHA ESTRELA — Abre-se, assim, a segunda opção: prevendo a derrota parlamentar de seus quadros, ou mesmo depois dela — mas ainda este ano — o palácio do Planalto enveredaria pela única perspectiva ainda capaz de assegurar o poder federal futuro a alguém do Sistema: proporia a volta às eleições diretas de presidente da República, em 1984. Pode parecer um paradoxo, um absurdo, mesmo, mas perdido no colégio eleitoral indireto, o que restaria ao governo senão tentar bater seu adversário no voto direto? Por isso, inclusive, cresce a estrela (ou no mínimo vem sendo cada vez mais lustrada) do ministro Mario Andreazza, o único com popularidade bastante para aspirar a vitória do lado oficial

Este, em síntese, o quadro de previsão de grandes mudanças institucionais para 82, esboçado numa ou outra inconfidência de assessores palacianos e, por inadvertência ou malícia, já referido pelo ex-presidente Garrastazu Médici, semanas atrás.

Obviamente que, no intrincado, pouco claro e ainda muito instável processo político em marcha, existirá sempre um outra alternativa, a de o governo, o Sistema, a Revolução ou que outra denominação tenha o poder, dar o dito pelo não dito e acabar com a brincadeira — e as eleições deste ano. Essa hipótese explica a referência inicial do assédio dos radicais no presidente João Figueiredo, pretendendo uma sucessão de pacotes antes de novembro, capazes de evitar a simples e parcial vitória oposicionista nas eleições para o novo Congresso, as assembleias e os governos estaduais. É o mínimo, numa relação em que o máximo poderá ser a prorrogação dos mandatos... (E não voltamos ao ponto de partida?)

O montador de refinarias

A vida de Derek Herbert Lovell
Por José Roberto de Alencar. *



Derek Herbert Lovell Parker é o fechado cidadão inglês que comanda, com mão de ferro, a filial brasileira de uma gigantesca multinacional canadense, a Montreal Engineering Inc. Correto? Não. O nome da firma é Montreal Engenharia — e esse Montreal aí nada tem a ver com a principal cidade do Canadá. É apenas uma abreviatura meio torta de *Montagem e Representação Industrial*. E Derek, de inglês, só tem o nome e a fleugma. Tinha pai inglês também.

Sidney Lovell Parker, o pai de Derek, trabalhava num banco em Londres, no final do século passado, início deste. Achara muito chata a vida de bancário. Uma vez, surgiu a oportunidade de gerenciar uma fazenda do banco, nas Antilhas. Não pensou duas vezes. Foi e quando o banco o chamou de volta, não voltou. Preferiu mexer com diamantes na África do Sul e, depois, cuidar de uma fazenda de carneiros, na Austrália.

Ainda pobre, aceitou o convite de um amigo para lidar com salitre (dejetos de gaióva, fertilizante muito cobiçado, até que inventaram os adubos químicos), e se mudou para o Chile. Então recebeu um outro convite, mais vantajoso, para trabalhar nos Estados Unidos. Aceitou também. Mas, para que pegar um navio direto, se podia complicar a viagem?

PENSÃO ATRAENTE — Complicou. Pegou um navio apontado para o Sul, em vez de Norte. Parou para ver a Terra do Fogo, Porto Alegre, Santos e Rio de Janeiro... Ai acabou a viagem. Achou que era besteira continuar. Arrumou um emprego na filial brasileira de um banco londrino e se plantou. Quarentão, nessa altura do campeonato, viu no sacolejante bonde de burros uma moça bonita, que desceu na rua Paissandu e entrou numa porta, debaixo da tabuleta discreta: "Pensão dos Estrangeiros".

Impressionado com a beleza e a cultura da moça — no bonde ela lia um livro em francês e levava outro, em inglês, debaixo do braço — Sidney lembrou-se de que era estrangeiro e de que não havia lugar melhor para um estrangeiro do que a "Pensão dos Estrangeiros". A moça, Zima — química, dona de duas farmácias compradas com os onze contos deixados pelo pai, falecido fazendeiro de Cantagalo — era filha da dona da pensão. Que por coinci-

dência, acabou virando sogra daquele intrépido paquerador filho do país de Gales.

O filho mais velho de Sidney e Zima, Jasper, morreu na década de 1950. O mais novo, Derek, nascido em 1920, formou-se engenheiro civil pela Politécnica do Rio. Isso foi em 1945. Ele já estava casado com dona Maria, paulista de Queluz.

BATALHA SUAVE — E teve a guerra. Por falar inglês, foi convocado. Brasileiro poliglota era muito requisitado para a Itália, onde era complicada a comunicação entre os folgados norte-americanos e os heróicos malucos do regimento Sampaio, que acabaram tomando Monte Castelo na peixeira e na dentada e botando aqueles alemães... desculpe, isso é outra história.

Convocado por falar inglês, Derek acabou poupado da carnificina também por falar inglês. Com a Guerra, os norte-americanos desandaram a equipar o Exército brasileiro com suas armas. E brasileiro poliglota ficou muito importante, aqui mesmo, para traduzir os manuais daquele ferro-velho todo. Derek ficou. Serviu no primeiro, no segundo e no terceiro Batalhão de Carros de Combate e Artilharia, no forte de Copacabana e fez o CPOR. Depois caiu fora.

Já sabendo que trabalhar com construções não era uma boa, Derek resolveu criar uma serventia para seu diploma de engenheiro civil. Pegou dona Maria e foi para os Estados Unidos, estudar engenharia elétrica e mecânica. E trabalhar na All's Chalmers, uma grande indústria de equipamentos para usinas siderúrgicas ou hidrelétricas, para fábricas de cimento ou de farinha. Derek aprendeu bastante.

Em 1947 nasceu Priscilla, a mais velha dos quatro filhos de Derek e dona Maria. Chorava o tempo todo e ele só aguentou dois meses. Assim não dava. Voltou para o Rio, sem dinheiro nem emprego engatilhado. Arrumou para ser vendedor da Westinghouse (Cobrasma). Ficou pouco. O Conselho Nacional de Petróleo (CNP) contratou-o e devolveu-o aos Estados Unidos, onde ele passaria 1948 e 1949 trabalhando em refinarias, elaborando projetos, espiando tudo e cursando engenharia de petróleo.

PRÊMIO RECUSADO — Voltou apto para construir a refinaria de Mataripe, na Bahia. O Brasil já tinha a Riograndense, construída em 1932, a Matarazzo, de 1936

e a Ipiranga, de 1948. A de Mataripe seria a primeira do Governo. Estava empacada fazia tempo. O contrato com a construtora foi rescindido em 1949, Derek, seus quatro companheiros (mandados com ele para os Estados Unidos) e o pessoal local meteram o muque. Em 1951, a primeira unidade começava a funcionar. Em 1953, até a ampliação estava pronta.

Getúlio Vargas, presidente da República, assinou o decreto "premiando" Derek com a chefia do escritório do CNP nos Estados Unidos.

Ele não foi. Aceitou o convite do grupo Peixoto de Castro para construir, no Rio, a refinaria de Manguinhos. Deu um *show*: Todos os equipamentos estavam lá, empilhados. Era só chegar e ir colocando tudo no lugar certo, fazendo as ligações e as regulagens. Em nove meses, estava pronta. E a Sabbá o convidava para montar a sua refinaria em Manaus. Ai nasceu a Montreal.

Derek Parker, Thomaz Magalhães, Francisco Magalhães Castro e Kalil Rubens Primo não tinham dinheiro. O quinto sócio, Roberto Bergallo, tinha. E emprestou Cr\$ 180 mil para os outros quatro. Alugaram uma velha e espremida sala na esquina da Graça Aranha com a Nilo Peçanha, e passaram a pegar obras para montar.

COCA-COLA DESAJEITADA — O poeta Augusto Frederico Schmidt levou lá, uma vez, três banqueiros alemães, já devidamente convencidos a botar dinheiro na "companhia". Ficaram impressionadíssimos com a sala (onde até o telefone era emprestado), com a organização (derubaram uma pilha de garrafas de Coca-Cola escondida atrás de uma porta) e com todo o resto. Tão impressionados que nunca mais deram notícias.

O dinheiro deles não fez falta. A Montreal já tocou 349 obras (fora as dezenove que toca atualmente). Monta desde usinas siderúrgicas ou hidrelétricas até fábricas de cimento, ou de farinha. Só a plataforma para recolher o petróleo do campo submarino de Enchova (da Petrobrás, na bacia de Campos) teve um custo de US\$ 100 milhões. Para que se tenha uma idéia de quanto dinheiro é isso — cerca de Cr\$ 14 bilhões — basta lembrar que o prédio comprado pelo Banco do Brasil à Veplan, prédio dos mais altos do Rio, é bem mais baixo do que a plataforma feita pela Montreal, na Bahia, e colocada, depois de pronta, num mar de 120 metros de fundura, no Rio, no lugar certinho.

A Montreal hoje tem 9892 empregados: 172 engenheiros, nove advogados, sete médicos e outros dezoito de nível superior, 399 técnicos na sede e 679 na administração das obras, onde trabalham, também, 6418 operários qualificados e 2021 peões. Seu patrimônio líquido passa de Cr\$ 3,3 bilhões e sua renda operacional superou, no ano passado, a casa dos Cr\$ 20 bilhões. Seu ativo circulante — ou seja, a grana que lhe devem — chega a quase Cr\$ 10,2 bilhões. Só o governo lhe deve mais de Cr\$ 4 bilhões.

* José Roberto de Alencar é editor da Gazeta Mercantil.



RÁDIO

A Guerra da Latinha

*Vaidosos, ricos, conhecidos e viajados. São os campeões do nosso futebol pelo rádio — inimigos cordiais na briga pela emoção dos torcedores. Por Vital Bataglia. **

Chegará o dia em que o torcedor não irá mais aos estádios, ficará em casa ouvindo o rádio, o grito emocionante de gol, onde o futebol ainda é futebol, e a bola nunca passa longe da meta, sem nenhum perigo. Pouco importa a verdade nas imagens da TV, aparelho mediocre que só sabe repetir insistentemente o pênalti contra o seu time, tentando mostrar que a falta foi mesmo dentro da área.

Bons tempos eram aqueles de Geraldo José de Almeida na Panamericana, onde o juiz sempre roubava contra o Brasil — lembram-se de Brasil e Hungria em 54? — nunca dava pênalti em Leônidas, e só sabia enxergar coisas absurdas em nossa área. Ainda bem, aí estão os dois maiores heróis da cidade para provar que podemos viver sem as tecnologias mais avançadas, como o *Pai da Matéria*, popular Osmar Santos, o garotinho de 32 anos, e o inconfundível Fiore Giglioti, que abre as cortinas do espetáculo há mais de 30 anos. E, como existia o Pedro Luis para acompanhar só a bola durante os 90 minutos, nos tempos de Geraldo José, agora também existe o José Silvério.

Os três travam a maior Guerra da Latinha do rádio esportivo paulista, e é bom

esclarecer, antes de mais nada, que latinha é o apelido do microfone. Osmar, Fiore e Silvério são amigos, inimigos cordiais. Fiore, por exemplo, já não aguenta mais esse papo do Osmar ameaçar ser contratado pela Rádio Bandeirantes e confidencia: "Quem sabe ele virá um dia. Pretendo parar depois da Copa da Espanha".

Isso para não dizer que Osmar viria para cair no esquecimento, como aconteceu ao correto Joseval Peixoto há algum tempo. Joseval brilhava nas transmissões da Jovem Pan, chegava a ofuscar o veterano Fiore na audiência da Capital. Mas bastou mudar de prefixo e nunca mais se ouviu o mesmo Joseval, o locutor que influenciou Osmar. "Olha o chutinho dele", dizia ironicamente. E Geraldo Blota, o *GB*, respondia lá de baixo: "Fraquinho, fraquinho".

Foi na Jovem Pan que Osmar começou a ganhar projeção nacional, ocupando o espaço deixado por Willi Gonser. Num estilo bem popular, sem o improviso do nível de Joseval mas com frases feitas e bem criadas, ele foi caíndo no gosto do torcedor: "Essa foi do peru", "Olha que o cachimbo cai". E pela primeira vez, a Bandeirantes, líder absoluta, começou a sentir

que não estava mais tão sozinha na parada esportiva, depois que Pedro Luiz e Edson Leite penduraram a latinha e que Geraldo José de Almeida passou para a televisão.

Bem no seu estilo caboclo, Fiore continuou fiel ao seu público: "Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo". Ou então: "Mauro Pinheiro, o comentarista que realmente sabe comentar". E ainda acrescentou novidades capazes de agradar aos companheiros de pesca no barranco e as quase 80 cidades que já lhe entregaram o título de cidadão por esse interior afora. "Tem peixe na rede", diz toda a vez que a bola entra; toda vez que surge um gol.

José Silvério veio do Rio, e ocupou o lugar de Osmar Santos na Jovem Pan. O seu grito de gol só poderia ser repetido por um Agnaldo Rayol, mas para alguns torcedores é perigoso ouvi-lo quando as crianças estão dormindo. Ninguém pode negar que eles dividem hoje o grande bolo publicitário do rádio esportivo, mais de 150 milhões de cruzeiros por mês. Conseguem dividir as opiniões justamente porque possuem apenas estilos diferentes, mas são também três personalidades distintas.

GAROTINHO CONQUISTADOR — Osmar Santos chegou à grande cidade temendo duas coisas: o horror

*Vital Bataglia é o reporter do Jornal da Tarde.

velhice (ou seria maturidade?) e ao Aparecido, que se interpõe ao Osmar e ao Santos. Rapaz simples de Oswaldo Cruz, com passagem de sucesso na Rádio Verinha, de Marília, precisava de auto-afirmação. De que forma? Passou a afirmar-se justamente com mil namoradas, sempre as garotinhas que gostavam de sua voz bonita vivendo em meio dos estudantes de Educação Física, quando na verdade já não era mais menino, mas um jovem senhor de 25 anos. Camisa esporte, jeans, tênis e uma grande insegurança, talvez causada pelo próprio dono da emissora em que trabalhava, e que o tratava como um garotinho mesmo.

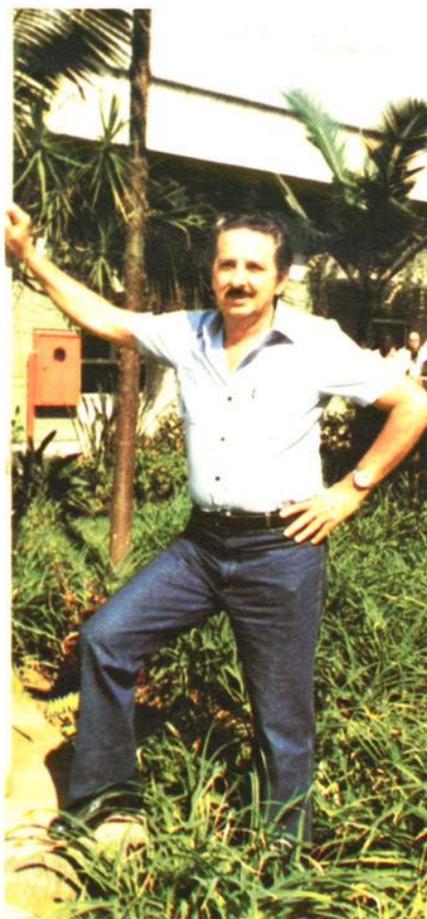
Aliás, ainda hoje, Tuta, dono da Jovem Pan, não cansa de repetir: "Quem faz o profissional é o prefixo de minha rádio". Ele quase sempre teve razão. Quando Joseval deixou a sua rádio, avisou que não teria vida longa na Bandeirantes, e acertou. Deixou-o sair sem oferecer um centavo a mais para ficar e logo descobriu o próprio Osmar Santos.

Quando a Globo-Nacional fez a proposta por Osmar Santos, Tuta desesperou-se. Pela primeira vez ele compreendeu que iria perder dinheiro, tentou cobrir a proposta da rival, mas não conseguiu, e lançou todo seu veneno acusando o capital estrangeiro de roubar seus empregados. Muitos resolveram ficar, com salários bem melhorados, enquanto repercutia um slogan criado após o episódio: "A Jovem Pan é só rádio".

VOANDO ALTO — O elefante estava com a pata sobre a formiguinha, a Globo havia estremecido a ilustre casa dos Carvalhos (Tuta é filho do Paulo Machado de Carvalho). Não é preciso dizer que Osmar trocou os jeans Levis pelo Valentino, e a Pensão da Dona Rosa, no aeroporto, pela Churrascaria Rodeio, nos jardins. As pessoas inalcançáveis que ele citava em suas transmissões — Sandra Bréa, Boni, Fernando Henrique Cardoso — passaram a fazer parte de seu círculo, como artista de sucesso, e ele tentou mostrar toda a sua ideologia política, sua capacidade de "ir

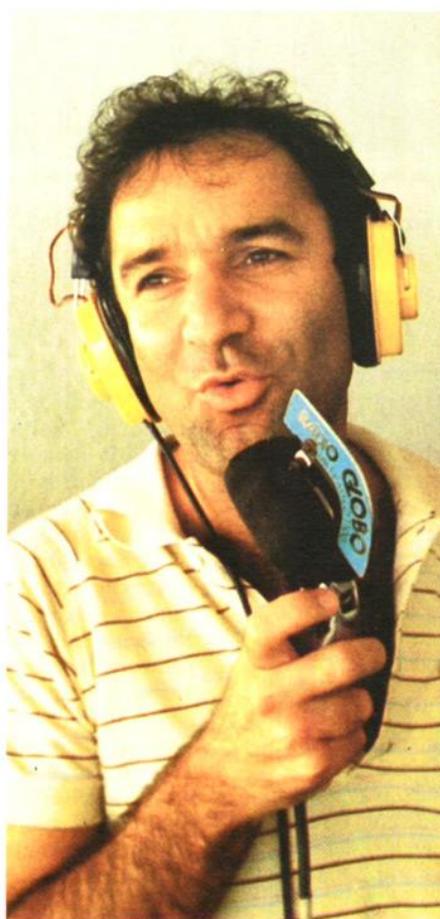
fundo" no assunto.

Teve influência, sem dúvida, na eleição do jornalista Audálio Dantas a deputado federal, ajudou Fernando Henrique a contar votos para o Senado, mas durante a greve no Sindicato dos Jornalistas, Osmar provou que sua estrutura ainda não estava firmada. Usou o palco para falar à classe dos jornalistas, como se estivesse irradiando um Corinthians e Palmeiras, em alegre tarde de domingo — e na verdade



Fotos: Claudiné Petrolli

Enquanto Fiore cuida de si ...



... Osmar encanta o patrocinador.

só faltou o "Ripa na Xulipa" e o "Pimba na Gorduchinha".

LATINHA SOCIALISTA — O sucesso abriu-lhe o caminho em meio aos jogadores, e ele tentou até aprofundar-se em análises, criticando abertamente o presidente da Federação Paulista de Futebol, Nabi Abi Chedid. Estaria ele criticando apenas o péssimo administrador de futebol ou simplesmente um deputado de extrema direita, para satisfazer seu anfiteatro político, como dizem na casa do futebol?

Outro dia, no quente das brasas da Churrascaria Rodeio, uísque escocês e Ziraldo à mesa, Osmar falava de suas convicções socialistas, sem qualquer cerimônia, continuando sua incrível luta contra aqueles que pensam que ele é só "O Pai da Matéria", que chama Rosemiro de "Namorado da Raquel Welch", que declama Chico Buarque na ausência de impro-

viso, e para quem as bandeiras do estádio continuam "tremulando, tremulando..."

Consciente, mas vivendo em meio a certa *entourage* que lhe esconde alguns defeitos, Osmar sabe que a geração de garotinhos cresce, que logo esses garotinhos terão 32 anos, como ele, e que não será mais possível falar a mesma linguagem com novos e verdadeiros garotinhos. Ei-lo numa encruzilhada, igual àquele de Roberto

Carlos, nos tempos da Jovem Guarda. Roberto encontrou o seu caminho.

VEZ DO ANUNCIANTE

— Quando Osmar acertou seu ingresso na Globo, o salário em si poderia não ser grande coisa, mas a porcentagem sobre a publicidade poderia torná-lo um dos homens mais bem pagos do rádio brasileiro. A princípio, ele frequentava as grandes empresas publicitárias, fez muitos amigos nos jornais, tornou-se personagem da imprensa. Aos poucos passou a conhecer diretamente os diretores de *marketing* e depois os donos das empresas.

Hoje, no intervalo dos jogos, não é Loureiro Júnior ou Carlos Aimard que falam

como está o jogo, mas pode ser o japonês dono da Sanyo, o diretor da Topper ou quem sabe, um Juca Chaves, Clodovil... Depois também nas viagens internacionais o comentarista passou a ser preterido, e não é preciso dizer que, se Osmar ganhou dois inimigos no rádio, conseguiu faturar cada vez mais alto — afinal, o que poderia dar mais charme para alguém do que aparecer na Globo comentando o jogo narrado por Osmar Santos?

Nem por isso Osmar Santos deixou de se compor novamente com Audálio e outros amigos do Sindicato dos Jornalistas para formar na chapa vencedora das últimas eleições, onde talvez só tenha colaborado mesmo com o seu voto. O Ibope pode continuar apontando a Bandeirantes em primeiro lugar, mas não há dúvida que Osmar ainda está com a bola toda, pelo menos quanto à sua remuneração mensal. Até o dia, quem sabe, que volte a ter a seu



Silvério: rapaz simples, casa de Cr\$ 10 milhões e um gol escandaloso.

lado apenas um comentarista que não seja o dono da Sanyo e nem cante desafinado.

SEM CRÍTICAS — Chegavam às cidades com o time de futebol, o “*Scratch do Rádio*,” e tomavam conta da Prefeitura, da Câmara dos Vereadores e do povo. Ali estava o grande Fiore Giglioti, o chefe da família Bandeirantes, com Mauro Pinheiro, Flávio Araújo e tantos outros. Depois do jogo, a festa na Câmara. Fiore recebia o título de cidadão e por mais de cem vezes foi chamado para ser padrinho de batismos. Quantas vezes esse caipira de Lins fez o Brasil chorar ondas curtas e médias, falando lá do Exterior: “Que saudade do feijão com arroz, torcida brasileira”.

E ao mesmo tempo em que mandava beijos e abraços à esposa, ao filho Marcelinho, indicava o dia da volta, prefixo de avião, e procurava unir a imprensa, que estava longe de casa, ao povo. Era esse calor humano que caracterizava Fiore, um locutor pouco preocupado com o rumo da bola — sempre um pouco atrasado na jogada — e que jamais emitiu opinião que pudesse de qualquer forma magoar dirigentes ou jogadores.

Fiore sempre foi de boa paz. É verdade que não precisa, com seu salário da Bandeirantes ocupar um cargo na Coordenadoria de Esportes, sem prestar o menor

serviço, mas antigamente era hábito radialistas ocuparem empregos públicos sem darem coisa alguma em troca e ainda hoje há vestígios desses cabides. “É por isso que ninguém metia o pau em ninguém na Bandeirantes”, comentava-se.

Na velha briga pelo título de titular da rádio, Fiore conseguiu sobreviver à força interior de Pedro Luis, uma voz cáustica que fazia parar a Praça da Sé; a Edson Leite e outros nomes famosos. Sempre continuou sua luta isolada. Quando Osmar Santos foi para a Globo, a Tupi tentou contratá-lo. Ofereceu-lhe um salário quase cinco vezes maior que o da Bandeirantes e mais luvas. Salomão Esper, diretor de rádio, declarou: “A Tupi está pagando um caminhão de dinheiro para o Fiore, não temos como segurá-lo”.

DO LADO CERTO — No dia seguinte, João Saad, dono da rádio, chamou Fiore em seu escritório. Ele já estava de contrato assinado com a Tupi, mas resolveu ficar na Bandeirantes. “Agradeço de todo o coração o convite” — disse ele a Luis Aguiar. Mas pelo amor de Deus não me faça nenhuma proposta”. No caminho entre Bandeirantes e Tupi um companheiro de equipe, velho integrante da família, chamou o locutor de lado e disse-lhe: “Fiore, é o momento de você conseguir

um bom aumento para toda a equipe”. Fiore prometeu, mas não cumpriu. Traçou de sua vida, e ninguém mais teve um tostão de aumento.

Recentemente, quando seu antigo companheiro de trabalho Mauro Pinheiro foi dispensado, ou quando viu Flávio Araújo sair da sala do Diretor também demitido por ser considerado velho, Fiore, que já passou suavemente pela casa dos 50, só teve um gesto: lamentou o acontecimento. Ficou também ao lado de um diretor do Palmeiras que proibia um mascote de entrar com o time, por ser deficiente físico, contra a posição de alguns jornalistas que criticavam o cartola. Chegou a acusar a imprensa em sua rádio, como se ele não pertencesse a classe.

“É na verdade não pertence” — diz um integrante da equipe. A prova está nos comentários que escreve para um jornal, ganhando menos do que o salário mínimo e tomando o lugar de um jornalista. Mas reconhece que ele é um fenômeno com o microfone na mão, como o Chacrinha. E como fenômeno, não pode ser explicado. Ainda é o líder de audiência no Estado de São Paulo. Quando Osmar ameaçou ir para a Bandeirantes, Chico Paes de Barros, diretor da Globo, sorriu, segundo testemunha do fato, e respondeu: “É mesmo? Então, nós contrataremos o Fiore”.

DA FOME À FAMA — O mineiro José Silvério, desde que deixou a sua cidade de Lavras, passou muito aperto até alcançar o sucesso. Fazia pontas de transmissão de jogos do Rio para a Rádio Tupi de São Paulo, quando foi convidado para trabalhar na Jovem Pan por um salário que mal dava para sustentar mulher e dois filhos.

Acabou vencendo pela perseverança, e quando Osmar deixou a Pan, ele passou de terceiro narrador — atrás de Edmar Anuseck para Chefe de equipe. Não estava ainda preparando para isso. Sofria pressões dos repórteres — e também do dono da rádio — e acabou não suportando o peso do comando, criando algumas áreas de atrito na equipe e retornando apenas ao seu trabalho de narrar.

Silvério não se formou, mas está sempre bem informado, embora viva um ambiente de pressões naturais, pois vários elementos de sua equipe são também empregados em entidades públicas ou esportivas. Às vezes, por isso, Silvério é surpreendido pela incoerência de ver criticado e elogiado, por exemplo, o presidente Nabi Abi Chedi dentro do mesmo assunto.

Não se pode negar, porém, sua honestidade de propósito. Ele ainda é um rapaz simples, de poucos amigos e que anda de bermudas pela casa nova: pagou 10 milhões de cruzeiros e ela agora já vale pelo menos 15. Seu grito de gol é um escândalo capaz de acordar toda a vizinhança, não existindo no Brasil alguém que consiga, como ele, gritar o gol exatamente quando a bola entrou. No melhor estilo da velha escola do rádio.



Fiéis, os torcedores identificam o grito de gol de cada um.

Peixe dividido

Bertioga divide a pesca.
 Por Leonor Amarante *

Um som grave e primitivo invade a praia deserta. Aos poucos, dezenas de pessoas respondem ao chamado. Não é o canto das sereias. Muito menos lamento do poeta Vicente de Carvalho, quem melhor cantou o mar limpo da praia do Indaiá. É a volta do pescador, o herói anônimo do cotidiano, convidando ao arrastão. Magicamente, surgindo de pontos antes desertos, gente de todas as idades se reveza no cabo que puxa a rede. Crianças e velhos disputam igualmente seu lugar. No final, todos formam um círculo onde é feita a divisão dos peixes. Ninguém é privilegiado, todos recebem. A sobrevivência está garantida até o próximo arrastão.

Esta cena se repete, várias vezes por dia, nos 14 quilômetros entre os penhascos graníticos da Ponta da Enseada e as sentinelas avançadas que limitam as curvas graciosas das praias da Bertioga. Nessa luta, alguns nomes já estão profundamente marcados na areia e seus rastros nem mesmo as ondas mais impetuosas conseguem apagar.

Aristides dos Santos, 64 anos, 49 de pesca, é o mais antigo pescador do local. Com o pai, também pescador, aprendeu a domar as ondas bravias, a conhecer a doçura do remanso e a temer os ventos que prenunciam as tempestades. Mas foi também com ele que aprendeu a dividir os peixes. Assim, há mais de quatro décadas fica com apenas um terço do que a sua rede arrasta. O restante é repartido com os integrantes do mutirão. O mais comum entre os pescadores locais é uma divisão meio a meio, mas Aristides é diferente. Ele compreende que a força, o companheirismo e a luta do dia-a-dia travada por seus amigos não têm preço. "Se eu pudesse deixava até mais um pouco".

No século XVI, por sua localização privilegiada, Bertioga foi um dos pontos de defesa do litoral brasileiro contra os franceses. Era a luta contra os invasores. Canhões contra flechas. Pólvora contra bodoque. Carabina contra tacape. Caravelas contra canoas. Hoje, porém, nos 14 quilômetros de praias semi-desertas, uma nova luta se trava. Mas agora o invasor tem armas mais poderosas: radares, motores possantes e até frigoríficos. Pescadores como Aristides ainda mantêm as mesmas condições técnicas do século XVI. A canoa, a rede de algodão, as cortiças e os chumbos são os mesmos que o acompanham há 40 anos.

A Bertioga, cujo nome origina-se da palavra indígena Paratioca, ou refúgio das tainhas (nos meses de maio, junho, julho



Aristides: 49 anos no mar.

e agosto, esta espécie de peixe se esconde no litoral paulista que liga a Bertioga ao continente, denominado "Ceileiro de Piracemas e Tainhas", que aí encontram o seu habitat preferido), é hoje invadida por possantes navios pesqueiros.

As companhias de pesca multinacionais, recolhem o pouco pescado que ainda resta. Impotentes em seus barcos semelhantes aos do indígenas, alguns poucos com motor de popa, os pescadores da Bertioga não podem fazer quase nada. Desiludido, Aristides alerta as autoridades para esse problema. "Os barcos das grandes empresas pescam durante todo o ano, não respeitando nem mesmo o período da desova das tainhas".

E Aristides gosta de contar essa história: "As tainhas desovam na água doce, no mesmo lugar onde elas nascem. E no Brasil isso acontece na cabeceira dos rios dos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Quando elas estão maiores, entram no oceano e comem uma longa caminhada até a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Esse percurso dura três meses. Elas permanecem três meses na lagoa e voltam às cabeceiras dos rios para a desova". Com o desrespeito à lei natural de preservação da espécie, as tainhas vão se tornando cada vez mais raras, o que chega a provocar uma crise social na região.

Quando Aristides relata esse fato seu rosto se modifica e as rugas ficam mais acentuadas. "Temos vivido uma história bem triste aqui nestes mares. A falta de peixes tem deixado muita gente sem comer. Tem mulheres e crianças que na hora

do almoço catam caramujos na areia. Antigamente a gente chegava a puxar a rede até seis vezes por dia, com chuva e sol, e conseguíamos até dez toneladas de peixes de uma só vez. Hoje retiramos no máximo 300 tainhas por rede, isso se tivermos sorte." Nesta época, recorda Aristides, "a pesca favorecia aos pescadores; a gente trabalhava para os frigoríficos, mas dava para viver. Hoje não compensa. Vendemos um quilo de tainha por apenas 50 cruzeiros e ele será revendido no mercado por 200/300".

Diante dessas dificuldades, toda a experiência transmitida no dia-a-dia por seu pai, que pescou até os 85 anos, não terá continuidade: o filho de Aristides - também conhecedor dos mares desde menino -, hoje divide seu trabalho de pesca com o de pedreiro. Assim, o barco, as redes e o remo antigo estão condenados a se aposentarem, mesmo contra a vontade do velho pescador que, de pé em cima de sua frágil embarcação, como um índio tamoió, vai singrando as águas numa cadência única, ao sabor das vagas, que nunca se repetem.

A relação de Aristides com o mar é muito forte. E parece que o imenso oceano compreende esse amor. Num verão qualquer dos seus 69 anos, uma tempestade virou o barco. Ele estava com seu pai, que não sabia nadar e nunca pensou em aprender e nem em carregar salva-vidas. Gostava de aventuras, acreditava no mar e tinha a certeza de que não o trairia. Essa compreensão mútua parece que o acabou salvando. "Nós ficamos mais de duas horas esperando socorro, enquanto eu tentava manter meu pai na superfície. As ondas eram gigantescas, mas mesmo assim conseguimos nos salvar".

A vida extremamente simples e despojada vivida pelos pescadores, permeada de atitudes humanas, tão esquecidas pelos apressados habitantes dos grandes centros urbanos, muitas vezes faz com que eles nem percebam as discriminações que praticam contra as mulheres, igualmente pescadoras. Na divisão dos peixes, na primeira rodada, quando é distribuído o melhor pescado, somente os homens recebem. As mulheres e as crianças só participam da segunda.

Ivan Rizzi

HAUTE COIFFEURE

MAQUIAGEM

DEPILAÇÃO

R. DUARTE DE FREITAS, 183 - FONE: 469-5705 - MOGI DAS CRUZES - SP

*Leonor Amarante é reporter de O Estado de S. Paulo.

POLÍCIA

Eles têm 10, 13, 15 anos.

Magros, maltrapilhos, olhos baços e sofridos, contam estórias da droga que os transformou em arremedos de gente. Vendendo e se utilizando da maconha, estes pequenos traficantes são a parte mais triste da luta pela sobrevivência nas grandes cidades.

Por Renato Lombardi*

Viagem sem volta



Cerca de 3500 menores estão fichados como viciados e traficantes nos arquivos da polícia e da Febem de São Paulo. Mas, o que leva meninos ao vício, à droga?

Para Valter Fernandes, da Delegacia Geral de Polícia, além dos fatores econômicos, como o desemprego, deve ser levada em conta a influência de causas de ordem familiar, como pais desajustados e imorais, excesso de tolerância com o ócio, abandono espiritual e relaxamento da disciplina no lar. A falta de integração comunitária do menor viciado, e a inexistência de fiscalização efetiva em fliperamas, bares fechados, mini-bilhares e bailes são, ainda, para o delegado, causas determinantes do crescimento do número de menores viciados.

E os índices deste aumento são assustadores. Pesquisas realizadas, em 81, na população escolar de São Paulo, pelo Instituto de Medicina Social e Criminologia, revelou que nove ou dez entre cem estudantes da rede oficial e privada de ensino, já experimentaram ou utilizaram entorpecentes. O maior número de viciados pertence ao período noturno e muitos deles tiveram sua iniciação nas drogas aos treze anos. Este foi o caso de B. Pertencente a uma tradicional família do interior paulista, aos 14 anos fumou maconha pela primeira vez e nunca mais parou. Hoje, aos 23 anos, faz tratamento psiquiátrico e sua recuperação é lenta.

Do vício, B passou ao tráfico, caminho quase sempre trilhado pelos menores viciados, que não contam com um trabalho de reentrosamento na comunidade: "Para conseguir droga" — explica — "precisei vender. O início é perigoso, mas você entra no circuito e acaba até tendo a proteção da polícia".

Fatores econômicos são, também, fortes determinantes da transformação da criança, especialmente aquela da periferia, em viciado e traficante: CC de 11

anos, vende maconha num largo do Jardim Japão, em Vila Maria. Quando foi preso, seus pais contaram que há alguns meses ele vinha entregando maconha, instruído por um traficante. O pai de CC disse não ter condições de interná-lo e que da Febem ele já escapou duas vezes. Mudando de casa e de bairro, poderia resolver o problema, mas ganha salário mínimo, tem outros quatro filhos e mora num quarto pagando Cr\$ 5.000,00 por mês.

A inexistência de uma investigação rígida aos menores viciados e traficantes, e a falta de uma legislação profilática-repressiva adequada, são estímulos a este tipo de delito. É por isso que Nestor Sampão, delegado titular da Divisão de Entorpecentes, tem colocado nas ruas policiais que, hoje, se dedicam especialmente às escolas. Nas pesquisas, a razão desta preocupação: muitos estudantes admitiram comprar maconha na vizinhança do colégio. A maioria se declarou viciada, sendo que vários casos de intoxicação aguda acontecem mas são mantidos em sigilo.

PS, com 10 anos incompletos, vem confirmar a pesquisa. Hábil traficante de maconha, vende a droga para *hippies* e marginais que freqüentam as proximidades da estação rodoviária de São Paulo. Quando agarrado por policiais, contou ter sido expulso da escola porque vendia maconha para os estudantes. Sua mãe mora em uma favela em Osasco, e ele fica por vezes dias sem aparecer: "Lá passo fome. Na rua, vendendo maconha, posso comer".

A história de NS não é diferente: aos 16 anos, já foi levado três vezes para a Febem e quando saiu, voltou ao tráfico. NS é vendedor de maconha nas zonas Leste e Oeste da cidade, com extensa ficha na Febem, e explica a razão do grande número de menores que, como ele e PS, vivem do tráfico de drogas: "Os maiores de idade não estão mais se arriscando. A um garoto, o máximo que pode acontecer é ir para uma das unidades da Febem e, com bom

comportamento ou se der para fugir, a gente sai logo. Além disso, nos oferecem vantagens, como dinheiro e algum fumo".

Quando no colégio interno, NS sonhava em ser engenheiro. Deixado por sua mãe, aos 10 anos, com os padres, fugiu aos 12 por ter levado uma surra. Voltou para casa e, pouco depois, praticou seu primeiro furto. Não parou mais. Assaltou, furtou, matou três pessoas. Seu irmão, que hoje está na Casa de Detenção, lhe deu o primeiro cigarro de maconha. É com frieza que NS conta seus assaltos e mortes — pois para ele isto faz parte da própria vida: "Este é o mundo em que vivo. Quando saio, pela manhã, não sei se volto. Mato para não morrer. Um dia pretendo parar com tudo. Não tenho preferência por qualquer profissão. O sonho de ser engenheiro acabou".

Como estes meninos, precocemente transformados em marginais, muitos outros falam de um caminho sem volta, e suas vidas são o testemunho da incompreensão, da pobreza, do jogo pela sobrevivência, no qual entram para perder. VM tem 13 anos e seu emprego na fábrica de bichinhos de pelúcia está perdido. O cheiro da maconha no corredor da pequena indústria chamou a atenção do encarregado do setor de montagem, que resolveu segui-lo encontrando VM fumando atrás de uma caixa de papelão.

Agora, sem trabalho, sobrevive com assaltos, furtos e vendas de drogas. Seu pai é aposentado por problemas mentais, tem oito irmãos e já foi preso mais de 40 vezes. Quando não tem maconha, VM usa psicotrópicos e, há pouco tempo, deixou de andar nos bairros de Jandira e Barueri porque foi assaltado e deu alguns tiros. Hoje ele está preso, numa das unidades da Febem.

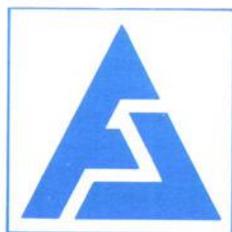
RG também tem apenas 13 anos de idade, mas apesar disso, já assaltou, feriu e matou. Fuma três cigarros por dia e não pensa em voltar para a casa de seus pais. "Quando fumo maconha fico como um doído e só penso em matar. As pessoas não acreditam porque sou pequeno, mas eu realmente não sei o que se passa comigo", confessa RG, preso vendendo drogas em Ribeirão Preto, e hoje está numa unidade da Febem.

Ele estudou até o segundo ano primário, quando fugiu de casa em Três Lagoas, no Mato Grosso. Com 11 anos, conheceu alguns meninos assaltantes, juntou-se a eles e começou a fumar maconha. Anda sempre com dois revólveres e quando foi preso contou que, além de assaltos e furtos, é autor de dois assassinatos. Pequenos marginais crianças que já desaprenderam como brincar e sabem que não existem portas ou saídas para sua situação. São, como diz MS de 16 anos, a imagem da desesperança: "Eu vivo numa outra, meu mundo é outro. Sei que sou o resto da sociedade, mas nada posso fazer. Quem sabe um dia, o que é muito difícil, as coisas mudem".

*Renato Lombardi é repórter policial da Rádio Bandeirantes.



ABRINDO CAMINHOS PARA UMA VIDA MELHOR



Almeida & Filho Terraplenagens Ltda.

MATRIZ: AVENIDA AERO CLUBE, 319 — TELEFONE (0243) 42-3042 PABX - BAIRRO AERO CLUBE - CAIXA POSTAL 54/55
INSC. ESTADUAL 80.551.452 - C.G.C.M.F. 32.487.258/0001-50 - CEP 27.180 - VOLTA REDONDA - EST. DO RIO DE JANEIRO

Uma revolução eletrônica

*O Brasil inicia nova era nas telecomunicações e começa pela microeletrônica. Por Wilson Marini. **

O lançamento comercial do telefone digital equivale, em termos históricos, à passagem do antigo aparelho que funcionava a manivela ao atual acionado por disco. Mas as inovações na área de telefonia no Brasil, nos próximos anos, certamente não irão se resumir na simples troca dos movimentos circulares por rápidos toques de botão. A Telebrás, empresa do governo responsável pela política nacional do setor, está preparando algumas novidades aos assinantes de todo o País, as quais serão implantadas gradativamente, à medida em que as empresas de serviço e os fabricantes forem assimilando o *know-how*.

Os projetos, que marcam o início de uma revolução na qualidade do serviço telefônico brasileiro, estão sendo desenvolvidos em Campinas, no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) que a Telebrás criou em 1976 e cuja sede foi inaugurada recentemente ao lado do rodovia Campinas-Mogi-Mirim.

TELEFONE COM VISOR — Os modelos de teclas atualmente comercializados apresentam dois dispositivos especiais — um para repetir chamadas sem acionar novamente os códigos, e outro que poderá servir no futuro para algum tipo de memória, ainda não programada. Num prazo de dois anos, segundo os técnicos, usuários dos grandes centros urbanos poderão optar por telefones ainda mais sofisticados. O aprimoramento conduzirá, por exemplo, a um visor em que a pessoa poderá ver o número que está chamando.

A microeletrônica possibilitará ainda outros confortos, como um sistema de armazenamento de códigos, para identificação das chamadas ocorridas durante as ausências. Também haverá um bloqueador automático de DDD e DDI, programável, dispensando os rústicos e antipáticos cadeados, bem como os bloqueadores de parede.

O CPqD pesquisa ainda novos equipamentos para centrais telefônicas. O "Trópico-L" será uma central de comutação digital, que incorpora uma série de novidades, entre elas o despertador automático e até mesmo a possibilidade de se fazer uma conferência por telefone, com vários aparelhos intercomunicando-se ao mesmo tempo.



Agora, chamada telefônica identificada na ausência.

A Telesp é o primeiro cliente da tecnologia de centrais telefônicas desenvolvida pela Telebrás em Campinas. A empresa instalará 12 unidades no interior de São Paulo, com componentes digitais e microeletrônicos. A primeira estará funcionando em novembro de 1983, em Cesário Lange. Facilidades de controle, supervisão, substituição de peças, localização de defeitos e espaço físico bem menor em relação às estações convencionais, são algumas das vantagens das novas centrais, especialmente para a companhia operadora.

MUDANDO A ROTINA — No desafio de alcançar a independência tecnológica, a Telebrás está mudando a rotina das pessoas sem que elas, na maioria das vezes, percebam a transformação. É o caso das antenas de comunicação por satélite nas regiões pobres do Norte e Centro-Oeste, que permitem acesso à televisão em áreas antes não atingidas por esses sinais.

A Telebrás iniciou seus projetos em Campinas através de convênio com o Instituto de Física da Unicamp. Será fabricada, pela primeira vez no Brasil, a fibra óptica. Ela tem a dimensão de um fio de cabelo e permite a passagem de centenas de canais telefônicos simultaneamente através da emissão de luzes em tempo fracionado. Com isso, os tradicionais cabos telefônicos de cobre tendem a se tornar brevemente peças de museu, como o telefone a manivela. Outra fibra já está sendo utilizada na usina hidrelétrica de Itaipu, para controle da transmissão elétrica. Em centrais elétricas, ela é vantajosa pois tem a propriedade de ser imune a interferências eletromagnéticas.

O CPqD leva nome do padre Roberto Landell de Moura, considerado um dos pioneiros na pesquisa de telecomunicações no País. Em 1892, ele transmitiu, no centro de Campinas, várias palavras, por distância de oito quilômetros. Nesta cida-

de, foi repellido por alguns fiéis e acusado de praticar bruxarias com seus testes numa oficina de fundo de quintal. Em 1900, padre Landell conseguiu a patente brasileira n.º 3279. Era o telefone com e sem fios.

CIRCUITOS INTEGRADOS — Este ano, começará a ser instalado em Campinas o Instituto Brasileiro de Informática (IBI), subordinado à Secretaria Especial de Informática e ao Conselho de Segurança Nacional, da Presidência da República. O instituto ocupará a área desativada pelo governo do Estado à Bravacin, que pretendia ser uma fábrica de vacinas.

O órgão atuará inicialmente nas áreas de microeletrônica, automação, controle de processo industrial e mecânica de precisão, trabalhando com a Unicamp e a USP. Para o físico José Riper Filho, o IBI tem importância estratégica "pois a eletrônica está passando por uma revolução que o País precisa acompanhar".

Em dois anos ele terá condições de fabricar circuitos integrados, utilizados tanto em relógios como em computadores e satélites de comunicação. Os técnicos explicam que Campinas foi escolhida como sede do instituto por possuir o CPqD e estar próxima ao maior centro consumidor da América Latina e a uma grande massa crítica.

MUDE A CARA

DE SEUS

NEGÓCIOS

VENHA PARA

AS CORES

DE ATO

* Wilson Marini é repórter da sucursal de Campinas de O Estado de S. Paulo.



Fotos: Amaro Neto

São José Esporte Clube: torcida de todo o Vale do Paraíba e Litoral Norte.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

O futebol solidário

*Um time de veteranos coloca a cidade no mapa brasileiro do futebol. Por Augusto Toledo Neto. **

Nos três últimos meses de 81, a população de São José dos Campos não conseguiu pensar em outra coisa. Comentários, falatórios, apostas, discussões nos bares, esquinas, nada escapava ao assunto do momento: a campanha do São José Esporte Clube, recém-promovido à Primeira Divisão do futebol do Estado, que praticamente devorava todos os seus adversários, grandes e pequenos, chegando, ao final do campeonato em posição até mesmo de disputar o título de campeão. Na verdade, uma façanha que o mais fanático de seus torcedores sequer ousava acreditar.

Mas os responsáveis por todo esse entusiasmo, o técnico Fidélis e seus jogadores, em nenhum momento demonstraram qualquer surpresa com seu próprio sucesso. "Formamos um grupo de pessoas onde cada um tem plena consciência de seus deveres e, dentro de campo, isso se manifesta através do companheirismo e da garra em busca da vitória" cansava-se de repetir Fidélis aos jornalistas de fora que buscavam explicações para o êxito surpreendente do elenco que entrava em campo com preparo de autênticos juvenis, apesar de quase todos os jogadores serem veteranos.

O segredo da extraordinária campanha do São José no campeonato paulista do ano passado, quando deixou de ir às finais devido a uma honrosa derrota por 3 a 2 para o São Paulo, em pleno Morumbi, está no espírito de amizade despertado entre os jogadores pelo seu treinador, que jogou com eles até 1979. Fidélis, 20 anos co-

mo jogador, fez ver que o sucesso do time seria também o sucesso de cada um. E, em razão da idade avançada de muitos deles, alguns desprezados por grandes clubes como Darci, Ivan, Ademir Gonçalves, Tião Marino, que passaram pelo Palmeiras e Corinthians, jogar no São José e com ele fazer boa campanha era talvez o único caminho de volta para os times grandes, ou, no mínimo, garantia de contratos renovados em situação bastante favorável no São José.

PREFEITURA SOCORRE — Depois de um início apenas razoável no primeiro turno do campeonato, o São José recuperou-se na fase seguinte, já sob o comando de Fidélis, classificando-se para o



O São José: Ivan, Ademir Gonçalves, Gerson Andreotti, Sotter, Campina e Darci; Luiz Cesar (massagista), Edinho, Tata, Tião Marino, Ademir Mello e Nenê.

octogonal decisivo do 2º turno. Deixou para trás clubes com maior tradição como Portuguesa, Palmeiras e Corinthians, tirando deles a vaga para a Taça de Ouro, onde, já no início, revelou a vontade de repetir a campanha de 81, ao derrotar o atual campeão brasileiro, o Grêmio, por 1 a 0.

SALÁRIOS GARANTIDOS — a sequência de bons resultados trouxe, como era de se esperar, grande número de torcedores ao seu estádio, a ponto de classificar o time em 6º lugar em rendas, atrás somente dos grandes da Capital. "Os resultados financeiros de 81 superaram amplamente a nossa expectativa e evitaram que fôssemos em grandes dificuldades para cumprir os compromissos com a folha de pagamento," admitia o presidente do São José, Augustin Soliva, ao encerrar-se a temporada do ano passado. Nesse período, e apesar da excelente campanha, o clube teria tido um déficit de Cr\$ 8 milhões, não fosse a providencial ajuda da Prefeitura, que socorreu o caixa do clube com Cr\$ 10 milhões.

Mas não ficou apenas nisso o auxílio da Prefeitura. Embora o São José utilize sem restrições as dependências do estádio "Martins Pereira", o único da cidade e com capacidade para 20.000 pessoas, o clube não tem qualquer compromisso com a sua manutenção. Quem cuida disso é a Urbanizadora Municipal — Urbam —, uma empresa de economia mista da cidade responsável pela administração do estádio, cujos custos compensa com a venda de publicidade e cadeiras personalizadas. Além disso tudo, o São José leva ainda sua parte nas arrecadações.

TORCIDA REGIONAL — A classificação da equipe para a Taça de Ouro trouxe alívio para o São José e seus jogadores, pois o elenco se manterá em atividade até o meio do ano e, dependendo da campanha, virão as grandes arrecadações, que tranquilizam o clube e mantêm o salários em dia. Esse círculo acaba-se fechando com o apoio da entusiasmante legião de admiradores do Clube. "Temos uma das maiores torcidas do Interior, pois todas as cidades do Vale do Paraíba e Litoral Norte também apoiam o São José, observa um conselheiro."

Para os jogadores, a oportunidade de exibir seu futebol em quase todos os Estados do país só pode representar boas perspectivas de futuro. Entretanto, nenhum deles revela de público qualquer desejo de deixar o São José, onde puderam mostrar seu talento sem pressões e exigências comuns em grandes equipes. Predomina a humildade. O ponta esquerda Nenê, por exemplo, um dos melhores na campanha do ano passado, diz apenas o que espera do São José em 82: "Temos todas as condições de manter a boa imagem deixada pelo time junto aos torcedores e à imprensa; para isso, basta mantermos a união e a solidariedade da campanha do ano passado". E é isso exatamente, o que todos os torcedores esperam.

* Augusto Toledo Neto é o correspondente de ATO em São José dos Campos.

Vitória suada

O Paulistinha vence a Copa e derrota Mogi.

Sem o seu campo de futebol, onde uma construtora levanta um edifício de apartamentos — e também sem poder contar com o espírito esportivo do União F. C., que se recusou a lhe emprestar ou alugar o campo para a disputa final da 1ª Copa Dreher de Futebol, onde só na fase de Mogi das Cruzes concorreram 49 equipes, o Esporte Clube Paulistinha conseguiu a façanha de vencer, invicto, o torneio promovido pelo jornal *A Gazeta Esportiva*. Não bastasse a árdua disputa, outro dissabor ainda esperaria a vitoriosa e justamente eufórica torcida do clube: a polícia de Mogi proibiu a passeata da vitória pelas ruas da cidade, só concordando em permiti-la caso a diretoria do Paulistinha assumisse a responsabilidade “por eventuais depredações”. Intimidados diante da sombria expectativa os diretores do time campeão recuaram. Afinal — com cordaram rapidamente — bem mais fácil era saudar o título com um churrasco.

PROMESSAS CUMPRIDAS — Comemoração à parte, a expressiva conquista



O Paulistinha campeão: em pé, Celso, Sali, Robertinho, Washington I, João Prancha, Pedro Gato, Nelsão, Nilton e Pelota (técnico); Mané (massagista), Mauricinho, Washington II, Pê de Ferro, Chupeta, Bingo e Muqueca (massagista).

dos mogianos do bairro do Socorro ficou restrita aos entusiastas do futebol, pois a escalada vitoriosa do tricolor não chegou a ser notada na cidade como algo digno de movimentá-la. O importante, no entanto — e sobre isso não parece restar dúvida alguma — foi o gol que o meia-esquerda Lali fez logo aos seis minutos do primeiro tempo, cobrando pênalti que levaria à vitória 14 minutos depois nos pés do pontadireita Mauricinho, liquidando, por 2 gols a 1, a equipe do Arthur Alvim, no campo do Saad, em São Caetano do Sul.

Esse título, não fosse a perda do campeonato regional para a equipe do Santo Ângelo, teria fechado a série de promessas que a diretoria do Paulistinha fez ao assumir o clube em fevereiro de 81, pois levan-

tou o bicampeonato do Torneio Bandeirantes e conquistou pela quarta vez o título da 1ª divisão do futebol mogiano. Ao contrário do União F. C. que pouco futebol mostrou em 81, a equipe do técnico “Pelota” levantou invicta a difícil Copa Dreher, marcando 29 gols e sofrendo apenas 6. Seu único ponto perdido foi na partida semi-final da copa, quando empatou em zero a zero com o Em Cima da Hora. “Posso largar feliz e realizado o meu trabalho amador”, confessava satisfeito Pelota. “Foi uma conquista de Mogi”, completava o presidente do clube José Maria Sobrinho, ainda magoado com a falta de apoio recebido. “Afinal” — dizia — “o jornal *A Gazeta Esportiva* às vezes nem dava o nome do clube, mas o da cidade”.

Revesti-Mogi

“CERTEZA DA MELHOR QUALIDADE”

CARPETES

FORRAÇÕES

FORROS E
DIVISÓRIAS

BOX

ARMÁRIOS
MODULADOS

EQUIPE DE
COLOCADORES
ESPECIALIZADA

PAPEL
PAREDE

PORTAS
SANFONADAS

CORTINAS

PERSIANAS

PAVIFLEX

ESTOQUE
PARA PRONTA
ENTREGA

LOJA - RUA BARÃO DE JACEGUAI, 457 - 469-4844/4894
DEPÓSITO - AV. ANTONIO MARIA DE SOUZA, 175
469-6882 - MOGI DAS CRUZES - 08700 - S.P.

pink and blue

INGLÊS PARA CRIANÇAS
E ADOLESCENTES

MOGI DAS CRUZES - Rua Santana, 68 - Tel.: 469-0020
SUZANO - Rua José Corrêa Gonçalves, 121 - Tel.: 476-4425

jean fer

premier

maquillage

facial and for the eyes

innocence

treatment line - creams, lotions and bronzers

FRAGRANCES

masculine line -

mr. jean fer premier, yuchagan, epiloga

feminine line - avec

↑
Implemente sobre ...
↗

Willy Damasceno

DEPÓSITO ANDRADE:

Willy Studio

Rua Dr. Paulo de Frontin, 102/104
Rua José Bonifácio, 148 - Fone: 469 4865

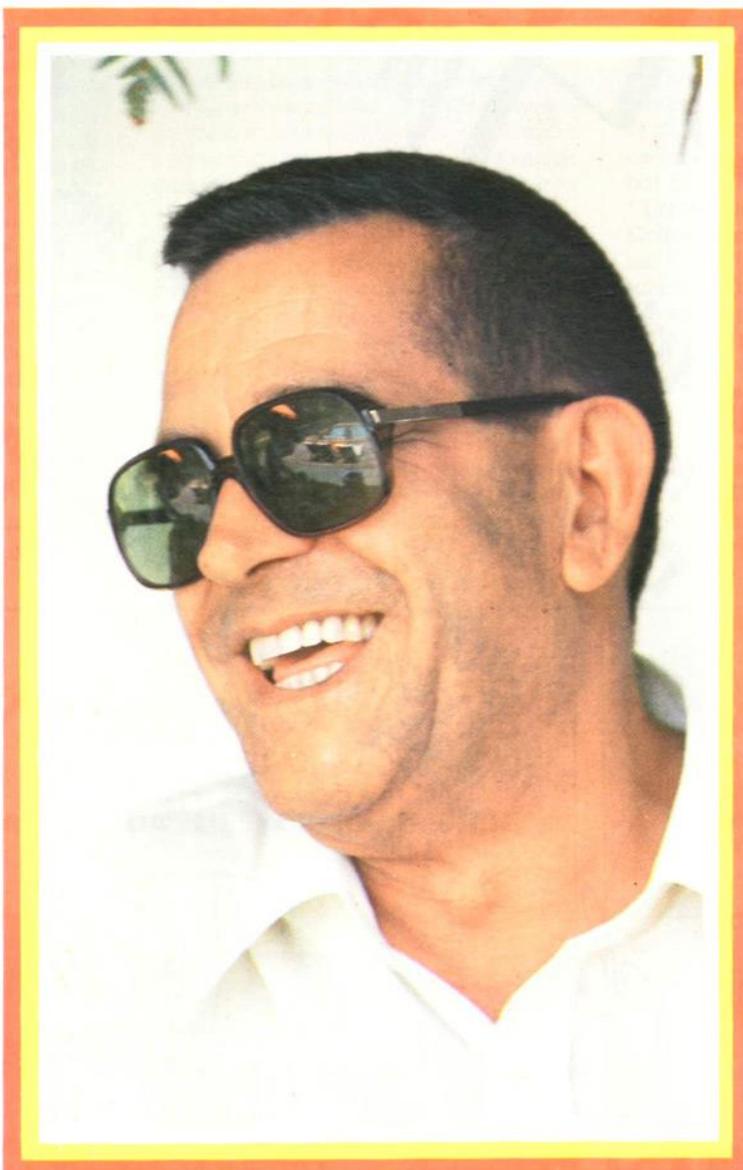
Vila Hélio, 78 - Fone: 469 0683

Rasgando o verbo

Waldemar administra com rigor, sobe os impostos todo ano, não admite empreguismo e vence qualquer eleição em Mogi. Por Fernando Leal.*

Aos 58 anos de idade, famoso em sua cidade e além dessas fronteiras por suas declarações, quando geralmente não se intimida como o vulgo ou a projeção de quem irá ser atingido, o prefeito Waldemar Costa Filho está encerrando sua segunda — e última, como promete — passagem pela prefeitura de Mogi das Cruzes. Nesses dois mandatos, os 10 anos em que comandou a administração da cidade, pois foi beneficiado com dois anos extras pela prorrogação de mandatos, Costa filho detém a façanha de ser considerado o melhor prefeito que a cidade teve desde que foi fundada — reconhecimento conseguido nem sempre de maneira calma.

Ao longo desses anos firmou definitivamente sua imagem perante a população: um sujeito rude, truculento, franco, ótimo administrador e capaz, com a mesma intensidade, de gostar e odiar em suas explosões de temperamento. Foi assim com o governador Abreu Sodré, no início da década de 60. Considerando-se ofendido por uma observação de Sodré, despejou-lhe um solene palavrão diante de outros prefeitos. E quando, após a fragorosa derrota nacional da Arena para o MDB,



em 1977, quiseram saber sua opinião sobre a atuação do presidente, não pensou duas vezes: “O presidente Geisel não tem nenhum prestígio político” — sentenciou. Em Mogi, sozinho, o prefeito aca-

bara de ganhar de três candidatos da oposição.

Pessoas de suas relações garantem que ele é “o melhor amigo e pior dos inimigos”. Recentemente, não engolindo provocação feita pela direção do PMDB local, repetiu a cena com o ex-governador: desta vez, o sonoro palavrão ecoou num auditório superlotado em que o prefeito falava tendo ao lado o bispo diocesano. Foi aplaudido de pé por quase três mil pessoas. Mas não foi só por sua caprichosa personalidade que ele criou fama e o carisma que o tornam, hoje, um candidato imbatível em qualquer disputa em que se meta. Construiu o acesso mogiano até a Dutra e a rodovia Mogi-Bertioga — a ligação para o mar que a cidade inteira já duvidava um dia sair.

Fumando — e muito — cigarros de baixo teor, após passar por uma cirurgia de estômago, o prefeito que agora promete dedicar-se apenas aos seus passarinhos e aos campeonatos mun-

diais, alguns deles já vencidos por ele, falou a ATO durante duas manhãs em seu gabinete, onde também faz frugais refeições: seu cardápio é de arroz, feijão, salada, bife, pescada, picadinho e água. Falou de sua vida, das brigas políticas, disse que elege seu sucessor e garantiu: “O que eu ainda não fiz em Mogi precisa ser feito de novo”.

* Fernando Leal é editor de ATO e repórter de O Estado de S. Paulo.

ATO: Como você entrou na política?

WALDEMAR: Foi em 1958. Eu era muito amigo do senador Frota Moreira e da deputada Ivete Vargas e um dia eles apareceram em casa juntos com o Álvaro Muller da Silveira, o "Dedê", e o Márcio de Souza Campos, primo do embaixador Roberto Campos, me convidando para ser candidato a prefeito. "Eu não tenho condições, não conheço política e não tenho paciência para isso", respondi. Acabei aceitando, saí pelo Partido Trabalhista Nacional e perdi a eleição por uns trezentos votos. Ganhou o Rodolpho Jungers e em segundo ficou o Nenê Lopes. Fui o terceiro.

ATO: A diferença foi muito pequena.

WALDEMAR: E eu só perdi porque conseguiram lançar o Oswaldo Hazer, amigo meu lá da Mineração Geral do Brasil, que hoje é a Cosim e que estava trabalhando para mim. Ele me tirou quase mil votos; não fosse isso e teria ganho. Mas foi uma sorte não ter ganho: não entendia nada de política, que nesse tempo era comandada pela senhor Carlos Alberto Lopes. Aliás, ele dominou a política mogiana por perto de 40 anos.

ATO: Nessa época os Lopes já eram seus inimigos políticos?

WALDEMAR: Eu não tinha nada contra eles. Minha briga contra eles começou exatamente no dia 24 de abril de 1964, quando eu já era vice-prefeito de Carlos Alberto Lopes, eleito nas eleições de 1963, quando tive quase 9 mil votos, 3 mil a mais que ele, que ganhou para prefeito. Então, dois meses depois de chegar a Prefeitura denunciei algumas irregularidades para Carlos Alberto Lopes e ele não tomou providências. No dia 24 de abril, fui na rádio Metropolitana e contei tudo.

ATO: Aí aconteceu o rompimento?

WALDEMAR: Essas denúncias envolviam parentes do prefeito em fraudes como a entrega de determinadas mercadorias para o Sema. Levavam uma carroça puxada por um burro no máximo 300 kg, mas cobravam 10 toneladas. A resposta foi que, no mesmo dia, recebi na minha firma de carros, a Sometra (revendedora Alfa Romeo) uma guarnição de guarda civil dizendo que o delegado Paulo Knipel mandara prender-me como agitador. Queriam que eu fosse com eles mas não fui. "Vocês podem ir embora que daqui a pouco estarei lá na delegacia", disse aos soldados.

ATO: E você foi à delegacia?

WALDEMAR: Eu fui e chegando lá o delegado Knipel, uma pessoa controlada pelos Lopes sob todos os aspectos, repetiu-me a acusação e disse que eu iria para o navio "Raul Soares", para onde eram levados todos os comunistas. Cortavam seus cabelos e jogavam "Neocid".

A Revolução errou: o PC deveria estar legalizado.

Quando iam em levar, os soldados entraram na perua e eu no meu carro. Fugi e eles atiraram quatro vezes contra mim.

ATO: Foi então uma fuga fácil...

WALDEMAR: Não. Da janela de sua sala o Knipel viu tudo e gritou: "Cuidado que ele está fugindo". Os soldados agarraram o meu fusca, e o levantaram no ar. Eu engatava ré, punha primeira, mas eles não soltavam. A minha porta direita estava fechada, mas pela esquerda agarraram meu braço tentando me imobilizar. Fiquei com uma bolha de sangue mais de 15 dias embaixo do braço. Aí, um deles tomou a frente do carro e apontou o revólver. Pus a cabeça para fora e berrei. "Pode atirar seu (*)". Aí eles largaram o carro, e eu fugi. Fui para a casa do Taruku Ono e depois para a do Ishiro Hide, na Capela do Ribeirão. À noite passei em casa, apanhei roupa e fugi para São Paulo. Lá, o secretário da segurança, general Aldévio Barbosa, deu ordem na hora para que não me perseguissem mais, porque eu não tinha nada de comunista. Meu sogro, o Moisés Karam, era amigo do doutor Adhemar de Barros, o governador na época.

ATO: Você, aliás, é um anticomunista ferrenho.

WALDEMAR: Sou mesmo, mas acho que o PC deveria ser legalizado. Acho que a Revolução errou nesse ponto. Deveriam deixar essa turma por a cabeça para fora, disputar eleições com a gente para levar chumbo, porque levam chumbo mesmo. Mas não, agora eles estão escondidos dentro do PMDB, do PT. Agora, gostar do comunismo eu não gosto mesmo. Lembro-me de 1935, do massacre que houve na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Foi uma covardia; acabaram com o pessoal dormindo.

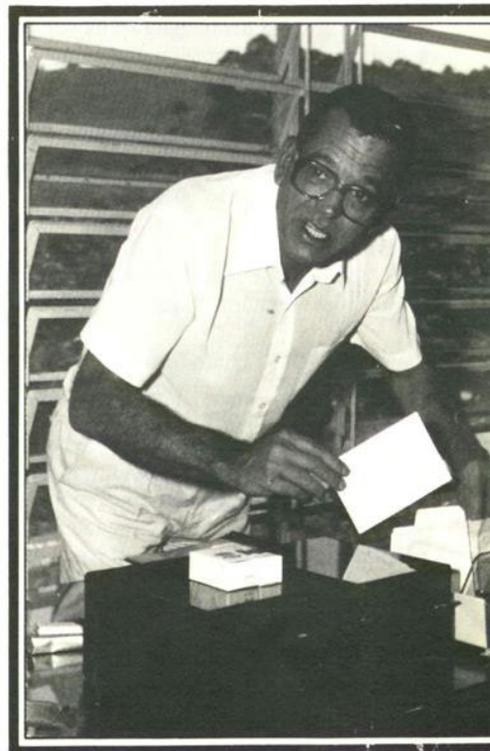
ATO: Mas você tem amigos comunistas...

WALDEMAR: Tenho. Aqui em Mogi, o comunista número um é meu amigo pessoal, o "Dito Sapateiro" (Benedito Afonso). Nunca discuti política com ele. E qual o problema dele ser comunista? Nenhum. Se o partido estivesse dentro da lei ele estaria vivendo conosco. Ele pegou cadeia e o diabo-a-quatro. Porque quem tem dinheiro no Brasil e é comunista não vai para a cadeia não; só peão vai para a cadeia, porque cadeia no Brasil é para peão".

ATO: Você foi da direção da Mineração; como era seu relacionamento com os empregados, com movimento trabalhista, que no início da década de 60 era bastante e agitado?

WALDEMAR: Eu era chefe do Depar-

tamento Pessoal e sempre me dei muito bem com os empregados. Tinha uma greve ou qualquer outro problema e eu falava com a direção: "O aumento tem que ser dado, o aumento é justo". Sempre fui



Prisão: "Queriam me mandar para o 'Raul Soares'".

franco — é ou não é. Era rigoroso no serviço, mas quando precisavam estava sempre a disposição deles.

ATO: Nas eleições de 68 e 76, quando você se candidatou a prefeito, os adversários acusaram-no de bater com chicote no pessoal

WALDEMAR: Falavam isso nos palanques só que nunca apareceu um cidadão para dizer "eu apanhei". Uma vez dei um murro num camarada lá e dou até hoje. O prefeito já deu uma porrada num sujeito aí fora e daí? Mas aquele caso da Mineração foi o seguinte. O Lamartine Ferreira Martins, que hoje é encarregado da Laminação, chegou no Departamento Pessoal e contou: "Olha, tem um cidadão lá que parou toda a seção e disse para o pessoal não trabalhar mais". Fui lá e resolvi o problema.

ATO: Parou a Laminação por quê?

WALDEMAR: Porque já estavam trabalhando há 10 horas e eu mandei trabalhar mais duas. Era muito pesado, mas eu pagava extraordinário, dobrado. Perguntei para ele: "Por quê você parou?". Ele respondeu: "Parei porque quis e não dou satisfação aqui dentro para (*) nenhum". Dei um murro na cara dele com fê. Dei mesmo. E fez "plec". O Lamartine ficou branco: "Ih, o senhor quebrou o osso da

cara dele". "Não, Lamartine: quebrei foi o meu braço". Peguei de mal jeito e fraturei o pulso. Então inventaram que batia de chicote. Vão na Mineração perguntar; naquele tempo eu era o cidadão que mais ganhava dinheiro em Mogi. Não constava na folha de pagamento. Ganhava por fora.

ATO: Como por fora?

WALDEMAR: Um engenheiro ganhava, por exemplo, Cr\$ 8 mil cruzeiros e eu, se não me engano, Cr\$ 14 mil. Não era certo ganhar mais que um engenheiro e o doutor Roberto Jafet me tirou da folha de pagamento.

ATO: Você teve também uma briga feia com o ex-governador Sodré. Como foi isso?

WALDEMAR: Quando fui prefeito pela primeira vez, fui convidado pelo Joaquim Coelho, prefeito de Biritiba, para a inauguração da barragem da Ponte Nova, quando o governador concederia audiência. Logo que cheguei notei que o governador me cumprimentou com má vontade e depois fiquei sabendo que era porque, semanas antes, eu teria votado no Hilário Torloni numa convenção da antiga Arena. E o pior é que não votei, exatamente porque, como disse ao Torloni, precisava do Sodré porque tinha 4.306 crianças sem escolas em Mogi. Jamais me esqueci desse número. Na audiência, falei desse assunto e ele cortou —: "Isso é problema seu".

Dei um murro na cara do sujeito e ouvi um 'plec'

"Do senhor também", respondi. Ele me disse então um "passe bem" e eu sai, desmontado.

ATO: Mas essa não é toda a história?

WALDEMAR: Não, porque o bispo de Mogi na época, D. Paulo Rolim Loureiro, e o professor Dirceu do Valle, continuaram conversando com o governador. D. Paulo me contou depois que defendera minha posição, dizendo que realmente precisava de escolas para quase 5 mil crianças, quando o governador falou: "O Waldemar tem a mentalidade do Arnaldo Cerdeira". O Dirceu me contou isso, fiquei nervoso e perdi a linha. Não gostava do Cerdeira. Os Lopes arranjaram com ele aquela minha prisão. Sai de onde estava e entrei no salão: "Doutor Sodré, mentalidade de Arnaldo Cerdeira é a (*)". Ele ameaçou pular a mesa para me pegar e só não pegou porque não pulou. Fiquei preso lá 45 minutos e só me soltaram depois que ele foi embora.

ATO: Então...

WALDEMAR: Voltei no carro com D. Paulo. "Vou renunciar à Prefeitura de Mogi porque se ficar enterro a cidade". Mas o Minor Harada é compadre de So-

dré, que o chamou no palácio. Queria falar comigo; fiquei receoso de ser maltratado, mas fui, ele me recebeu muito bem e hoje é meu amigo. E fez todos os prédios que eu estava precisando.

ATO: E a Igreja? Você tem feito muitas críticas a ela, e esse setor mais progressista?

WALDEMAR: Eu penso que lugar dos padres é na igreja, porque não acho certo eles levantarem o povo contra o governo. É certíssimo a orientação do povo em suas reivindicações, mas não é só isso o que fazem. O padre Luiz Ceppi, por exemplo, andou tumultuando e fui falar com o bispo. "D. Emilio, o cidadão está tumultuando minha cidade e eu não gosto que ninguém faça isso". Me dou bem com o padre Ceppi. Tudo o que ele me pede eu faço. O que eu não me conformo, não entra dentro de mim é você pegar o camarada que não tem nada e pôr na cabeça dele que ele tem que ter tudo. Falam isso mas não dão a fórmula. Não dão do bolso deles.

ATO: Você estaria sugerindo, por exemplo, que a Igreja deveria distribuir suas terras?

WALDEMAR: Eu não, eu não! Se eu tenho terras, dou para quem quero. Quem tem que dar terras para o povo, terras que estão aí sobrando, é o governo. Por quê mandar a Igreja dar terras, se nós não damos terra para fazer as casas populares? Por quê vou brigar com os padres? "Dê sua terra". Dá nada, a terra é deles. O governo federal, o estadual e o municipal é que têm que dar terras para as casas populares. Nós aqui em Mogi já demos a maior parte do que tínhamos para fazer essas casas, mas não fazem as casas populares nas áreas que nós demos. Por quê? Sei lá o problema número um do Brasil é a habitação. Demos os terrenos e eles não se mexem. Será que as casas populares no Brasil só são feitas em lugares para caçar votos, naquelas zonas onde eles não têm prestígio? Pode ser que seja isso.

ATO: Você não concorda que eles devem reunir-se para fazer pressão, ou acredita que devam ficar esperando sentados o governo fazer alguma coisa?

WALDEMAR: Se esperarem sentados nunca vão ter coisa alguma. O problema é que a Igreja pode entrar de outra forma, mais branda. Apesar dessas divergências de opiniões, o padre Ceppi ou qualquer outro jamais falou mal de mim ou da minha administração. Eu me dou muito bem com o D. Emilio. Tudo o que posso fazer por ele faço na hora. Ele não me pergunta qual a minha religião, por que eu não vou à missa e eu não pergunto o que ele faz. Aliás, eu não gosto mesmo de ir à missa. Não vou. Em compensação, a Leila, minha mulher, vai todo dia. E ela reza por mim. Acho que isso compensa tudo.

ATO: Faça uma comparação entre D.



Quando Figueiredo esteve me Mogi, ele surpreendeu Maluf ao cumprimentar amistosamente o prefeito, seu velho conhecido. Também o ex-governador Paulo Egydio Martins ficaria amigo de Waldemar, que, meses antes da eleição de 76, exigiu dele apoio para 18 obras: sem elas, não sairia candidato.



D. Paulo deve estar no Purgatório. No Céu nunca.

Emílio e D. Paulo.

WALDEMAR: Não há comparação, é da água para o vinho. É muito mais fácil você lidar com D. Emílio do que era tratar com D. Paulo. Por quê? Eu não vou falar porque D. Paulo já morreu. Nós tivemos muitas divergências. Ele não gostava de pagar impostos das terras da Igreja. Um dia ele entrou no gabinete com o Diomar Ackel, que hoje é juiz, muito nervoso porque eu ameaçava executá-lo. Entrou e disse que não ia pagar coisa nenhuma. "Se o senhor não pagar eu executo". Ele não pagou e eu executei. D. Paulo deve estar hoje no Purgatório, não deve estar no Céu, na minha opinião.

ATO: Quando ele morreu dois padres foram a sua casa tentando levá-lo ao velório e você não foi.

WALDEMAR: Não fui mesmo. Eu gostava do D. Paulo mas sempre coloquei o interesse da Prefeitura em primeiro lugar. Ele não gostava de pagar impostos. Esses dois padres amigos disseram-me que ficaria mal eu não ir, mas respondi que não ia: "Ele não gostava de mim e morreu não gostando. Por quê vou lá agora? Não vou não". O doutor Cascardo, que então era o prefeito, foi quem pagou as despesas para enterrá-lo na Matriz. A Prefeitura tinha verbas para isso, mas não me perguntaram porque o doutor Cascardo pagou do bolso dele. Ele, aliás também não gostava do nosso primeiro bispo.

ATO: Nesse tempo todo de muitas brigas você deve ter sido processado muitas vezes?

WALDEMAR: Fui processado 21 vezes e só fui condenado num processo a pagar Cr\$ 200,00 de multa porque eu li, naquela denúncia feita na Rádio Metropolitana, um livro do coronel Eduardo Leogeni, um interventor de Mogi nos anos 30, onde ele denunciava a corrupção na Prefeitura. Com isso, segundo a Justiça, eu teria ofendido membros da família Lopes, que estava denunciando naquele programa de rádio.

ATO: Falando nisso, e a imprensa mogiana, o que você acha dela?

WALDEMAR: O negócio é o seguinte: eu chegava para o "Tote" do "Diário de Mogi" e dizia: "preciso publicar isso". E ele publicava. Um dia ele me procurou: "Waldemar, se eu continuar publicando coisas suas eles não me darão mais nada para o jornal". Eles, no caso, eram os Lopes, com quem eu estava brigando. "Para de publicar; vai te prejudicar". Sou honesto para diabo nessas coisas.

ATO: Vamos falar do seu primeiro governo.

WALDEMAR: Eleito, pus 350 funcionários na rua no primeiro dia de mandato.



Março de 83: "Só vou cuidar dos passarinhos".

A prefeitura tinha funcionários demais. Ela precisa ser administrada como se fosse uma empresa. Se colocar aqui mil funcionários você acaba com a prefeitura. Em 68 eu fiz também a Mogi-Dutra, porque nós éramos a única cidade a não ter acesso a Dutra. Então construí a estrada.

ATO: Nessa época, aliás, acusaram-no de fazer a estrada porque você tinha o Sítio do Limão, lá na serra...

WALDEMAR: Tinha mesmo. Era um sítio lá no Arujá, que comprei de meu cunhado por Cr\$ 500 mil. Esse sítio iria ser hipotecado e minha mulher pediu que o comprasse. A oposição dizia isso e hoje diz que construiu a Mogi-Bertioga porque tenho muitos terrenos em Bertioga, não em meu nome mas no de outras pessoas. Eu quero que minhas netinhas tenham câncer se tiver alguma propriedade lá!

ATO: A oposição nunca te acusou de corrupção?

WALDEMAR: Não, mas falam que eu tenho terrenos em Bertioga, que fiz a Mogi-Dutra por causa do sítio e que já ganhei muitas vezes na Loteria Esportiva. Ganhei muito: eu joguei e ganhei duas vezes: Cr\$ 700 mil na primeira vez e Cr\$ 900 mil na segunda. Então o camarada vem me acusar que eu ganhei muito. Vá para a (*)! Bilhete de loteria eu não compro mais, porque senão vão dizer: "Ele comprou o bilhete premiado".

ATO: Você gosta de jogar?

WALDEMAR: Gosto de jogar em cassino. Sou favorável à abertura do jogo, mas com cassinos, por exemplo, no Piauí. Para você ir lá precisa tomar um avião. Então, se o jogador pode pagar uma pas-

Fiquei nervoso e xinguei o Dr. Sodré. Fui preso.

sagem para ir jogar no Piauí ele pode gastar seu dinheiro no jogo. Se você abre um cassino em Mogi o peão vai gastar todo seu dinheiro lá e isso não dá. Se não fosse prefeito, bem que eu fazia uma fezinha no bicho.

ATO: Mas você gosta também de um baralho...

WALDEMAR: De baralho eu não gosto; jogo no máximo uma hora. Os meus parceiros, o Ernani Bicudo, o Padre Mello e o Mizuta não gostam de jogar comigo. Eu paro o jogo no meio, deito no chão, não gosto de cartas. Não gosto de jogar. O pior parceiro é o Padre Mello. Perde um tostão e quer virar a mesa.

ATO: O Padre Mello é seu amigo; o que acha dele?

WALDEMAR: Eu não sou amigo do Padre Mello. Quem é amigo dele é o meu filho, o "Boy" (Waldemar Costa Neto). Eu acho que nós vamos reconhecer o que ele fez para Mogi só depois de sua morte, pois no Brasil a pessoa só tem valor depois de morta. O padre, no entanto, tem uma péssima imagem na cidade e por que ele quer. Ele poderia ser senador da República se tivesse um gênio especial, porque ele tem uma fonte de votos inesgotável, a Universidade de Mogi das Cruzes.

ATO: Mas os próprios alunos não votam nele...

WALDEMAR: Não votam porque o padre é autoritário, um cidadão cheio de defeitos, mas que tem qualidades como a de construir uma universidade. O padre é gozado: pessoalmente é uma coisa, na universidade é outra e politicamente falando é ainda uma outra. Mas será reeleito deputado federal. Ele dará um jeito.

ATO: Ele não gostou de não ser consultado quando você lançou os candidatos do PDS às próximas eleições...

WALDEMAR: Ele ficou meio zangado. Não consultei ninguém. O único com quem falei alguma coisa foi com o Maurício Najar: "Você quer ser candidato a prefeito, Maurício?" "Não, não quero ser". Então eu indiquei os três candidatos que estão aí.

ATO: Você tem a fama de inventar candidatos fracos para te suceder e com isso poder dirigir a prefeitura de longe. O Cascardo seria um exemplo?

WALDEMAR: Inventei o Cascardo mas jamais dirigi a Prefeitura. Ele chegava para mim e perguntava: "O que acha disso" Eu falava: "É assim, doutor Cascardo". E ele fazia o contrário. Nunca me ouviu. Outra coisa: Eu escolhi o Cascardo depois de consultar mais de 80 nomes em Mogi. Ninguém queria ser candidato. Aí, um dia, ele entrou no gabinete para tratar



O primário, no Colégio São Bento.



Aos dois anos.



Aos 14 anos.



Em Santos, com os filhos "Boy" e Samyra.



1936: no ginásio.



E com o irmão Waldemir (esquerda) Com a filha Leila



Se não ficasse muito mal até faria uma fêzinha

aberta para a terceira candidatura, daqui a quatro anos?

WALDEMAR: Voltar, eu? Nunca mais, que é isso.

ATO: O prefeito não estaria repetindo o Silvio Caldas, que só de despedida já deve ter uns três meses? Afinal, no final do primeiro mandato você disse que não sairia, mas acabou sendo eleito a segunda vez. E também que não iria reestruturar o PDS, mas acabou organizando-o.

WALDEMAR: Falei, mas fui prefeito a segunda vez porque o governo Paulo Egydio me ofereceu a prefeitura de Mogi: quer dizer, ele tinha um Gallup dizendo que só eu ganharia da oposição. Então, para aceitar, exigí que ele promettesse 18 itens fundamentais para a cidade, entre eles a Mogi-Bertioga. Não cheguei aos 18, mas está quase lá. Quanto ao PDS, disse para o governador Maluf, que sucedeu o Paulo Egydio, que não iria reestruturar o PDS porque não queria mais nada com a política. Ele disse: "Você vai reestruturar o partido". Eu falei: "Não vou; eu posso entrar no PDS, mas só isso". Ele retrucou: "Então, você se vira". Um dia, quando veio visitar a Mogi-Bertioga, ele me perguntou: "Como é, vai reestruturar o PDS?". Respondi: "Vou".

ATO: Aliás, você certa vez disse que já havia até "vendido a alma para o Maluf". Esse seria um exemplo?

WALDEMAR: Eu sou amigo do ex-governador Laudo Natel e tive de dizer a ele que apoiaria o Maluf. Um prefeito não pode brigar com o governador porque a cidade pára. O que ele está fazendo por Mogi ninguém fez: deu dinheiro a fundo perdido para a Mogi-Bertioga, fez escola, retificou córregos e vai dar a Via Leste. O que eu peço ele faz. Não posso votar contra. Quando ele quer alguma coisa ele cansa você. O Maluf me venceu pelo cansaço.

ATO: Essa sua amizade com Laudo Natel não chega causar contratempos no seu relacionamento com o governador Maluf?

WALDEMAR: Muitos. Até hoje o governador Paulo Maluf acha que eu sou Laudo Natel, apesar de todo o PDS mogiano saber que voto com o Maluf. Essa suspeita que ele tem, na minha opinião, vem de um episódio antigo: na Copa do Mundo de 74, no dia do jogo Brasil e Holanda, o governador Laudo Natel me convidou para assistir a partida. Quando eu cheguei lá, não sabendo porque o governador me chamara, pois não era mais prefeito, o Laudo disse: "Não é nada não,

assunto do fórum e me deu o estalo. "Esse camarada serve. É esse o candidato!" No início ele e a mulher recusaram o convite. Depois acabou aceitando. O doutor Cascardo foi um autêntico achado. Honesto, um ótimo chefe de família. Agora, não tenho culpa se ele foi um mau administrador.

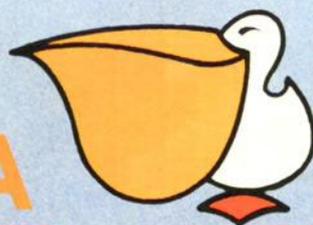
ATO: Com os três candidatos lançados você espera ganhar com facilidade as próximas eleições, correto?

WALDEMAR: Vou ganhar a eleição em Mogi com esses três candidatos. Tenho interesse em terminar minha carreira fazendo o novo prefeito com mais de 60% dos votos. São três bons candidatos. O Junji Abe tem muito prestígio na colônia japonesa e é um bom administrador. O Chico Nogueira é um homem rico e pelo

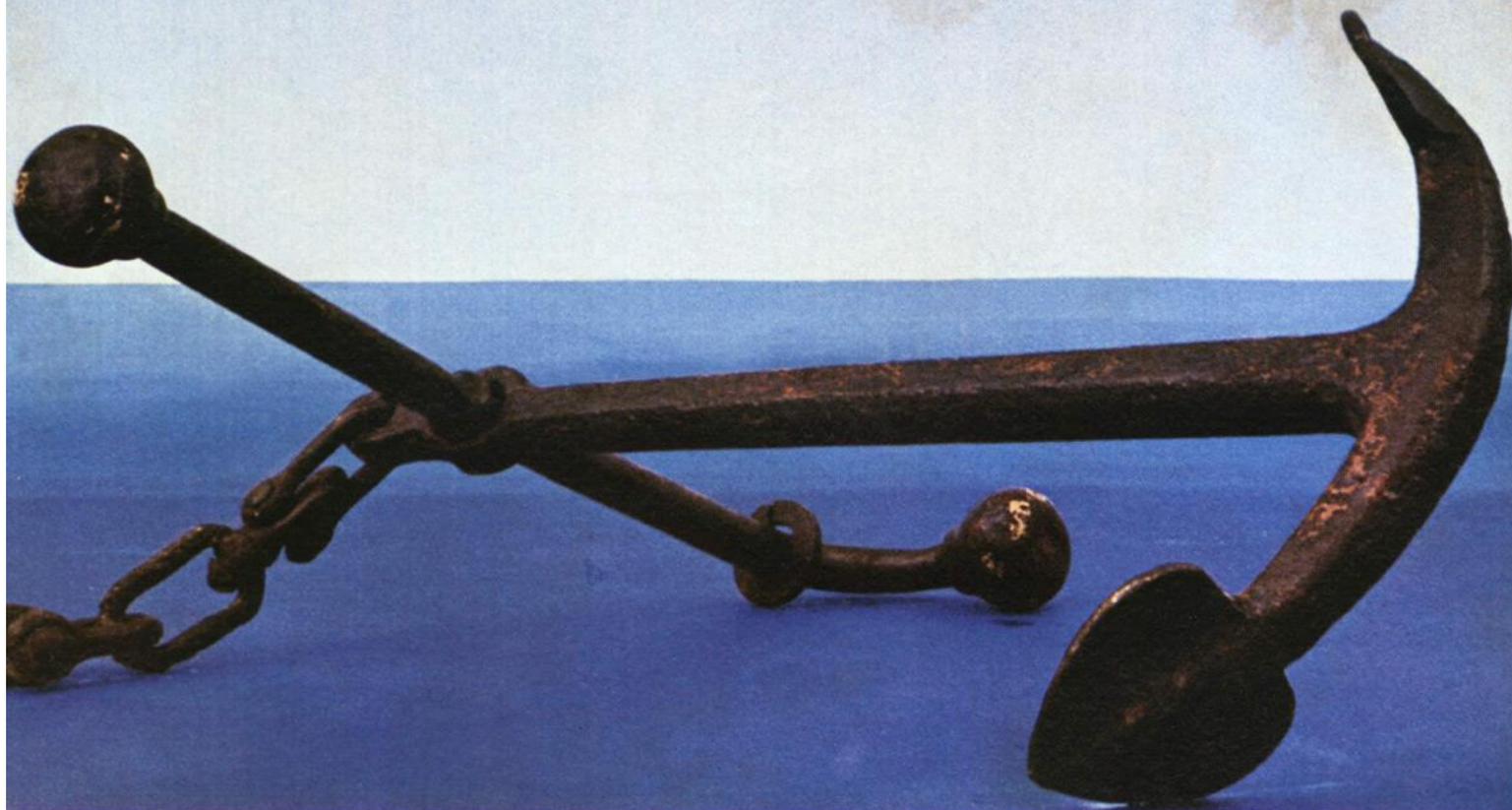
que ele produziu até agora tem condições também de ser um bom prefeito. O Ornelas tem essa capacidade administrativa e já demonstrou isso na prefeitura alguns anos atrás. Aliás, o Oswaldo Regino Ornellas, individualmente, é o político mais forte em votos depois de mim. Você vai dizer: "Camarada convencido". Mas eu tenho mais votos em Mogi mesmo! Se fosse candidato faria de 75 a 80% dos votos. Sozinho e contra toda a oposição. De qualquer forma venceremos e não apoiarei um determinado candidato, mas todos, sem discriminação.

ATO: Na primeira gestão você deixou para trás a Mogi-Bertioga, que serviu de plataforma para sua segunda eleição. Agora, você estaria deixando, digamos, as casas populares. Isso não seria uma porta

MORADA DA



PRAIA



MORADA DA PRAIA. UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA DE UM NOME.

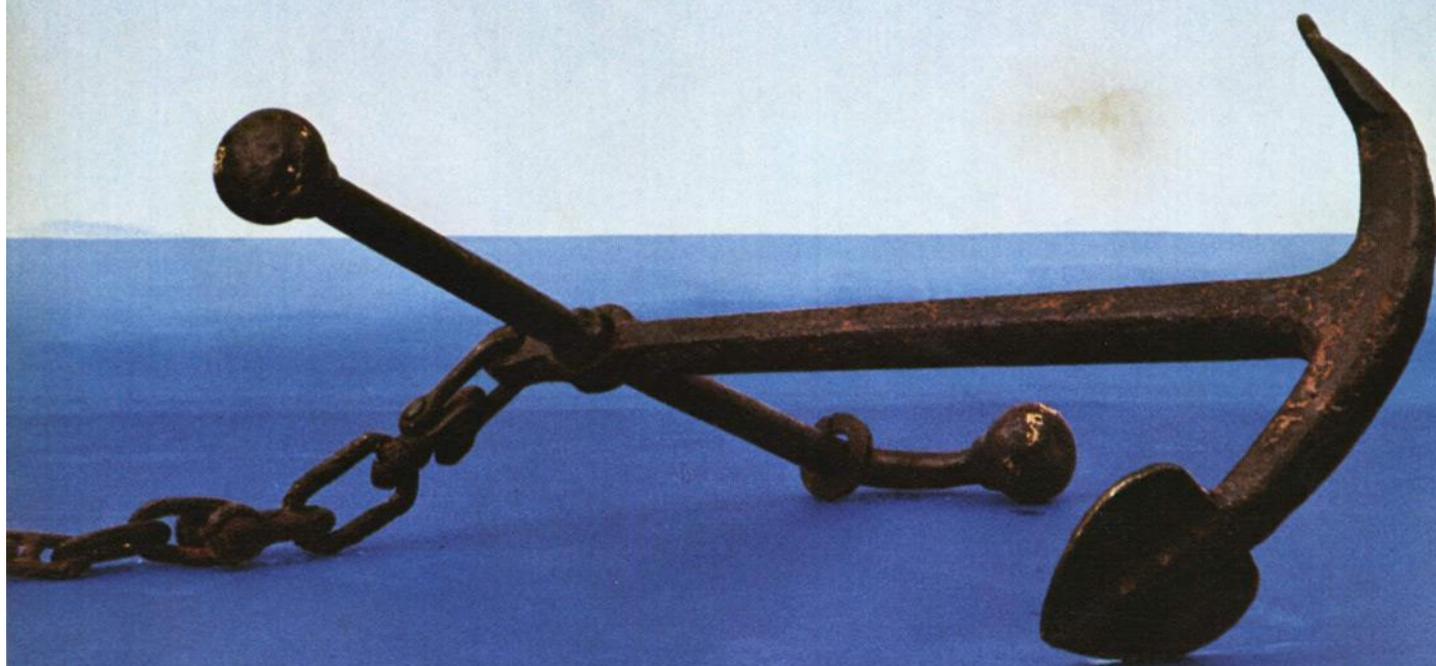
Lello. 30 anos de grandes realizações. Por trás de toda essa tradição, uma equipe de profissionais com muita vivência, muita experiência, sempre dispostos a apresentar o melhor.

Morada da Praia nasceu de muito trabalho. Cuidados especiais foram tomados desde a escolha apurada do melhor local.

Todos os detalhes foram exaustivamente estudados: facilidades de acesso, condições do solo, relêvo, beleza natural. Depois disso um arrojado projeto começou a surgir, baseado em pesquisas criteriosas e muita criatividade.

E o resultado foi o esperado: Morada da Praia. Um investimento que é uma nova opção de lazer.

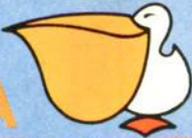
O nome Lello garante.

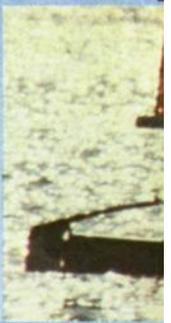
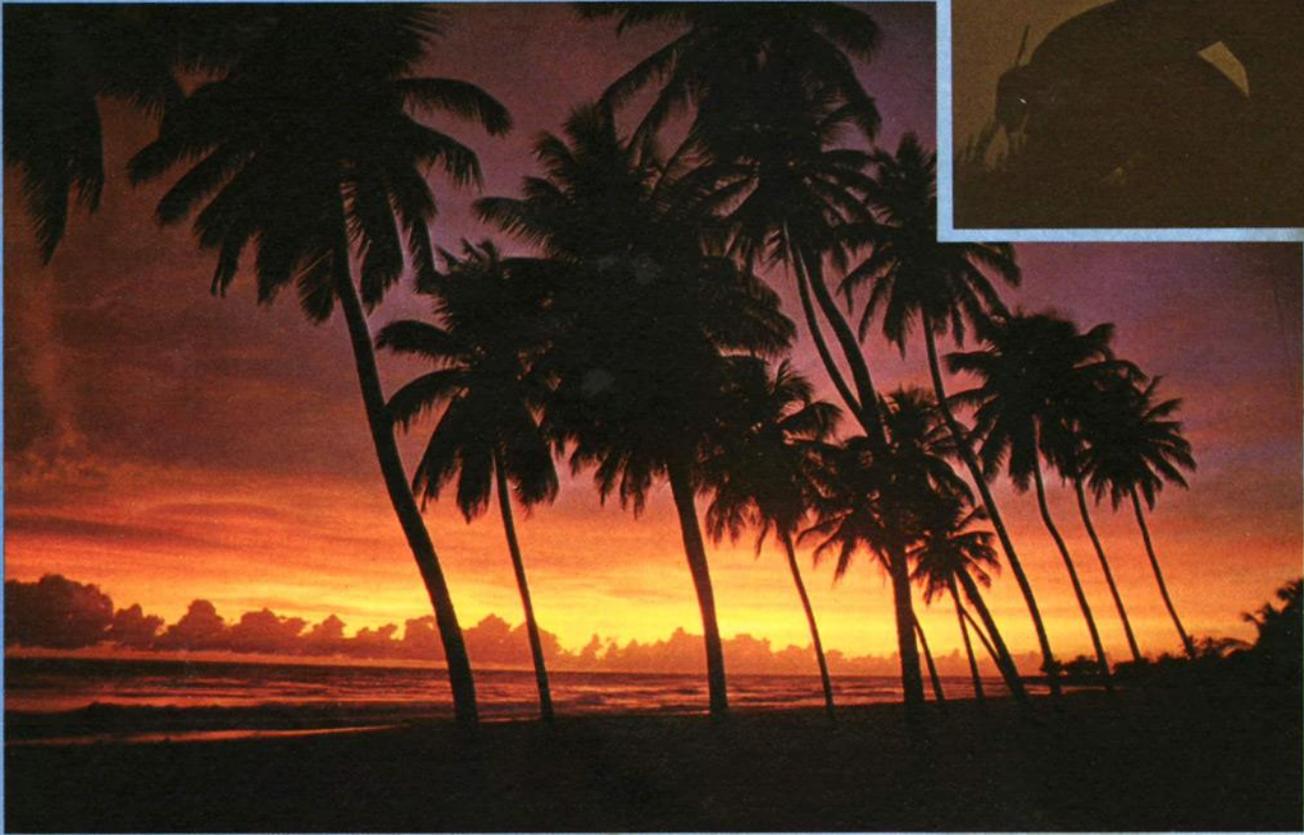
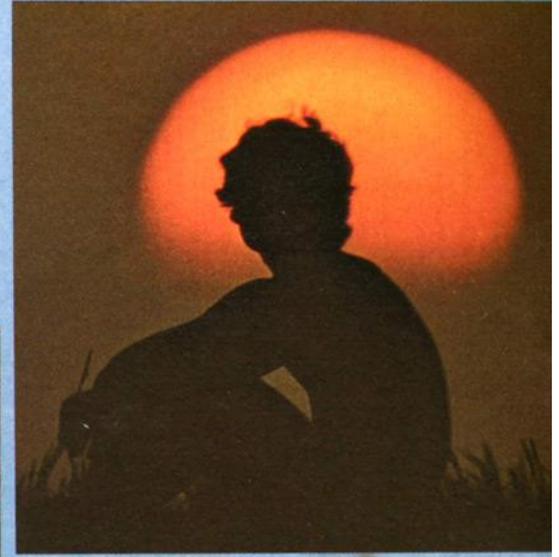




LELLO

**EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS
PLANEJAMENTO E VENDA DE IMÓVEIS
ADMINISTRAÇÃO DE BENS E CONDOMÍNIOS
CORRETORA DE SEGUROS**

MORADA DA 
PRAIA



PRAIA DE BORACÉIA EM BERTIOGA. A NATUREZA COMANDA O ESPETÁCULO

Imagine um lugar maravilhoso, desses que só se vêem em cartões postais e em filmes. Uma praia de uma beleza sem igual, com suas areias claras, suas palmeiras balançando suavemente, a brisa, o mar e o céu azul fundindo-se no horizonte.

Morada da Praia é isso. Um cenário de sonho, mas suficientemente real para lhe oferecer a paz e tranqüilidade que seu corpo e sua mente tanto desejam.

Tudo isso com toda a infra-estrutura necessária para você não sentir falta do conforto a que está acostumado.

Uma larga avenida principal, com 25 metros de largura atravessa toda a extensão do loteamento, e as transversais, apenas de trânsito local, garantem seu sossego.

RIO VERMELHO, UMA ATRAÇÃO À PARTE

Morada da Praia é cortada pelo Rio Vermelho, que em certos trechos chega a ter uma largura de até 60 metros.

Também esse aspecto geográfico de rara beleza é oportunamente aproveitado. Ali teremos uma marina com todas as opções de lazer e esportes para você. Um lugar para velejar, esquiar ou simplesmente admirar o pôr do sol. E mais um bellissimo clube noturno com restaurante, bar e boite.

Em resumo, Morada da Praia foi criada para você aproveitar a vida.



INVESTIMENTO OU LAZER? FIQUE COM OS DOIS.

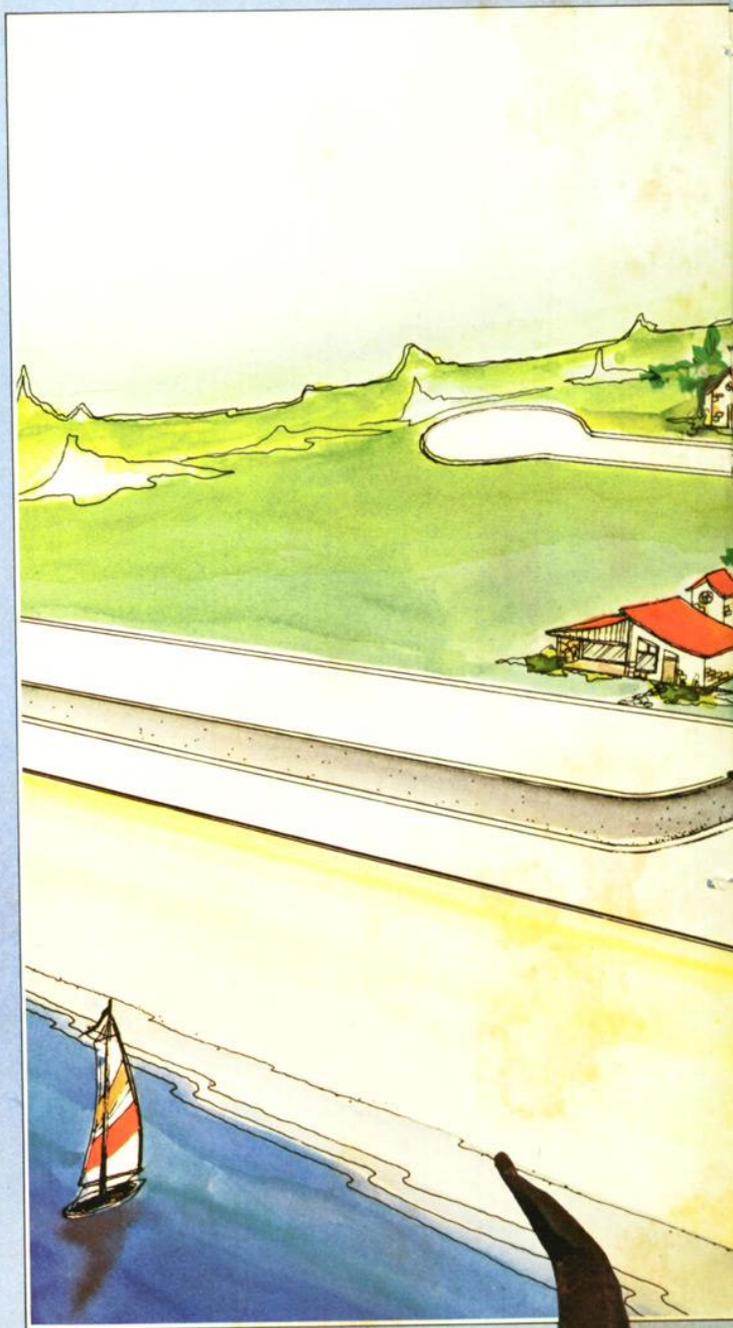
Os investimentos imobiliários são, e serão por muito tempo, a mais rentável e garantida forma de valorizar seu dinheiro. A experiência da Lello no setor forneceu as bases necessárias para que Morada da Praia superasse ainda mais os índices normais de valorização, aliando esse aspecto à utilização prática do loteamento como local de veraneio, prática de esportes, lazer enfim.

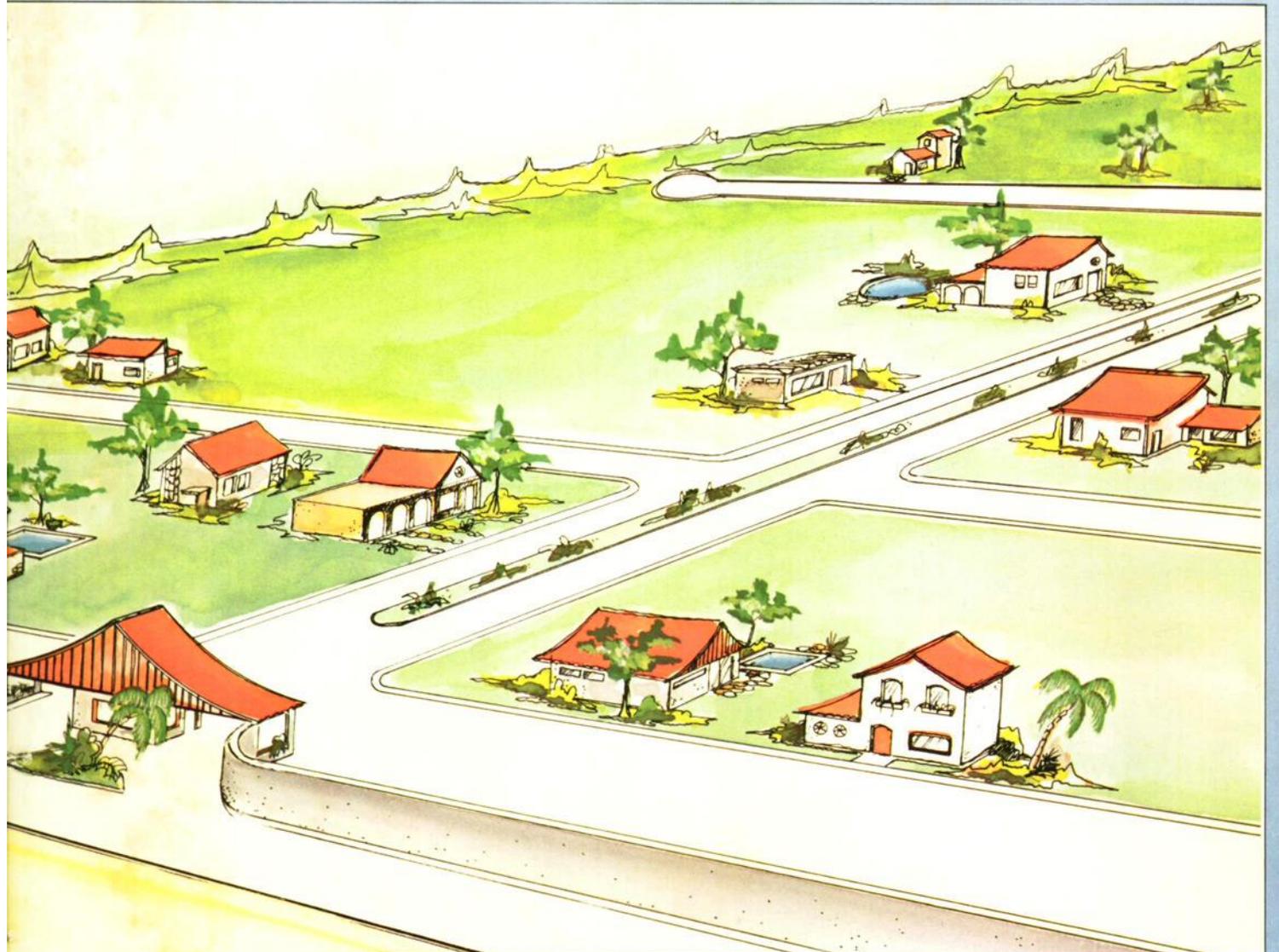
Morada da Praia é para ser vivida todos os fins de semana. Esse contato direto com o empreendimento lhe proporcionará a certeza de que você fez o melhor negócio.

Você literalmente verá o seu dinheiro crescer.

Conheça Morada da Praia neste fim de semana.

Um empreendimento que dá valor a seu descanso e a seu dinheiro.





MORADA DA 
PRAIA

Vendas: argentina
empreendimentos imobiliários
CRECI N.º 21.174
Rua Princesa Isabel de Bragança, 273
Telefone 409-1011 (Tronco) - Cx. Postal 364 e 188
Mogi das Cruzes - SP

O MELHOR CAMINHO PARA SUA TRANQUILIDADE.

Chegar à Morada da Praia é muito fácil.
São apenas 90 km. do centro de São Paulo
até lá, pela Rodovia Mogi-Bertioga.
Você não precisa nem atravessar de balsa.

CORRETORES DE PLANTÃO NO LOCAL

UMA REALIZAÇÃO:

LELLO

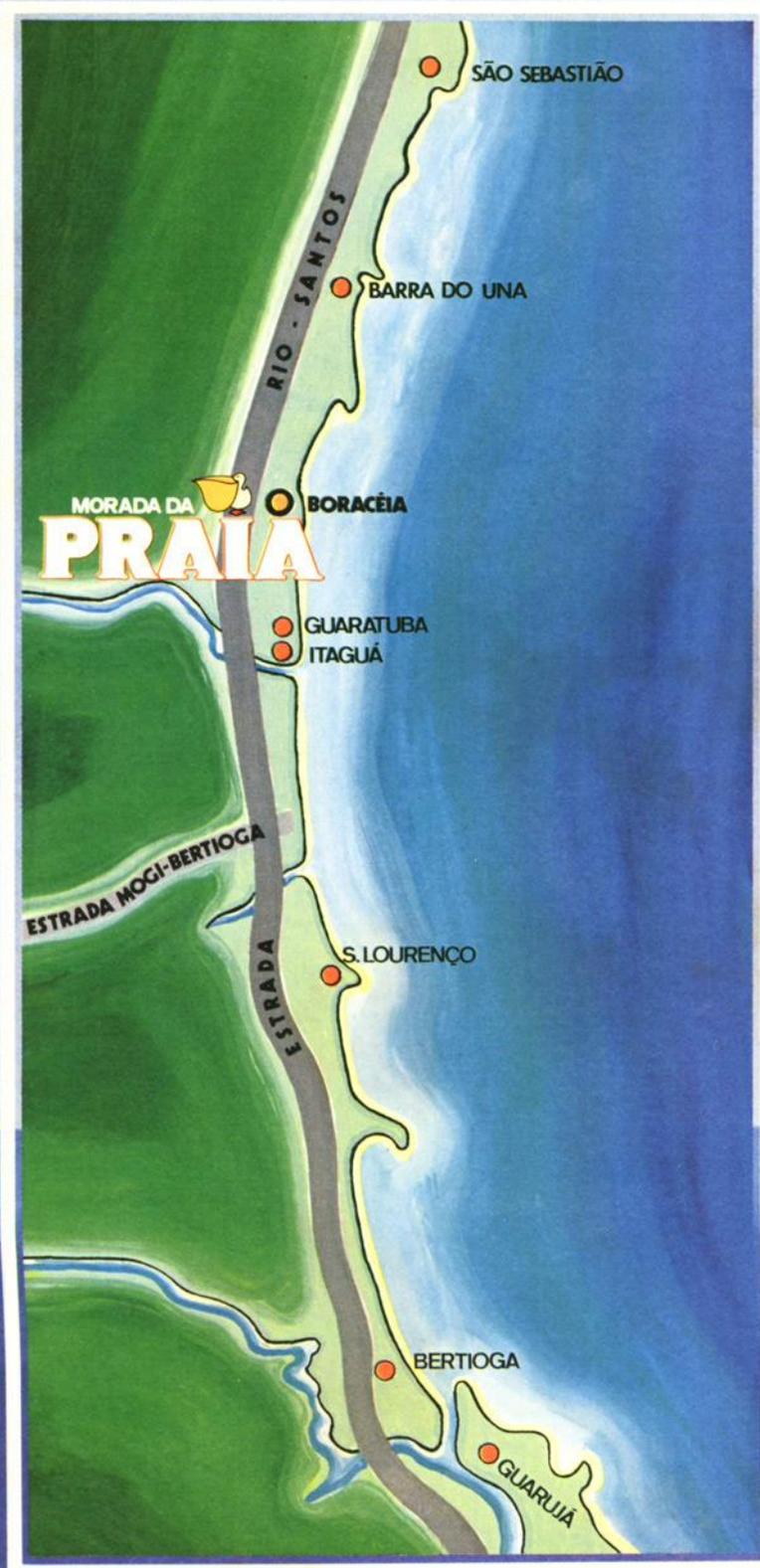
EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS

VENDAS:

LELLO

PLANEJAMENTO E VENDA DE IMÓVEIS

Av. Paes de Barros, 1307 e 1438
Tels.: 291.5011, 292.2112 e 292.0828



Waldemar, convidei você apenas para assistir a partida comigo". Desde esse dia, pois o Maluf também estava presente, ele não tirou mais da cabeça essa afinidade com o ex-governador. Hoje, apoio o candidato indicado pelo Maluf e se ele próprio sair governador, sou Maluf. Não mudou minha palavra.

ATO: Por falar nisso, quem ganhará as eleições de 82 no Brasil?

WALDEMAR: Como está hoje, eu acho que o PDS levará uma chumbada violenta, com "pacote" e tudo, apesar de achar que esse "pacote" favoreceu a oposição. Em São Paulo penso que o doutor Franco Montoro ganha as eleições e a única fórmula para impedir isso será a candidatura do governador Paulo Maluf. Se ela for possível, o Montoro perderá. Sem isso o PDS perde: para mim, seus candidatos são muito fracos.

ATO: Essa sua franqueza já lhe trouxe problemas, como aqueles provocados por declarações contra o presidente Geisel, não é?

WALDEMAR: Não foi contra o presidente Geisel. Eu estava no Palácio dos Bandeirantes, quando um repórter, referindo-se ao fato de eu ter vencido em Mogi as eleições de novembro de 74, onde a Arena perdeu feito para o MDB em todo o País, quis saber minha opinião sobre o prestígio eleitoral do então presidente Geisel. "Eu não vejo nenhum prestígio político no presidente Geisel. Se tivesse, o candidato que apoiou em Campinas, e ele foi três vezes a Campinas, não teria perdido. Isso me deu muita dor de cabeça.

ATO: Você conheceu o presidente Figueiredo pessoalmente, não foi?

WALDEMAR: Fui oficial de gabinete do governador Laudo Natel logo depois que o doutor Adhemar de Barros foi cassado pela Revolução. O presidente Figueiredo, então, era coronel e comandante da Polícia Militar de São Paulo. Quando ele esteve em Mogi, já como presidente, aconteceu um episódio engraçado: o governador Paulo Maluf foi me apresentar a ele, mas o presidente antecipou-se: "Como vai Waldemar?". O Maluf surpreendeu-se e o presidente explicou que trabalhara comigo durante o primeiro governo de Laudo Natel, quando eu era oficial de gabinete, que nada mais passa do que um contínuo de luxo. Era eu quem recebia o Figueiredo.

ATO: Já que estamos falando de Figueiredo, você sempre demonstrou um desencanto muito grande com o Brasil, com seus administradores, não é verdade?

WALDEMAR: Com o Brasil não; com as autoridades brasileiras. Eu conheço muito bem o presidente Figueiredo. É um homem honesto e quando ele diz, "vou fazer", faz mesmo. Acontece que o poder público nosso é um péssimo administra-

Se fosse candidato teria mais de 70% dos votos.



A vida com os passarinhos: esquecendo a prefeitura.

dor, e isso por quê? Por causa do maldito voto: a administração não é voltada para o interesse do povo, mas para o do político. Eu, por exemplo, estou aumentando os impostos de Mogi todos os anos.

ATO: E isso tem causado grandes reações, não é mesmo?

WALDEMAR: Exato. No meu primeiro mandato aumentei o imposto perto de 4000%, pois eles não eram aumentados há 14 anos e meio. Era um grupo que só fazia política. Em Mogi nós já colocamos 200 km de rede de esgotos e 200 km de rede de água, faltando ainda uns 15%. Mas falta muito ainda. Esse esgoto é jogado nos riachos e é preciso canalizá-los. Temos 138 ruas na cidade onde é preciso colocar toda a rede de esgoto e as galerias de águas pluviais. Veja você, por outro lado, que o mal nosso é o emprego — esses órgãos do governo estão todos estourados. Em Mogi acabei com o empreguismo.

ATO: Como assim?

WALDEMAR: Em 1976 a prefeitura gastava 37,23% do orçamento com o funcionalismo e em 1977 baixou para 34,67. No ano seguinte caiu para 27,15%, no outro para 24,64% com a criação da Codemo e da Zona Azul, para em 1980 chegar a 15,12%. Isso não existe no Brasil. Se você falar para algum prefeito ou para presidentes de empresas estatais eles vão dizer que é mentira.

ATO: Mas isso a custa de quê? Do achatamento salarial?

WALDEMAR: Não. Diminuindo o número de funcionários. Meu funcionalismo teve aumento de 100% no ano passado. Logo que entrei na prefeitura acabei com o quadro de funcionários, aqueles empre-

gados fixos que você não consegue mandar embora de jeito algum. Até hoje só consegui por três na rua. Hoje só admitimos pela CLT.

ATO: Você deve administrar a prefeitura com mão de ferro...

WALDEMAR: Como se fosse minha. Se não fizer isso não funciona. Mesmo que para isso tenha que ser acusado de autoritário. Não sou isso nem ditador. Ouço sugestões. Agora, escuto umas 10, mas se nenhuma servir faço da minha maneira. Se errar, reconheço e acato a opinião. Eu também trabalho em equipe e a minha equipe é muito importante.

ATO: E o esporte? Em Mogi ele está a zero.

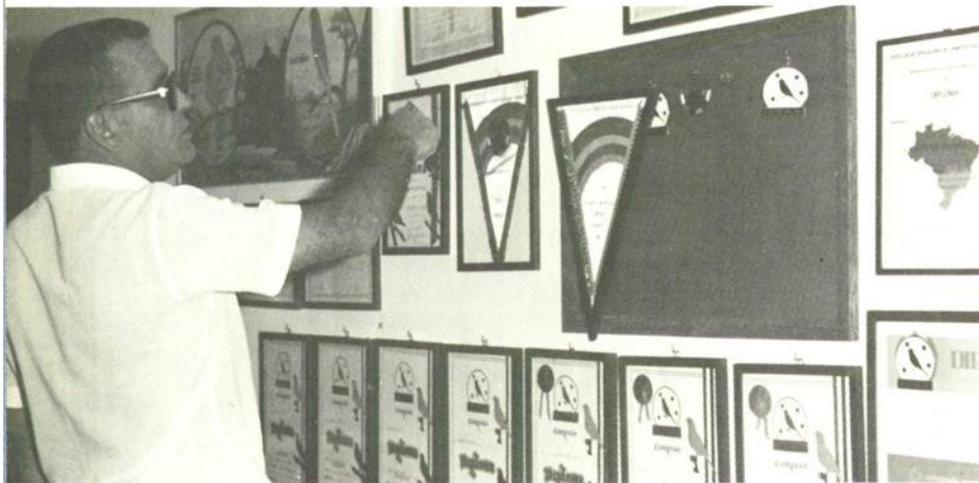
WALDEMAR: Zero porque não temos infra-estrutura. Até o final do ano teremos três campos iluminados e conjuntos poli-esportivos. Aí a cidade começará a ver seu esporte projetado. Mas eu não gasto dinheiro agora apoiando clubes, nada disso. Como não faço o carnaval e nem comemoro o aniversário da cidade. O que vou fazer se der Cr\$ 500 mil por mês para o União, que é um perna-de-pau e você, por não ter esgoto em sua casa, vier me xingar?

ATO: Você criou a Codemo e a oposição não se cansa de criticá-la...

WALDEMAR: Com a oposição, tudo o que você acerta merece críticas. A Companhia de Desenvolvimento de Mogi das Cruzes está produzindo muito e nosso plano comunitário é fabuloso. Até o pessoal da Emurb de São Paulo já veio vê-lo. Ele tem, em média, 90% de adesões e a oposição fica louca com isso. Aqueles três ou quatro da oposição que têm ódio da gen-

te. Para montar a Codemo gastamos Cr\$ 35 milhões; hoje ficaria em mais de Cr\$ 800 milhões. Meu único medo é vê-la transformada em cabide de emprego. Hoje ela não é — temos até falta de gente.

Como oficial de gabinete eu que recebia Figueiredo.



Campeão mundial das raças Yorkshire e Border, Waldemar diz que o filho é melhor...

ATO: A Codemo gerou recentemente um grave incidente.

WALDEMAR: Ah sim, mas antes já havia acontecido outro mais ou menos igual, lá no Alto do Ipiranga. A oposição foi lá e avisou: "Ninguém paga mais esse serviço de asfaltamento que é ilegal. Nós temos advogado e tudo o mais para defender a população". Diante disso mandei retirar todas as máquinas. "Não se faz mais o plano comunitário lá". No dia se-

guinte, baixou todo mundo na prefeitura. Adesões no Alto do Ipiranga: 96%.

ATO: Mas e o episódio do Cine Avenida?

WALDEMAR: Isso foi quando reuni no cinema representantes do Bairro de Braz Cubas para explica como funcionaria o Projeto Cura no local. A oposição soltou um boletim dizendo completamente o contrário do que eu iria falar. Comecei a explicação, lembrando que já havia

lei aprovada pela Câmara há um ano e meio atrás, mas acontece que fui ficando nervoso, irritado. No fim, acabei dizendo: "Eu quero que a cúpula do PMDB em Mogi vá para a (*)". O bispo D. Emilio estava ao meu lado e eu nem quis olhar sua reação. Depois ele me disse: "Acontece de vez em quando. Seria melhor que não falasse, mas já que falou..." As três mil pessoas que lotavam o cinema levantaram e me aplaudiram de pé. Tive sorte.

ATO: A Mogi-Bertioga é outra grande obra de sua administração.

WALDEMAR: É, mas vou te confessar uma coisa. Foi um erro tê-la construído. Com o dinheiro que gastei lá poderia revolucionar Mogi, colocaria em ordem as 138 ruas da cidade que precisam de nova rede de água e esgoto, canalizaria córregos, o diabo. E comecei a estrada porque toda a cidade reclamava: há 40 anos ela tem sido motivo de problemas políticos. Hoje, se eu fosse começá-la, não cumpriria minha promessa eleitoral de construí-la.

ATO: Você estava falando da oposição. Nela está um seu inimigo histórico, o Jacob Lopes...

WALDEMAR: Minha briga com ele começou exatamente naquele 24 de abril de 64 em que denunciei irregularidades dos Lopes na Prefeitura. Foi ele e o José Silveira quem me denunciaram ao delegado Knipel que acabou tentando me prender. Ele tomou as dores da família; pes-

O que dizem sobre ele

A cidade acha que tem um bom prefeito mesmo alguns integrantes da oposição reconhecerem suas qualidades de administrador. Também deram sua opinião sobre Costa Filho o ex-governador Laudo Natel e o senador Franco Montoro, candidato a candidato ao governo do Estado.

• Eu considero Waldemar Costa Filho como o prefeito histórico de Mogi das Cruzes pelas realizações dele. (Benedito Afonso, o "Dito Sapateiro", ex-vereador pelo PTB)

• Ótima pessoa. Se ele, nos tempos de Cosim, promettesse alguma coisa, cumpria a palavra. Quando novo, era mais explosivo; agora, maduro, está mais calmo. Foi ele quem assinou minha Carteira de Trabalho na Cosim. (Nilton Theodoro, funcionário da Cosim e 1º secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Mogi das Cruzes)

• É um cidadão e político de sentimento humano e tino administrativo que Mogi das Cruzes jamais esquecerá. (Lúcio de Melo, advogado filiado ao PMDB)

• Waldemar, prefeito dos "negócios especiais". (Jacob Cardoso Lopes, delegado do PMDB)

• Indivíduo com experiência de administração de empresa que utilizou isso para assumir liderança comunitária e administrativa da coisa pública, mas nunca cumpriu os programas que prometiam servir à comunidade e, ao contrário, serviu-se sempre deles. (Rubens Nogueira Magalhães, presidente do Diretório Municipal do PMDB de Mogi das Cruzes)

• Competente, dedicado e empreendedor, com tino administrativo nato. Acerta no atacado e erra no varejo. (Maurício Nagib Najar, deputado do PDS)

• Sou a maior fã dele. Acho-o o máximo. Ele é um paizão, um sogrão, tudo no aumentativo. A minha mãe tem ciúme de tanto que eu gosto dele. (Leila Caran Costa Corrêa, filha de Waldemar)

• Excelente prefeito, grande administrador mesmo. Trabalha voltado para os interesses da coletividade. E se precisar assinar, eu assino. (Carlos Garcia, quando ainda era presidente do PP)

• Como pessoa, não vou me referir porque não mantemos relações de amizade. Como prefeito foi um excelente adminis-

trador, vai ser difícil encontrar um substituto. Ele deu à cidade uma nova característica de administração nos dois mandatos que exerceu. (Tuflí Elias Andery).

• Todo homem é uma originalidade; ele é uma super originalidade. Eu gosto dele, apesar de tudo. Sou da oposição, mas acho que ele cumpre o que diz, faz o que promete. (Cícero Buark, filósofo primitivista mogiano, escritor com três livros já publicados).

• Ele é um homem-incógnita; um administrador capaz e um político imprevisível". (José de Moura Santos, jornalista).

• Tem todos os defeitos que possa ter um ser humano, mas tem uma primordial qualidade: é sincero. (Euclides Campos, aposentado).

• Waldemar Caramuru, não dá chabú (José do Espírito Santo Guimarães, auxiliar de escritório).

• Waldemar é o grande líder político da região e meu grande amigo. (Laudo Natel, ex-governador).

• Ele tem cara de bravo, mas é só aparência, pois ele não é nada disso. É uma pessoa incrível. (Lígia Caran Costa Corrêa, neta do prefeito).

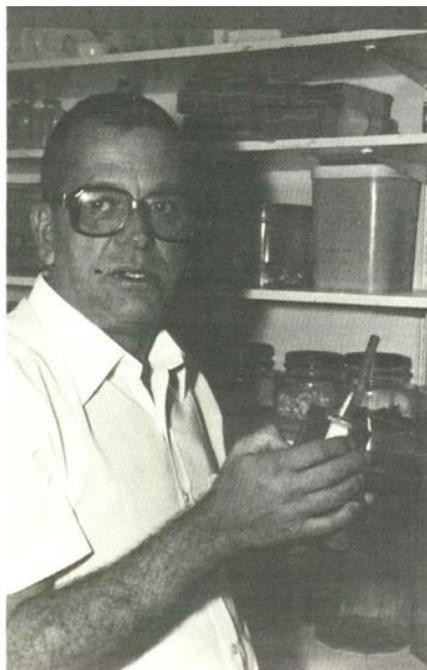
• É o líder e o grande timoneiro da políti-

A oposição critica tudo aquilo em que eu acerto.

soalmente não tinha nada contra ele. Até que me dava muito bem. Deve ter ódio de mim até hoje, pois nunca consegui vencer-me numa eleição. Já tentou de todas as maneiras: saiu candidato com o Ornelas, saiu com o Carlito e saiu apoiando o Rubens Magalhães. Agora fala numa união de oposições. Vai levar chumbo de novo.

ATO: E o Rubens Magalhães?

WALDEMAR: Era meu amigo, fui seu padrinho de casamento e quando ele foi preso, acusado de subversão, as filhas dele ficaram em casa. Quando comprou sua fazenda em Minas eu avalizei os "papagaios". Em todos os processos que movi contra os Lopes ele era o meu advogado. Eleito a primeira vez, ele não saía da prefeitura. Foi ele quem disse para mim que o advogado Ricardo Arouca entrara ilegalmente na prefeitura. Depois de romper comigo ele foi defender o mesmo Ricardo Arouca na causa que ele move contra a prefeitura por ter sido mandado embora. Mas a briga ficou feia mesma quando ele disse ao "Diário de Mogi", que eu ganhava fácil na loteria. Meu problema com ele é pessoal. Ele não tem mais coragem de abrir a boca. Se falar novamente o que disse ao jornal eu dou um tiro na cara de-



...mas não o quer na política.

le. A Justiça sabe disso e eu dou mesmo. Estou processando-o pelas declarações ao jornal. É meu único inimigo; inimigo mesmo.

ATO: O prefeito é um homem rico?

WALDEMAR: Não digo que sou pobre. Ganho Cr\$ 330 mil na prefeitura e em São Paulo Cr\$ 350 mil por mês na minha escola. Ganho mais Cr\$ 120 mil de aposentadoria. Já são Cr\$ 800 mil. Tenho meu sítio em Sabaúna, a casa do coronel Souza Franco e uma outra na praia, em São Francisco, comprada há 20 anos.

ca local. (*Edson Consolmagno, presidente do PDS*).

- Arguto, inteligente e dinâmico. (*João Manoel Reis, empresário*).
- É o meu companheiro de todas as horas boas e ruins. (*Leila Karan Costa, esposa de Waldemar*).
- Quem sabe da vida do prefeito é a população de Mogi das Cruzes. Nossos companheiros do PMDB local têm denunciado uma série de graves irregularidades na administração municipal. A população de Mogi das Cruzes terá oportunidade de fazer o seu julgamento nas urnas de 15 de novembro. E temos certeza de que votará maciçamente na oposição. (*Senador Franco Montoro, do PMDB*).
- O melhor dos amigos e o pior dos inimigos. (*Roberto Escobar*).
- Eu gostaria que todos tivessem um pai como eu tenho. (*Waldemar Costa Neto*).
- Waldemar representa um espectro do poder que impera hoje no Brasil, após 18 anos de ditadura... (*Olavo Câmara, presidente do PDT de Mogi das Cruzes*).
- Homem bastante dinâmico, bom administrador, aberto para o diálogo de tudo que diz respeito a promoção humana e problemas de justiça. (*Dom Emílio Pignoli, bispo diocesano de Mogi das Cruzes*).

- Faz 7 anos que moro em Mogi. Neste espaço de tempo conheci muita gente bacana. O prefeito Waldemar Costa Filho é um deles. Como administrador público merece nota 10. Como ser humano e amigo, dizer que ele é bacana, é chover no molhado. (*Willy, colonista social*).
- Homem de partido, eficiente e imediatista, não ligado a uma democracia que nasce das bases através de uma educação popular e que visa as mudanças das estruturas sócio-econômicas e políticas. (*Luiz Ceppi, padre*).
- O prefeito Waldemar Costa Filho se distingue dos demais tecnocratas — crias adúlteras do golpe de 64 — por ser um "Bonaparte" com profundo senso de administração. (*Mário Berti Filho, presidente do PT de Mogi das Cruzes*).
- O Waldemar foi o homem que desafogou Mogi sob todos os aspectos. (*Mutso Yoshizawa, colonista social*).
- Parafraseando um escritor inglês, eu não discuto pessoas, mas sim idéias. E não concordo com as idéias de administração do nosso alcaide. (*Ricardo Arouca, advogado*).
- Waldemar Costa Filho, para mim é um homem de grande dinamismo. É por isso que ele está progredindo politicamente. (*Benedito Lopes, comerciante*).

Não tenho medo da morte. Tenho medo é de doença.

Possuo um terreno em Braz Cubas, com asfalto e mais dois na Vila São Sebastião, atrás do palacete do Jafet. Já era para ter parado de trabalhar.

ATO: Saindo da prefeitura e parando com a política, como você diz, o que vai fazer?

WALDEMAR: Cuidar dos meus passarinhos e da minha escola em São Paulo. Sou campeão mundial na raça *Yorkshire e Border*. No último mundial, na *Border*, fiquei com o primeiro lugar, segundo, terceiro e quarto lugares. Perdi o quinto para um boliviano. Na *Yorkshire*, segundo, terceiro e quarto. No ano passado ganhei o mundial também no Chile, e no ano retrasado em Córdoba, na Argentina. O deste ano foi em Curitiba, também ganho por mim.

ATO: Dizem que você tem medo de morrer, é verdade?

WALDEMAR: Não tenho não; tenho é medo de doença, principalmente de câncer. Talvez porque meu pai e minha mãe morreram disso e os dois ficaram internados no mesmo hospital, juntos. Fiquei meio apavorado por isso acho que tenho medo. De enfarto não: dá, você não sente nada e acabou.

ATO: Onde é que você nasceu? Aqui em Mogi?

WALDEMAR: Não, em Juiz de Fora, no dia 3 de junho de 1923. Tenho 58 anos. Só vim para Mogi em 1942, com 19 anos. Logo que nasci mudei-me para São Paulo, onde estudei no Colégio São Bento e fiz até o segundo ano do ginásio no Arquidiocesano. Depois não quis mais estudar. Hoje sou técnico em administração. Eu nunca gostei de estudar. Em compensação, já gostei muito de corridas de automóvel. Quando tinha vinte e poucos anos, corri em Interlagos e cheguei em terceiro numa prova em que teve até campeão mundial. Hoje já gosto do meu sítio, comprado com o dinheiro daquele que a oposição me acusa de ter feito a Mogi-Dutra para valorizá-lo. Há oito anos vendi por Cr\$ 4 milhões. No momento seriam 500 mil dólares, um pouco mais de Cr\$ 50 milhões.

ATO: Dizem que você quando é amigo, é amigo para valer...

WALDEMAR: Sou uma pessoa que não faço injustiças. Se eu tenho que chumbar um funcionário eu chumbo. Muitas vezes acham que sou ruim por ter mandado alguém embora, um empregado que tem 8 filhos. Mas ninguém sabe, por exemplo, que ele roubou a prefeitura. Isso eu agüento comigo: já desmoralizei o cidadão, já fiz muito em não mandar o caso para a polícia, mas também não vou contar para ninguém que roubou. Sou um



Em seu sítio: isolado do mundo, não gosta nem de atender ao telefone.

camarada implicante, mas quando precisam de ajuda eu sempre estou presente. Aqui em Mogi tem muita gente que estudou, que se formou advogado, nas minhas costas, com dinheiro do meu bolso, desde o tempo em que trabalhava na Mineração Geral do Brasil. Muitos ainda estudam com bolsa que eu pago do meu bolso.

ATO: Dizem também que você não quer ver seu filho na política. Isso é verdade ou ele chegará a prefeito de Mogi pelas suas mãos?

WALDEMAR: O "Boy" é um menino extraordinário, fora de série. Na minha primeira administração ele tomou conta do sítio, o do Limão, lá na Mogi-Dutra, e na segunda foi meu chefe de gabinete, até a criação da Codemo, quando o mandei para lá. Aliás, eu não tenho parentes na prefeitura: ele é o único. Quanto à política, eu não gostaria de jeito nenhum de vê-lo metido nela. A minha mulher pensa o contrário. Ele é um ótimo administrador; é um cidadão que tem muito mais qualidades que eu, se dá com todo mundo. Sou um homem cheio de defeitos. Defeitos é comigo mesmo. Cuido bem de minha família, não deixo faltar nada, mas acho que tenho mais defeitos que qualidades.

ATO: Você é uma pessoa obstinada; enfeixa tudo em suas mãos...

WALDEMAR: Sou mesmo. Todas as faltas da prefeitura só podem ser abonadas por mim. Um absurdo isso aí, mas faço isso todo dia. Não olho o nome da pessoa. Todo mundo diz que é errado — podem achar o que quiserem, mas eu faço e dá certo. Só que acaba com a pessoa. Eu sei tudo o que acontece na prefeitura; sei onde está cada buraco de Mogi. E não faço isso pensando na glória. Se quer saber, não tomo nem conhecimento. Dizem que fui o melhor prefeito que a cidade já teve. Para mim, o importante, o fundamental, é não ter sido o pior. A cidade ainda precisa de muita coisa. Nem que eu continuasse trabalhando como estou mais 20 anos to-

dos esses problemas não seriam resolvidos. E o que eu não fiz em Mogi precisa ser feito de novo.

ATO: Você não é, então, uma pessoa vaidosa?

WALDEMAR: Eu acho que sou. Assim: eu gosto de dizer que eu fiz isso, a minha equipe fez isso, porque você para ser

O que eu não fiz em Mogi precisará ser feito de novo

administrador tem que ter retaguarda; ninguém faz nada sozinho. É uma equipe que trabalha junto, unida. A vantagem que eu tenho é que todos trabalham em cima de mim. Quem aparece sou eu, não eles.

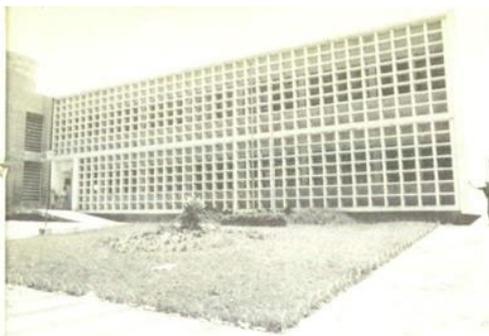
ATO: E o que você pensa da religião?

WALDEMAR: Estou com 58 anos e até hoje não achei ainda minha religião. Não gosto de ir à igreja e às vezes, quando meu vice-prefeito convida, frequento um templo espírita; eu vou lá uma vez por mês, cada 15 dias, depois fico seis meses sem ir. Não tenho uma religião. Tem hora que acredito em Deus; momentos em que não acredito. Você faz uma obra e vem uma tromba d'água e destrói tudo. Por quê? Eu detesto a miséria, não gosto de ninguém pedindo esmola. Eu não rezo: acho que não resolverá nada para mim. Mas acho que até morrer — e se eu durar mais cinco anos estou fazendo vantagem — pode ser que chegue a uma conclusão: "A religião é essa!". Mas até hoje não encontrei!

CANDIDATOS	ELEIÇÕES	VOTOS
<i>WALDEMAR</i>	1958	4.502
RODOOLPHO JUNGERS		5.258
NENÊ LOPES		4.706
OSWALDO HERZER		838
<i>WALDEMAR</i>	1963	8.942*
CARLOS A. LOPES		6.359
ORNELAS		5.882
AGENOR MUNIZ		1.124
<i>WALDEMAR</i>	1968	14.448
ORNELAS		8.379
JACOB LOPES		7.217
<i>CASCARDO/BOUCAULT</i>	1972	22.789**
ORNELAS/JACOB		17.317
<i>WALDEMAR</i>	1976	30.570
RUBENS		15.118
AMÉRICO KIMURA		4.732
HERVAL BRASIL		3.348

* Waldemar saiu para vice-prefeito. Os demais para prefeito.

** Waldemar apoiou Sebastião Cascardo e Plínio Boucault.



Fórum: asfixia por papéis.

JUSTIÇA

Caos no Fórum

Não há espaço. A Justiça de Mogi pode parar.

Sufocado por alguns milhares de quilos de papéis, atualmente representados pela espantosa cifra de 36 mil processos, 75% deles referentes à execuções fiscais movidas pela Prefeitura, o fórum de Mogi das Cruzes não resiste mais ao volume de trabalho acumulado — tão grande a ponto de, no momento, não haver condições para a instalação de suas duas novas varas, a 2ª Criminal e a 4ª Civil.

Provas disso podem ser encontradas nos inúmeros pedidos de ampliação dirigidos à Secretaria da Justiça, ou então nas declarações concisas do juiz José Elias Habice Filho, seu diretor. "As necessidades são prementes", diz ele. Talvez mais relevantes que os números brutais e das constatações do magistrado, seja a afirmação feita pelo secretário da Justiça quando o prédio foi inaugurado, em 1973. O secretário, então, já admitia que as instalações eram insuficientes, determinando projetos e planos para sua correção.

OTIMISMO — Eles até agora não foram executados, e embora não afirme, o juiz José Elias Habice Filho não parece acreditar num eventual socorro por parte do governo do Estado. Promessas existem: o atual secretário da Justiça, José Carlos Ferreira de Oliveira, por exemplo, já falou em desarmar a expansão do judiciário mogiano. Outra tentativa — talvez a mais promissora — foi feita com a Prefeitura durante encontro que o diretor do fórum teve com o prefeito Costa Filho. Ele se interessou em construir o anexo e até já enviou um arquiteto para definir a obra.

Com a Prefeitura o juiz parece ter mais esperanças e diz que no momento já está sendo elaborada avaliação sobre o custo da obra, que será de acordo com os projetos estaduais. A médio prazo — acredita Habice — o anexo resolverá a terrível falta de espaço, pois dotado de dois andares, esse apêndice abrigará em seu pavimento superior três salas de audiência, dois gabinetes de juizes, três de promotores e uma sala para testemunhas. No térreo ficarão os cartórios, e, otimista, o diretor imagina que o anexo abrigará, inclusive, as duas novas varas, "hoje sem espaço para sua instalação".

ATO, MARÇO/ABRIL DE 82

TRANSPORTES

Guerra surda

Empresários jogam duro na linha Mogi-Bertioga.

De maneira discreta, mas jogando muito alto, três empresas rodoviárias travam uma verdadeira guerra para ficar com a concessão da linha de ônibus que servirá a rodovia Mogi-Bertioga, velho e tradicional sonho dos mogianos. Nessa briga empenharam-se a Transporte e Turismo Eroles, a Auto-Ônibus Mogi das Cruzes S/A e o Expresso Rodoviário Atlântico — empresas que mobilizam todo seu poder de fogo para ganhar a disputa.

O empresário José Eroles está confiante e tem quase certeza absoluta de que a primeira autorização para a exploração da nova linha será concedida à sua empresa, "que já cobre 75% da estrada, até o rio Guacá". Outro trunfo pesado de que dispõe é o fato de a Eroles já operar linha intermunicipal até a localidade conhecida como Mineração Geral do Brasil, no município de Santos.

PÁSSARO NA MÃO — Classificada como a sexta empresa de ônibus do país, terceira do Estado e primeira na área da Grande São Paulo, "seria o maior desafio para uma empresa que presta serviços à cidade e região desde 1934 não ganhar essa linha", antecipa José Eroles.



Eroles: certeza de vitória.

Nessa guerra o silêncio também pode ser arma importante. Clóvis Bezno, diretor da Auto-Ônibus Mogi das Cruzes S/A, apontada por José Eroles como a possível ganhadora da concessão para explorar a linha São Paulo-Mogi-Bertioga (pelo seu raciocínio a empresa, que dirige ficaria com o trecho Suzano-Mogi-Bertioga), recusou-se a conversar sobre o assunto. Procurado por ATO, ele mandou recado por sua secretária: queria perguntas por escrito. Extravagâncias à parte restaria o Expresso Rodoviário Atlântico, no momento operando entre São Paulo-Caraguá-Ubatuba-São Sebastião, além de cumprir o percurso Capital-Bertioga via Santos, o que de início já o credencia como forte candidato. "O fator político" — assegura Walter Garcia, encarregado de tráfego da empresa — "só será utilizado em última instância. Na fase inicial não". Correto ou não esse raciocínio, o empresário José Eroles preferiu o pássaro na mão. E durante a visita que José Maria Marin fez à Mogi-Bertioga, colocou ônibus a disposição da comitiva, e, no dia seguinte fez publicar foto com a seguinte legenda: "O governador viaja com a Eroles".

no drugstore você encontra um pouco de tudo!

mercearia - perfumaria - presentes tem até uma farmasil lá dentro.



drugstore

rua deodato wertheimer, 1360
mogi das cruzes



vale
10%
desconto
drugstore

em todas as compras de perfumaria ou presentes acima de 1.500,00 + este vale ganhe (10% de desconto).

Caldeirão...Caldeirão...Caldeirão...Caldeirão...Caldeirão



Kotaro, o "neutro": "Eu, o 'Odair Borraieiro' e o 'Arnaldo Peixeiro', vamos apoiar o irceu do Valle. Afinal, foi nosso companheiro e segunda época lá no Liceu Braz Cubas".



O vereador José de Oliveira "morreu", foi ao Céu e voltou. Frei Inácio mandou chamá-lo:
— O que você viu lá vereador?
— Nada. Deus não existe!
— Nada? Tome 50 santinhos e não diga isso à ninguém.
Jair Batalha mandou chama-lo.
— E daí Zé, o que tinha lá?
— Deus! Deus existe mesmo!
— Não é possível, tome 50 mangos e não fale nada à ninguém.
O Waldemar mandou chamá-lo
— Fez boa viagem, Zé? O que você viu lá?
— Deus. Deus existe mesmo, Waldemar.
— Ótimo, eu já sabia!
— Mas é preto.
— Épa. Então tome 100 mangos e não diga nada ao Costa Leite.

Segundo o vereador *Tarcísio Damásio da Silva*, o mais votado nas últimas eleições, e agora vice do Chico, Nogueira, os candidatos a vereador, Rosaci Silva e Monsueto, pelas ligações que tinham com o ex-gerente da Cobal, merecem um *slogan* para suas campanhas: candidatos na "Rede Somar Votos".



Jacob Lopes anda muito satisfeito. "Tudo azul para mim: se ganha o Montoro, ótimo, ele é meu compadre; se der Jânio, melhor ainda, o título de "Cidadão Mogiano" que ele recebeu foi projeto meu, e é compadre do Dito Lopes; se o Reynaldo ganhar, tudo bem, o meu falecido tio Carlos Alberto sempre foi ademarista, e se não der nenhum deles, pelo menos o Waldemar já não me considera mais seu inimigo pessoal".



O vereador *José Marcos Gonçalves*, O "Benoni," do PMDB, se for candidato a prefeito, promete fazer um *show* nos comícios. Avocará para si, as "paternidades" da Mogi-Bertioga, Projeto Cura, Passe para Operários e o fim da "discriminação racial" em Mogi e no Brasil. (Seu secretariado será "colorido").

E tem mais: já arrumou apelidos para os três futuros concorrentes do PDS — "Chico Pinóquio", "Nacional Kid" e "Zé da Bengala".



Dialogo com *Sethiro Namie*
— Como vai a eleição para você?
— Um "Varejon" de votos.
— Seus concorrentes?
— Uns "Bossutas".
— E a oposição?
— Uma "Meruda".

Lazer Judiciário

O lazer Judiciário mogiano é assim. O juiz *José Habice Filho* gosta de cantar samba e é um emérito humorista para Chico Anísio nenhum botar defeito. Já seu colega *Walter Cruz Swenson*, cultiva frutas e verduras no seu pequeno sítio em Cocuera. Comenta-se que recentemente colheu uma abóbora pesando 100 quilos. Enquanto isso, o promotor *Eduardo Arouche de Toledo* é motoqueiro e dos bons. Nos fins de semana é sempre visto correndo pelas ruas da cidade. E sem capacete. Por sua vez, o juiz *Ney Teixeira* entrou na do Afif: planta feijão e milho lá pelas bandas de Biritiba Ussú. Entrar no varejão é questão de dias. O doutor *Silvio Pires* agora virou telefonista. Explica-se: é candidato a vereador e nas horas vagas fica ligando. As vezes acerta um que já morreu. Finalmente, *Bruno Colella*, o oficial de Justiça: que já "morreu" para futebol e só ele ainda não sabe E o "Pelotão", violero, que nos domingos é sempre visto no Varejão, tentando comprar bananas mais barato, para não negar a "origem".

.Caldeirão...Caldeirão...Caldeirão...Caldeirão...



MALUF: — Como vai o Turismo em Salesópolis, Thiago?

THIAGO: — Vai bem, governador. Lá nós tem a nascente do Tietê, eu o Massayuki e uma bacalhoadá do tamanho do Morumbi



Embora muitos não acreditem, o prefeito Waldemar Costa Filho deverá abandonar a política em definitivo. Tanto é assim que, o chefe da sua equipe política, *Toninho Andary*, pediu demissão do cargo que ocupou durante tanto tempo, abandonou também a política de vez e hoje é presidente de um Centro Espírita lá pelos lados da Porteira Preta. Depois de tanta luta, nada melhor que um retiro espiritual.



Recente depoimento de *Argeu Batalha*: “Após a Revolução de 64, apenas três coisas não mudaram no Brasil: o ministério do Geisel, eu na prefeitura e a vontade do meu compadre Ornelas de um dia ser prefeito de Mogi”.

Curtas e Venenosas

* O silêncio do *Ernaninho*, motivou a renúncia do Dito Mota.

*Coincidência: na mesma hora e dia em que o Dito Mota renunciava à sua candidatura a vice do Chico, o *Hugo de Almeida Castro* formalizava seu ingresso no PDS,

* O Vereador Teixeira aceita também ser tesoureiro da campanha do Junji Abe.

* Na recente reunião da CNBB em Itaiaci, o nome do vereador Ivan Siqueira foi muito lembrado e “aplaudido”

* Para todos que o procuram para ser candidato a “vice” o *Miguel Nagib* tem respondido sistematicamente: “Tô duro”.

* “Paraquedistas” de Mogi, preocupados com o lançamento da candidatura do *Elbio Della Nina*, o “Binho”, a vereador por Jundiapéba.

* A candidatura “divina” do *Zé Waldomiro*, o “Diácano”, ganhou mais força ainda com a saída do Tarcísio para vice. Fala-se já em 5 mil votos.

* Se a emenda, José Camargo passar, em Arujá, o prefeito *Benjamin Manoel* vai indicar sua esposa para prefeito, sem recorrer ao divórcio.

* Por outro lado, se a emenda não for aprovada, o *Maurício Najar* que abra o olho: terá que enfrentar três prefeitos da região que pretendem concorrer a Assembléia. Além do Estevão de Suzano, o Sebastião de Guararema e o Waldir de Santa Isabel.

* Para não criar problemas em família, o *Michel Salomão* abre mão de sua candidatura a vereador, para apoiar o seu sobrinho Wilson Cury, candidato a reeleição.

* Apesar de inaugurar a estação de tratamento com filtro e tudo mais, a água de *Biritiba Mirim* continua com cheiro de minhoca.



EBOLI — PARTICIPAÇÕES
E SERVIÇOS IMOBILIÁRIOS

Projetos Comerciais e Residenciais
Administração e Execução
Administração de Bens

Arquiteto Responsável — Vânia Eboli
C.R.E.A. nº 64.626/D

Pça. João Pessoa nº 38 - 2º and. - s/6
Tel.: 469-9814 - Mogi das Cruzes - SP



Gunai: o samba, a filha e uma grande saudade.



Melinho: de dia um enfermeiro; à noite, solos de violão e entradas em casa pela janela.



Biscui: agora tempo para seus choros e solos.



Vansã: cuidando da imagem, da voz e do futuro.

Fotos: Marcos de Oliveira

BOEMIA

Os pastores da noite

A boemia mogiana já apresenta um gosto de fim de festa em suas noites de samba. Mas resiste.

Nas noites de sexta-feira, invariavelmente, eles se arrumam e vão cumprir, nos bares e salões da cidade, talvez a parte final e agonizante de um velho, já esquecido ritual. A boemia de "Gunai", "Melinho", "Biscui" e alguns outros renitentes quixotes seresteiros, invade então o espaço que ainda resta nas noites eletrônicas e de poucos palcos. Notados por uma inexpressiva — e quem sabe por isso mesmo privilegiada minoria — eles dedilham nas madrugadas um pouco das angústias, inquietações e inseguranças de cada um, chegando a momentos sublimes de terna confissão, onde nem sempre se encaixaria bem uma grande platéia. Afinal, para eles, os pastores da noite mogiana, pouco importa o que está do outro lado dos violões, cavaquinhos e do canto morno de fim de noite — vale mais a sensação da voz soltando-se, o peito repleto daquela emoção doida que só a alegria ou a tristeza podem explicar.

É nesse contexto que corre a vida de Gunai, o Luiz Grecco, uma figura simples que se acostumou a uma autodefinição jocosa e até prosaica. "Sou o Gunai, trabalho na Prefeitura e sou casado. É isso aí", diz ele, que também gosta de repetir as três coisas mais importantes de sua vida — o casamento, sua filha de sete anos e a compra de um quadro do Sagrado Coração de Jesus.

Gunai trabalhou em muitos lugares, esqueceu marmitas em diversas indústrias e largou o açougue do Zito, na rua Ricardo Vilella, quando ficou com "os brônquios resfriados". Virou então motorista da Prefeitura, de onde sai às sextas e sábados, passa em casa, veste o terno de linho branco, a camisa impecável e o sapato de bico fino. Não se descuida jamais de um toque de perfume, uma maneira de expurgar a sua vida durante o dia. "Afinal, qual a dama que me apreciaria, trabalhando de motorista, suado ou sujo de sangue como nos tempos do açougue?"

Para ele, detalhes como esse já se incorporaram à sua vida de seresteiro elegante,

perfumado e capaz de mesuras, trejeitos e volteios quando dança no Frô, um salão de bailes onde desembarca semanalmente. "A vida é essa... Um segundo que se esvai depressa. Todos nós temos o nosso momento e depois dele só o esquecimento". São versos do Gunai, quarentão que parece estar sempre com saudades de alguma coisa. Suas músicas preferidas são cantos de amor; suas conversas geralmente trazem os mesmos temas, quando nunca se esquece de contar como foi que começou a "aprender a noite".

CADERNO PRECIOSO — Foi em 65, tempo em que religiosamente só deixava o açougue depois de ouvir, pela *Rádio Record*, as novelas com Edite de Moraes, que Gunai descobriu a boemia. Num dia ao subir a rua Cardoso Siqueira em direção ao cemitério, encontrou com Manuel Durães, "Fred" e "Zoinho". Não conseguia cantar um samba inteiro, mas naquele momento cantarolou "Transplante de um Coração" e sua vida mudou.

Conheceu novos parceiros: "Dema", "Pelotão", "Arlindo do Cavaquinho", "Eurico", "Zézinho do Cavaquinho", "Melinho" e muitos outros que podiam se encontrar na velha fonte luminosa da rua Deodato Wertheimer — numa época em que não havia a Lei do Silêncio e a polícia chegava com bons modos para anunciar a noite alta e a hora da música parar. Hoje, ele tem na ponta da língua versos para todas as situações, mas é uma frase sua que sempre o ajuda a ir em frente: "Tudo desapareceu e quando a gente lembra tem mais é que se ajustar". É também com ela que Gunai recorda a perda de um inesquecível, precioso caderno repleto com "letras que ninguém sabe mais". A mesma frase dá-lhe ainda forças para lutar por uma obsessão antiga: realizar no Teatro Municipal uma noite de serestas.

Se Gunai solta sua voz e quer mostrar a um público maior toda a arte e paixão da noite mogiana, Mário de Oliveira Melo, o Melinho, tem até mesmo vergonha de des-

cer do ônibus que o traz de Braz Cubas, com seu violão debaixo do braço, um sentimento incompreensível quando se ouve os sons dos solos e acompanhamento que seus dedos leves tiram das cordas.

No Bandeirão, bar-lanchonete da rua Barão de Jacuqui onde está todas as sextas-feiras, ele esquece seu trabalho na enfermaria do 17º Batalhão da Polícia Militar e assume sua "vida de ladrão", expressão que Melinho cunhou certa vez, quando sua mulher quase o obrigou a pular a janela para entrar em casa após uma madrugada de boemia.

MUNDOS DIFERENTES — Num ambiente desses, é certo, os sintetizadores e as guitarras não saberiam chorar como o cavaquinho de José Claro Martins, o Biscui, um homem que deixou seu instrumento de lado durante 25 anos porque os filhos não lhe davam sossego para tocar e compor, além de precisarem de seu trabalho como ajudante de caminhão para serem sustentados.

Com os três filhos criados, Biscui voltou em 78 ao seu instrumento e às noites de seresta na casa de amigos ou no restaurante Lee, um dos poucos locais de Mogi das Cruzes que abrem espaço para a música ao vivo. Lá longe de Luiza, sua mulher e "viúva dos fins-de-semana", Biscui faz o que gosta, apresentando composições próprias ou cantando choros famosos, momento em que se esquece de tudo, principalmente das dores de cabeça e da coluna.

Gunai, Nelinho, Biscui, enfim a grande maioria dos seresteiros, toca e canta por muito amor e poucas, raras vezes, para defender "um dinheirinho". Valorizam mais a música, a preguiçosa boemia — magoam-se e aceitam os erros e acertos da noite, filosofando sobre esta "época de desamor total". Já não é este, no entanto, o caso de Vicente de Paulo, o "Vansan", moço que se preocupa menos com a noite e seus segredos, trabalhando mais para transformar a música num meio de vida. "O importante é trabalhar no que se gosta", diz Vansan, apelido surgido nas aulas de francês da professora Therezinha Langlada e que corresponde ao som da palavra Vicente, seu nome, em francês.

Assim, ele gosta de serestas e boemia mas até uma certa hora, pois é preciso cuidar da voz e da firma que montou para apresentações em festas, casamentos, aniversários e agora também no mesmo restaurante Lee, onde atua às quartas, sextas e sábados. Como Biscui, ele não bebe, não fuma e nem mesmo toma gelado. Suas atenções estão sempre voltadas para a imagem, onde não há sofisticação, mas doses carregadas de profissionalismo. Finalmente, os caminhos, as desilusões, as esperanças são muito diferentes para Vansan e Gunai. Se o primeiro espera por dias melhores, Gunai simplesmente veste seu terno branco e vai dançar.

VANICE ASSAZ

Fuga de astros

As estrelas surgem, sobem e depois somem de Mogi.

Durante muitos anos, Mogi das Cruzes conviveu com a desagradável fama de aniquilar todas as novidades que chegavam à cidade. Correto ou não, o fato é que, após iniciar com bom pique, os empreendimentos refluíam até seu desaparecimento. Foi assim com bares, boliches, lojas, restaurantes e uma série grande de fracassos. Ao final de tudo ouvia-se: "Nada que é feito aqui dá certo. Pior do que Mogi, só Mogi com chuva". Apesar de definitivamente incorporada ao passado, essa visão pessimista parece ainda existir no esporte, onde encaixa-se perfeitamente. Aqui já desapareceram times de futebol como o União F.C. e o Vila Santista, capazes, nas décadas de 30, 40 e 50, de encantar não só torcedores mogianos, como dirigentes e técnicos de grandes clubes da Capital. Foi assim também no basquete, vôlei, judô, tênis de mesa, atletismo e natação, modalidades que revelaram campeões brasileiros e sul-americanos, mas que naufragaram nas águas turvas dos rancores, personalismos, má administração e falta de apoio.

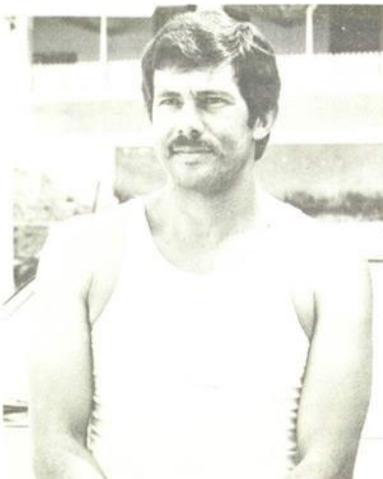
Nilo Martins Guimarães deixou Mogi para se projetar nacionalmente no basquete, enquanto William Urizzi de Lima é técnico de natação no Clube Pinheiros, Fernando Soraggi da Prefeitura de Suzano, a exemplo de Sebastião Galdino, que trocou as piscinas do Náutico pela ginástica olímpica suzanense. Os irmãos Namie, dois bons judocas, teriam partido para o ABC caso o pai vereador não conseguisse aqui as vantagens oferecidas lá, como ocorreu com o garoto Frederico Wada, 14 anos, hoje no Pinheiros. A lista é longa: o jogador "Dunga" é ídolo do Lemense F.C., Edson e Altair destacam-se na Portuguesa de Desportos e "Macuco" no Tanabi.

FALTA ESTRUTURA? — Para o prefeito Waldemar Costa Filho, a razão dessa

fuga de astros sempre esteve na falta de infra-estrutura, e por isso ele partiu para a construção de quatro centros esportivos. Isidoro Boucault Neto, seu coordenador de Esportes, acha que, prontos, Mogi terá condições de permanecer sem problemas entre as cidades onde o esporte é motivo de orgulho, como Franca, São José dos Campos, Campinas e Ribeirão Preto.



Soraggi: falta liderança.



Galdino: falta apoio.



Nani: falta tradição.



Carlito: falta diálogo.



Abel: faltam técnicos.

Já para o professor de ginástica olímpica Sebastião Galdino, os problemas estão na falta de apoio e não na ausência de instalações, pois na cidade, "contando nos dedos", existem cinco ginásios cobertos. De fato, só a Universidade de Mogi das Cruzes tem dois, o Náutico um, o União

outro e NEC mais um.

"Falta ao nosso esporte uma integração baseada no bom senso daqueles que comandam e que são responsáveis por este setor em Mogi, tanto nos clubes como na Prefeitura" — proclama Fernando Soraggi, ex-técnico da equipe nauticana de natação e de seleções brasileiras que disputaram torneios no Exterior. "Antes de se falar em apoio, seja de infra-estrutura ou financeiro, é preciso haver liderança, falarem todos a mesma língua."

Se a retórica de Soraggi tem como um de seus destinos o presidente do Clube Náutico Mogiano, Carlos Augusto Ferreira Alves, o "Carlito", quem conversa com ele ouve discurso mais direto. Pelo menos na natação, assegura, quem provocou a revogada de atletas foi o técnico Fernando Soraggi. "Ele saiu e levou todo mundo consigo, dizendo que a natação do Náutico tinha terminado", diz Carlito, que ainda sugere: "Infraestrutura a cidade tem. É necessário haver uma reunião de todos os diretores de clubes com o prefeito Costa Filho e tentar organizar um esporte de alto nível. Só assim será possível fixar atletas e técnicos em Mogi".

CENTROS DE LAZER — Está com os técnicos, segundo o esportista José Abel Arantes de Castro, 22 anos como diretor do Náutico, a forma correta de não fazer os futuros centros esportivos, locais apenas para lazer da população nos fins-de-semana. "Caso contrário" — prevê — "os novos atletas que forem surgindo continuarão migrando à procura de melhores condições".

Filho do presidente do Clube Náutico, o técnico de natação Carlos Alberto Ferreira Alves, o "Nani" chega até a concordar com uma frase que o prefeito Costa Filho costuma sempre lembrar — a de que em Mogi faz-se turismo utilizando-se do esporte. "Mas acho também que chegou a hora de todos sentarem-se à mesa para repensar tudo outra vez." Depois de passar pelo Flamengo e Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, e ainda pelo Corinthians do Paraná, Nani, de volta a Mogi, descobriu a falta de algo fundamental na cidade: É a tradição esportiva que Mogi não tem e precisa criar. Em outras cidades brasileiras todos praticam e prestigiam o esporte". Tradição, apoio, tudo isso conta numa análise. Bem melhor, no entanto, é arregaçar as mangas e começar a trabalhar. Principalmente o poder público.

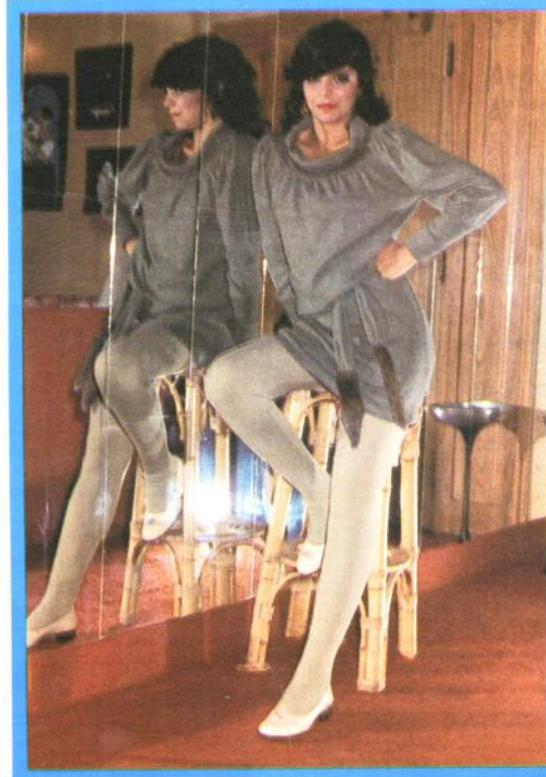
A ele cabe o dever de formar equipes, contratar técnicos — fazer talvez, como a Prefeitura de São José, também responsável pelo bicampeonato de basquete que o Tênis acabou de levantar.

GERALDO RODRIGUES



Quando inaugurou em outubro seu ateliê, o artista plástico Marcos Aurélio Namura, 28 anos, pensou apenas num local onde pudesse trabalhar

e vender as peças em porcelana que decora a mão. O local, no entanto, acabou-se transformando numa escola de arte que tem sido visitada, inclusive, por renomados mestres desse tipo de pintura. É o caso, por exemplo, dos internacionalmente conhecidos Wabao Watanabe e Glória Rodrigues, ambos participantes de seminários organizados por Namura, quando expuseram sua técnica para um público que o próprio artista mogiano achou surpreendente. Com o ateliê, Namura, que profissionalmente é engenheiro civil e professor, iniciou também na cidade o costume de presentear amigos e parentes com peças decoradas a mão.



A moda não muda muito para a próxima estação. Permanecem os gêneros "Funk" e "New Romantic". Isto quer dizer também que a minissaia estará novamente presente nas coleções outono-inverno, "um pouquinho mais alongada e ganhando franzidos e godês que a tornam menos agressiva", antecipa Lucy Oeij, a proprietária da "Lucy Boutique". Reabilitando o tafetá "chamalote", e mantendo a camurça, marca do verão passado, as mulheres usarão xales sobrepostos e saias amplas, lembrando as camponesas da Europa Central. As golas serão altas e ornamentadas por detalhes românticos, e as túnicas e blusas, quase vitorianas; haverá também os chamados trajes piratas. As calças continuam no mesmo comprimento: alguns centímetros acima das canelas, tanto para jeans como para os trajes de noite. Modelo: Jussara Prado. Maquiagem: Ivan Rizzi.



Concluída a 3 de setembro de 1939, no bairro de Cocuera, em Mogi das Cruzes, a fábrica de chá construída pelo imigrante japonês Fukashi Fuhihata depende de uma decisão do Condephaat para que com seu tombamento preserve-se uma das raras marcas deixadas pelos primeiros japoneses que aqui chegaram.

Da fábrica de chá as únicas informações são de Amélia Hanaoka, 56 anos, filha do carpinteiro Kazuo que a construiu no final dos anos 40, quando o proprietário Fukashi Furihata, convidou seu pai, um velho amigo, para erguê-la. "Nós nos mudamos de Campinas especialmente para isso", recorda Amélia, que ainda lembra detalhes do monumento: tem 500 m² de construção e foi levantada totalmente em madeira montada em encaixes. Não se utilizou um prego sequer nesta obra que exigiu sobretudo paciência — os eucaliptos de sua estrutura tiveram que ficar submersos até o apodrecimento de suas cascas.

Quase desconhecida em Mogi, o monumento é visitado por arquitetos e historiadores, pertencendo atualmente ao vereador Sethiro Namie, que tenta agora o tombamento. Sua linha arquitetônica é a Irimaya, e o portal da fábrica segue o estilo Tidorihafu, usado nos antigos castelos japoneses.



Desde que cerrou as portas da Farmácia São Benedito, na rua paulo Frontin, o farmacêutico Mauro Ottoni Martins prepara-se para realizar um dos maiores sonhos de sua vida. Montará um museu com um verdadeiro arsenal de instrumentos e peças de boticário, aproveitando ainda para instalar sua biblioteca quase toda composta de obras sobre parapsicologia, ciência à qual ele pretende agora destinar mais tempo.

Hoje, no local onde manterá essa espécie de quartel general da nova vida, uma casa no número 1010 da rua Coronel Souza Franco, Ottoni, ou o "Mauro da Farmácia", como acabou ficando conhecido, vive rodeado de sais, pós, venenos,

extratos moles e fluidos de laranja amarga, uvas-passas, tinturas, unguentos, bálsamos, instrumentos como o piluleiro manual, espátulas e balanças de precisão. Esse acervo não será exposto e tampouco o farmacêutico tenciona vendê-lo. Para o proprietário da Botica Veado D'Ouro — como conta — já disse não às ofertas tentadoras. "Vai ficar tudo aqui, perto de mim para que meus amigos, filhos e netos possam conhecer. Isso é o meu mundo. Será a casa onde vou continuar meus estudos sobre parapsicologia".

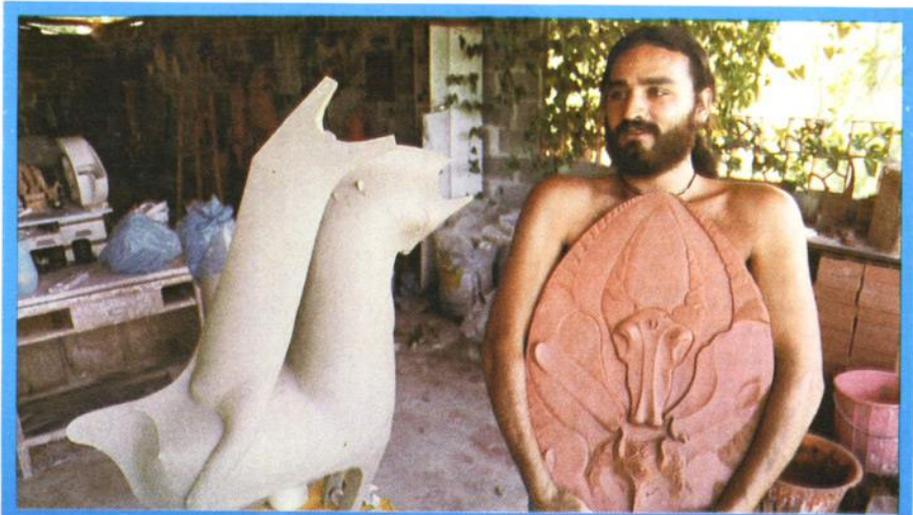
Aliás, nessa casa o farmacêutico já decidiu instalar uma pirâmide onde não faltarão as camas do rei e da rainha. Antes disso, porém, ele fará viagem ao Egito, esperando adquirir mais conhecimentos sobre as pirâmides, construções que o fascinam. Com ar cabalístico ele antecipa. "Vou continuar a ser útil à humanidade. Não digo o que vou descobrir, mas garanto que descubro".

Possuidora de duas espécies de orquídeas em extinção, a "C. Bicolor" e a "Laelia Jongheana", que cultiva com redobrado carinho em seu sítio de Mogi das Cruzes, a pedagoga Thelma Barros, 32 anos, vê com desgosto o abandono a que estão sujeitos diversos tipos de orquídeas existentes nas matas da região. Casada com J. J. Barros, celebrado cirurgião buco-maxi-facilar do País, Thelma gostaria de ver muitos orquidários instalados não só para preservar o que ainda resta, mas sobretudo divulgar "essas verdadeiras obras de arte ao natural".





A costumados legislaturas a fio com o desconforto das instalações onde desenvolvem seu trabalho, os vereadores mogianos estão satisfeitos com a nova Câmara Municipal. Afinal, ela possui ar condicionado, iluminação natural (zenital), plenário para até 22 membros e platéia capaz de receber mais de 100 pessoas. O prédio, em forma de pirâmide, foi concebido pelos arquitetos Eduardo Corona, Cristina Lage e Lauresto Coutro, de São Paulo, e é amplo suficiente nos 2.500 m² e 30 salas à disposição dos vereadores. Estes, contudo, terão que suportar a ironia popular que já relacionou a forma piramidal com as finalidades que os egípcios davam a esse tipo de construção.



Premiado com medalha de ouro no 1º Salão de Artes Plásticas de São Paulo, em 1980, no Ipirapuera, o escultor **Maurício Chaer**, 24 anos, exporá neste mês 40 esculturas equestres na Hípica Paulista. Ao mesmo tempo, apresentará, a convite de Pietro Maria Bardi, diretor do Masp, o "Cavaleiro", em exposição promovida pelo museu. Finalmente, Chaer, um mineiro autodidata que vive em Mogi há muitos anos, inaugurará na cidade sua escola de escultura em cerâmica.

Negócios e Oportunidades



A crescente valorização imobiliária em Mogi das Cruzes disparou nesses primeiros meses do ano: enquanto o empresário Sérgio Meloni diz ter recusado proposta de Cr\$

180 milhões por uma parte das antigas instalações da Caric (2 mil m²), na avenida central da cidade, poucas quadras dali o Banco Safra adquiriu por Cr\$ 90 milhões pagos à vista o imóvel onde ficava a revendedora Ford de Mogi das Cruzes. No local surgirá a agência do banco, e quando ela estiver pronta é provável que Meloni já tenha negociado a sua valorizada área. Além de acreditar que o imóvel vale mais que a oferta recebida, prefere esperar a Via Leste e a mogi-Bertioga, garantias de nova valorização.

- No segundo semestre de 81, a *Cordeiro S/A - Indústria Cerâmica*, exportou duas fábricas para Gana, na África, uma de cerâmica e outra de cal hidratada, esperando mais negócios para este ano.
- Desamparadas historicamente pelo governo, um grupo de pequenas empresas mogianas resolveu unir esforços para divulgar seus serviços e produtos, além de criar condições efetivas de acesso ao desenvolvimento tecnológico. Todas têm menos de 100 funcionários e contam com o apoio da Ciesp.

- Montado desde o ano passado pela *Fiesp-Ciesp* para auxiliar as exportações de Mogi das Cruzes, o cadastro de empresas estrangeiras interessadas em importar produtos brasileiros tem sido raramente consultado, desperdiçando não só o serviço feito, mas, o que é pior, a possibilidade de bons negócios em plena crise econômica.

- A *Antióquia - Indústria e Comércio de Roupas e Agasalhos Ltda.* vai inaugurar sua segunda fábrica, na Vila Rubens, aumentando a produção dos "Jeans Tuwas". Criará também mais 250 empregos.

- A *Cerâmica Giotoku* iniciou em 1981 suas exportações. Vendeu para o Paraguai, Bolívia, Porto Rico, Suriname, Barbados e Estados Unidos.

- Roberto Feder, diretor executivo da *Elgin Máquinas S/A* vai instalar em Mogi fábrica de impressoras para computadores. A montagem deve ficar pronta ainda este ano, auxiliando no suprimento da demanda interna e reduzindo importações do setor. Nesse projeto, a Elgin utilizará *know-how* da empresa alemã *AEG-Telefunken*.

- Vendendo 500 milhões de cruzeiros em produtos para o Exterior, a *R-Ohm do Brasil - Indústria Eletrônica*, fechou o ano com grande incremento em suas exportações. Só para Estados Unidos e Alemanha enviou 450 milhões de cruzeiros em resistores e diodos.

Desde que deixou Mogi das Cruzes para trabalhar em São Paulo, o ator **Ricardo Blat** costuma periodicamente retornar à cidade, onde iniciou, na década de 60 sua carreira, no Teatro Experimental Mogiano, o TEM, que também nasceu naquela época. Já em São Paulo, Blat foi saudado pelo seu desempenho em "Equus" e ficou muito conhecido após as telenovelas "Estúpido Cupido" e "Marron Glacê", da Rede Globo. Há algumas semanas esteve em Mogi divulgando seu novo trabalho, "Bent", peça de Martin Sherman.



Aos sete anos "Fatinha" já cantava no coral do padre Paulo, em Suzano, um grupo que chegou até a gravar discos pela Edições Paulinas. Agora, aos 20 anos, e após o festival Emedes, com "Divagando", música de sua autoria, Maria de Fátima Guimarães, estuda música para aperfeiçoar a voz quase rouca, que pretende mostrar em Mogi neste mês de abril: está planejando montar no Teatro Paschoal Carlos Magno espetáculo onde contará a história da música popular brasileira.

MULHER

Só erotismo

Nas telas, Kristel em novas rodadas de sexo.

Emanuelle, Júlia, Constance Chatterley? Os personagens sempre se confundem mergulhados na mesma dose de erotismo deliciosamente sorvidos pelos fãs de Sylvia Kristel. Hospedada no hotel Caesar's Park, em São Paulo, onde veio lançar seu novo filme, "O Amante de Lady Chatterley", Kristel falou a ATO, o tempo todo acompanhada de seu noivo e produtor, André Djaoui. Durante a entrevista, ou ela pedia socorro ao companheiro — especialmente nas perguntas mais reflexivas — ou ele mesmo intervinha, sem ser solicitado, para "traduzir" o seu pensamento:

Sylvia adora futebol, e de vez em quando segue uma partida inteira pela televisão. Durante sua estada no Rio teve um encontro com Pelé, de quem é fã incondicional. No entanto, quem demonstrava mais entusiasmo pelo atleta era Djaoui. "Pelé tem um sorriso incrível. Ele é fantástico. Vimos o filme dele com John Houston, é muito bom". Além do ex-artilheiro ela não conhece quase nada sobre o Brasil, tanto é que na primeira vez em que esteve em São Paulo (1979), ao ser questionada qual o diretor brasileiro de sua preferência ela citou Gabriel Garcia Marquez, escritor colombiano.

Quanto à Europa Sylvia também está um pouco desatualizada, apesar de afirmar que lê quatro jornais de diferentes países por dia, "inclusive os anúncios fúnebres", como garante seu noivo. No entanto, quando Djaoui perguntou à repórter se Maurice Béjart já havia se apresentado no Brasil com seu famoso primeiro bailarino, o argentino Jorge Don, Sylvia se mostrou desorientada e quase sussurrando perguntou: "Quem é Béjart?" Em voz quase tão baixa Djaoui explicou. "Um dos maiores coreógrafos do mundo".

O AMANTE — É necessário um pouco de imaginação para entender a controvérsia que o romance de D. H. Lawrence

provocou, há mais de meio século, quando foi publicado pela primeira vez com despesas pagas pelo próprio autor. Incapaz de manter relações sexuais com seu marido, depois de um acidente deste na guerra, Constance, a sensual Lady Chatterley passa a ter um amante. Não um aristocrata, mas um analfabeto coureiro da propriedade de seu marido. O tema de

Lady Chatterley era escandaloso para a época e a linguagem extremamente crua. D. H. Lawrence fez três versões para o livro, mas foi em *The First Lady Chatterley*, que o filme foi inspirado.

A única versão cinematográfica do livro feita anteriormente aconteceu na França, em 1955, estrelado por Daniel Darrieux e Leo Geon. O diretor desta nova versão, Just Jaeckin, era um apaixonado pela obra de Lawrence até que resolveu filmá-lo, no começo de 81, na Inglaterra, em locações construídas no século XVIII. Este cenário empolgou Sylvia, apesar do forte frio que dominava a região e dificultava, especialmente as cenas de nudismo. "Um dia eu tinha de correr pelo jardim descalça mas o vento estava tão gelado que eu não sentia meus pés". Por isso Sylvia dá um recado para quem quiser ser atriz: "Além de ser magra, alta, branca e ter olhos claros, é preciso saúde".

L.A.



"Emanuelle": agora amando como "Lady Chatterley" na história de D. H. Lawrence

SPOT

PAPELARIA

INÉDITO EM MOGI!

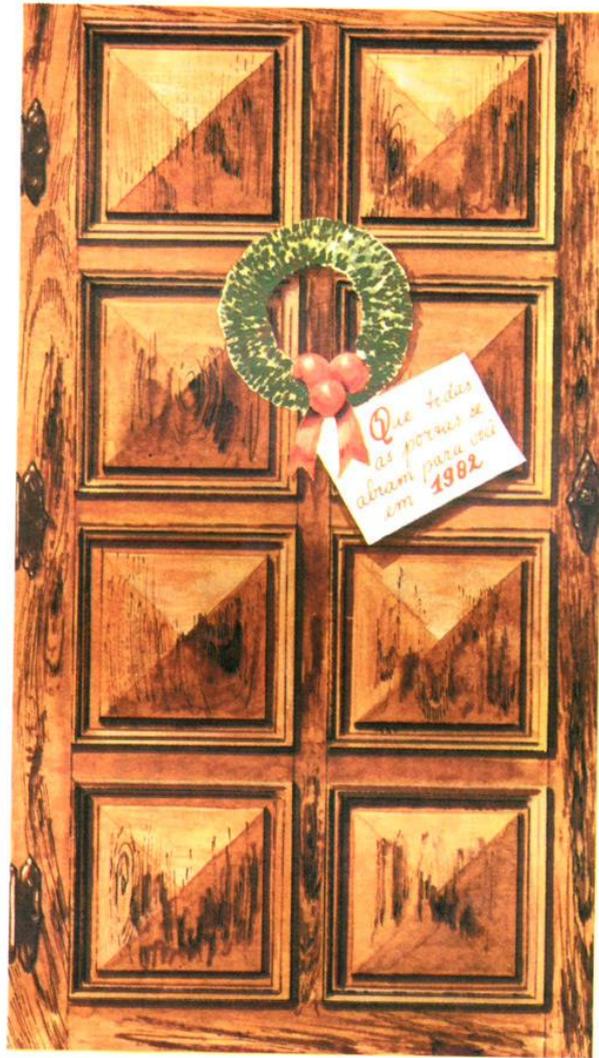
3 PAGAMENTOS, SEM JUROS

E SEM ENTRADA.

A SPOT É O ÚNICO LOCAL NESTA REGIÃO ONDE VOCÊ ENCONTRA OS MATERIAIS FENAME (MEC)

ALGUNS PREÇOS FENAME:	
CADERNO ESCOLAR (48 FOLHAS)	CR\$ 18,00
BORRACHA ESCOLAR	CR\$ 5,00
LÁPIS PRETO	CR\$ 8,50
CADERNO UNIVERSITÁRIO	CR\$ 60,00

SPOT - R. DR. PAULO DE FRONTIN, 233 - TEL.: 469-3022 - MOGI DAS CRUZES



**A nossa porta está aberta durante o ano todo,
para oferecer a você o melhor atendimento,
maior rapidez e garantia de tranquilidade.**



Pça. João Pessoa, 24 - Tels.: 469-5944 e 469-5969 - Mogi das Cruzes
Rua Taubaté, 126 - Caraguatatuba - São Paulo

Hoje os ingleses, antes cheios de pudor, já reagem contra os aumentos de vencimentos da família real. Em 82, só a rainha Elizabeth II vai ganhar 3,2 milhões de libras (Cr\$ 841,6 milhões). Isso, no entanto, não diminuiu a admiração e o respeito pela monarquia, e o casamento do príncipe Charles e Lady Di prova isso.
 Por José Carlos Santana *



Mordomia Real

Durante muitos anos, falar da fortuna de Elizabeth II, ou do dinheiro gasto pelo Estado para mantê-la, constituía, na Inglaterra, um pecado quase mortal. E o estrangeiro que ousasse fazer qualquer crítica, um comentário que fosse, aos custos de manutenção do Palácio de Buckingham e seus nobres moradores, podia esperar uma reação fria, um corte rápido e polido do assunto do seu interlocutor. O respeito e a admiração pela rainha não desapareceram. E o casamento do príncipe Charles com *lady* Diana serviu para confirmar isso. Mas, hoje em dia, não se nota mais aquele pudor excessivo dos ingleses, quando o assunto monarquia surge numa roda de amigos, ou mesmo numa conversa formal.

Os tempos mudaram. A Grã-Bretanha tem hoje, proporcionalmente, um dos maiores índices de desemprego do mundo — três milhões de pessoas, para uma força de trabalho que não chega a trinta milhões. Seu parque industrial, orgulho dos nativos e modelo para o mundo em tempos passados, vai sendo destruído pouco a pouco em benefício da tecnologia japonesa que inunda o mercado com seus aparelhos eletrônicos, equipamentos fotográficos, relógios, automóveis e motocicletas. A lista é enorme.

Por isso, não é de se estranhar o fato de os ingleses estarem abandonando a discrimina-

ção — peça fundamental na composição da personalidade desse povo — e deixando transparecer seu descontentamento com tudo e todos, inclusive com a veneranda família real. Não foram poucas as cartas de protesto enviadas aos jornais quando se anunciou um aumento de 10% na verba aprovada pelo governo para sustentação da rainha e dos seus familiares. É verdade que quase ninguém reclamou do fato de o salário anual de Elizabeth II ter passado de 2 milhões, 900 mil e 500 libras (cerca de Cr\$ 527 milhões) para 3 milhões, 260 mil e 200 (cerca de Cr\$ 789 milhões), mas sim da discriminação em relação aos aposentados, que viram suas pensões aumentarem menos de nove por cento.

“**AVIDOS E INSACIÁVEIS**” — No Parlamento, a única voz e levantar-se contra a aprovação do novo orçamento real foi a do deputado trabalhista William Hamilton, que chega a ser evitado por muitos dos seus colegas por causa da posição crítica que sempre assumiu em relação à monarquia. Apontando para a tabela com os salários de cada um dos membros da realeza — 286 mil libras (Cr\$ 7,5 milhões) para a rainha mãe, 160 mil (Cr\$ 4,2 milhões) para o príncipe Philip, 100 mil (Cr\$ 2,6 milhões) para a princesa Anne —, Hamilton exclamou furioso: “Esses números deixarão o público indignado ante a injustiça da situação. São pessoas insaciáveis,

ávidas por dinheiro, e que em nada contribuem para resolver os imensos problemas deste país”.

É claro que a família real não reage a esse tipo de provocação. Seria descer ao nível dos comuns. Mas há quem responda por ela, seja na rua, no Parlamento ou na imprensa. E os argumentos são sempre os mesmos. Uns dizem que a rainha Elizabeth e seus parentes não ganham o dinheiro que merecem pelo trabalho que desempenham como relações públicas e como embaixadores da Grã-Bretanha. E, de certa forma, é verdade. Só o príncipe Phillip fez 112 visitas oficiais, participou de 82 almoços e recepções, e presidiu trinta e uma reuniões, no ano passado. Alguém que conseguiu contar disse que ele passou 242 dias fora da Inglaterra.

Outros alegam que a família real é uma fonte de empregos, e que orçamento aprovado pelo governo mal dá para o pagamento dos funcionários encarregados de zelar por propriedades e edifícios que são atrações turísticas e que, portanto, geram divisas para o país. E há os que fazem questão de lembrar que o dinheiro gasto com a família real é retirado das propriedades da própria monarquia, que foram transferidas para o Estado pelo rei George III em troca do pagamento das contas dele e dos seus descendentes. O antigo monarca não poderia adivinhar que os gastos com a realeza viessem a provocar celeumas, e nem que a troca seria altamente desvantajosa para eles.

De fato, quando Elizabeth II subiu ao trono, vinte e oito anos atrás, a renda extraída das propriedades da Coroa era de 880 mil libras anuais (Cr\$ 23 milhões). Ho-

* José Carlos Santana é jornalista da BBC de Londres.



A família real: da esquerda para direita, capitão Mark Phillips; príncipe Andrews; visconde Linley; Duque de Edinburgo; príncipe Edward; princesa e príncipe de Gales; lady Fermoy; lady Jane Felowes; visconde Althorp; princesa Margareth; rainha Elizabeth, rainha-mãe; rainha Elizabeth II; India Hicks; lady Sarah Armstrong-Jones; mrs. Shand Kydd McCorquodale; mr. Neil McCorquodale; Edward van Cutsem; Clementine Hambro; Catherine Cameron; Sarah Jane Gasellee e lord Nicholas Windsor.

je, há quem afirme que ela ultrapassa em muito os 9 milhões de libras (Cr\$ 2,3 bilhões). Somando tudo, os salários e os custos de manutenção do iate *Britannia*, da frota de aviões, do trem real e dos vários palácios, a importância gasta pelos diversos departamentos do governo com a família Windsor não chega a oito milhões. A diferença, portanto, é significativa.

SEGREDOS DE ESTADO — Mas a grande curiosidade de todo o mundo é com relação à fortuna pessoal de Elizabeth II. Qual seria a sua renda? Como é empregado e quem cuida do dinheiro dela? São perguntas difíceis de responder. Poucos têm acesso a tais informações. Uma de suas fontes de renda, identificável, é o Ducado de Lancaster, que o rei George III não incluiu entre as propriedades que passou para o Estado. Ele reteve também o Ducado da Cornúália, mas este é utilizado para financiar o príncipe Charles, herdeiro do trono, e sua família por enquanto reduzida a *lady* Diana.

Segundo dados disponíveis, somente o Ducado de Lancaster — alugueis e terras arrendadas — rende à rainha algo em torno de oitocentas mil libras anuais. Elizabeth possui também um número incalculável de ações, mas não se sabe de quais companhias ou empresas. Seus investimentos são um dos segredos mais bem guardados da *City de Londres*, ainda o centro financeiro do mundo. Comenta-se que ela ganhou uma verdadeira fortuna com as ações do grupo de mineração *Rio Tinto Zinc*, e que é uma das proprietárias da companhia de seguros *Sun Life* e do *London and South-East Truste Savings*



Fotos: Consulado Britânico em São Paulo.



A vida faustosa da família real inglesa não fica restrita ao Palácio de Buckingham ou às viagens no iate real, o *Britannia*. Há também os palácios de Balmoral e Sandringham, o Ducado de Lancaster e o de Cornúália, reservado para financiar o príncipe Charles.

Banks. Verdade ou não, difícil dizer.

Sabe-se também que lorde Rupert Charles Montacute Neville, vice-presidente das duas instituições, é um dos corretores responsáveis pela aplicação do dinheiro dela, cujo montante só a *Peat Marwick Mitchell and Co.* — firma de contadores — tem condições de revelar. A rainha Elizabeth é dona também dos palácios de Balmoral e Sandringham, comprados do duque de Windsor pelo pai dela, George VI, pela quantia de um milhão de libras. Para quem não se lembra, o duque de Windsor foi o rei que renunciou para

casar-se com uma divorciada norte-americana, e que morreu há poucos anos, em Paris. Sua renúncia levou o pai de Elizabeth II ao trono.

Enfim, há quem calcule a fortuna pessoal da rainha da Inglaterra entre setenta e noventa milhões de libras. Mas, certamente, aí estariam incluídas as coleções de obras de arte e de selos, ambas inalienáveis. De qualquer forma, trata-se de uma das mulheres mais ricas do mundo. E com uma grande vantagem sobre todas as outras: Elizabeth II não paga impostos.

TEATRO

Clóvis Garcia *



Com "Lição de Anatomia", o início do movimento.

Novos grupos formados por jovens - a maioria é de estudantes - abrem caminhos para o nosso teatro.

Uma das características do teatro brasileiro atual é o grande número de grupos jovens que estão realizando espetáculos com uma temática calcada na sua experiência e realidade. Em São Paulo, nos últimos anos, o número de encenações cresceu enormemente, aumentando em mais de 100% de 1978 a 1981. Grande parte dessas montagens é devida a conjuntos que se formam a partir do interesse de jovens, a maioria estudantes, mas também comerciários, bancários e operários, pela arte cênica. Um interesse sem dúvida de grande importância para o nosso teatro, quase como uma reação ao mecanicismo dos meios de comunicação de massa, que tentam dominar a nossa cultura, procurando aquele elemento de relação humana que é próprio do teatro. E com os espetáculos feitos por jovens, o público também cresce nessa faixa da população.

RECONHECENDO PROBLEMAS — Textos que falam das relações pais-filhos, alunos-escola-professor, da amizade, dos brinquedos infantis, da iniciação sexual, dos primeiros namoros, do problemas da adolescência, do vestibular, da vida acadêmica, do início da vida adulta, foram vistos inúmeras vezes em São Paulo, num total de 25 espetáculos somente nos dois

últimos anos. Poderiam cansar o público e, de fato, para nós que somos de outra geração, o assunto já nos parece repetitivo. Mas o público jovem, reconhecendo seus problemas ou a sua experiência recente, tem apoiado e aplaudido esses espetáculos.

Algumas das montagens atingiram, sem dúvida, um bom nível teatral. Desde "Lição de Anatomia", que parece ter iniciado esse movimento — sem esquecer a peça de Domingos de Oliveira, "Somos Todos do Jardim da Infância", bem mais antiga — e que foi remontada em 1981, tivemos nestes dois anos "Simulado", "A Barra do Jovem", "Foi Bom, meu Bem?", "Trampo e Gandaia" e outros mais. Alguns continuaram em cartaz em 1982, como a peça de Naum Alves de Souza, "A Aurora da Minha Vida", com vários prêmios. Outros, que tinham uma temática mais diversificada, não deixavam de abordar o problema dos jovens, seu relacionamento com o mundo adulto, como "Ensina-me a Viver", ou esse excelente e premiado "Lua de Cetim" de Alcides Nogueira Pinto, que já nos havia apresentado, em 1980, "Os Filhos do Carcará", com tema semelhante.

ILUSÕES E DESPREPARO — Um dos problemas, entretanto, que aparece nesses

grupos jovens, é o despreparo técnico e intelectual dos seus integrantes, para fazer teatro, arte muito mais complexa do que parece aos iniciantes. Sem dúvida, o talento é condição essencial para o teatro, mas a formação especializada permite uma realização cênica capaz de tornar o tema, já interessante por si mesmo para o público jovem, realmente expressado em termos teatrais. A ilusão de que se pode fazer teatro apenas com bossa é rapidamente desfeita pela realidade do palco e tem sido uma das causas da nossa crise teatral.

A outra ilusão é a da criação coletiva, que exige uma formação técnica, especialmente em termos de dramaturgia, para que possa resultar em bom teatro, o que já foi compreendido em outros países mas parece ainda não ter sido assimilado pelos nossos jovens iniciantes na arte cênica. Essas duas ilusões têm sido a causa mais freqüente de muitos espetáculos insatisfatórios. De qualquer modo, é sempre animador verificar que toda uma parte da população nova está preocupada em fazer ou ver teatro. ●



"Lua de Cetim": muitos - e merecidos - prêmios no ano que passou.

*Clóvis Garcia é crítico teatral.

LIVROS

Luiz Fernando Emediato *

Maré baixa

As editoras e sua grande safra pobre de qualidade.

No final do ano passado, vésperas de Natal, as editoras "desovaram" no mercado uma série confusa dos mais variados tipos de livros. Na área de ficção, é bom selecionar os lançamentos: poucos merecem realmente leitura; poucos sobressaem, no meio da mediocridade reinante. Na área de ficção brasileira, então, o marasmo é quase total. Há muitos anos não se vêem grandes livros, livros duradouros e imprescindíveis, como "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, ou "Quarup", de Antônio Callado. Fora raríssimas exceções, como "Galvez, Imperador do Acre", de Márcio Souza, ou "A Festa", de Ivan Angelo, além dos livros de contos de Sérgio Sant'Anna, raros são os autores realmente expressivos.

Entre os bons livros — *bons*, jamais ótimos — lançados no fim do ano passado, pode-se ler sem tédio, e até como prazer, "A Ressurreição do General Sanchez", (Editora Civilização Brasileira) do economista e professor universitário Cristovam Buarque. Trata-se de um romance, uma sátira fantástica do poder e suas misérias. Pena que seja tão influenciado por "Cem anos de Solidão", de Garcia Marques, um autor sem dúvida inimitável. O livro de Buarque não tem grandes ambições, e como tal deve ser lido. Um divertimento sério, digamos assim.

MENDRIAS IMAGINÁRIAS — Outro livro lançado na mesma época é curioso e também merece ser conhecido: "Em Liberdade", (Editora Paz e Terra) do professor (de Literatura) Silviano Santiago. Neste romance — pois trata-se de um romance — podemos ler as memórias de Graciliano Ramos, se ele as tivesse escrito. O livro é isto mesmo: as memórias do grande autor alagoano, o diário que ele teria escrito no intervalo entre sua saída da prisão e a instauração do Estado Novo. Silviano Santiago sempre foi um poeta e um ficcionista menor. Neste livro, como que incorporado pela alma de Graciliano, ele cresce fantásticamente.

Outro bom livro é "Memórias de uma Revolucionária", da escritora chinesa Yuan-Tsug Chen, lançado pela Editora Francisco Alves. Chen nasceu em Xangai

*Luiz Fernando Emediato é crítico literário de "O Estado de S. Paulo".



Vargas Llosa: nem melhor, nem pior.

e foi uma das mulheres que lutaram na revolução chinesa. Atualmente ela vive na Califórnia, Estados Unidos. Seu romance é autobiográfico. Nele, ela narra as aventuras de uma jovem idealista de 17 anos em 1949 e seu trabalho no interior de um grupo que tenta reformar as arcaicas estruturas reinantes numa china quase medieval, embora no século XX. É um bonito retrato da China, um livro de aventuras, escrito com violência e paixão. Não é contra nem a favor da nova China, apesar de toda a paixão. Como os grandes livros — embora, pela técnica, não seja ainda um grande livro, mas apenas um bom livro — "Memórias de uma Revolucionária" não se deixa envolver pelo radicalismo ideológico. É um livro muito honesto.

REVIVENDO EUCLIDES — "A Guerra do Fim do Mundo", do peruano Vargas Llosa, também lançado às vésperas do Natal, com grande estardalhaço, pela mesma editora Francisco Alves, também é um bom livro. Nem melhor nem pior que os *best sellers* anteriores de Llosa, ainda que ele insista ter escrito sua obra-prima. Pode ser o livro que lhe deu maior trabalho, pela pesquisa feita no sertão baiano, pelos livros que foi obrigado a ler para relatar um drama histórico ocorrido em país estranho. Pois se trata, aqui, da saga de Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos, já admiravelmente descrita por Euclides da Cunha em "Os Sertões".

Antes de se ler "A Guerra do Fim do Mundo" é aconselhável ler ou reler "Os Sertões". São trabalhos diferentes e não podem nem devem ser comparados. Llosa recria a realidade e se permite certas liberdades, na sua reconstituição histórica. Não lhe interessam os personagens em si, mas o quadro no qual se moveram, as causas de tragédia, suas conseqüências, o que ela representa na aventura humana sobre a terra. É um bom livro de aventuras — nada grandiosa, nem de longe uma história épica, uma epopéia duradoura, como "Guerra e Paz", por exemplo, mas um bom livro, com o qual é impossível entediá-lo. Lê-se com prazer, e isso basta.

CINEMA

Rubens Ewald Filho *

Férias tristes

Nossas crianças crescem sem saber o que é graça.



"Chariots of Fire": filme mediocre que chegou longe.

A cada temporada de férias em que um novo filme dos "Trapalhões" bate um recorde de bilheteria não há como não ficar um pouco deprimido. Coitadas de nossas crianças, toda uma geração que está crescendo certa de que Renato Aragão e sua *troupe* é o máximo de humor que o cinema pode oferecer. Já nem falo no programa de televisão onde eles conseguem ser ocasionalmente engraçados, irreverentes e inventivos.

Mas a esta altura, eles já deveriam ter começado a aprender a fazer cinema. Com eles está ocorrendo aquele fenômeno curioso, fazem tanto sucesso que até a crítica sentiu-se incomodada. Se são tão populares, alguma qualidade devem ter, concluiu-se. Principalmente diante de suas raízes humildes, bem brasileiras e de uma recém-adquirida consciência social.

O escandaloso é que filmes tão ruins façam tanto sucesso. A conclusão inicial parece ser a de que os Trapalhões batem recordes porque estão sozinhos no mercado: não há outra opção para o público infantil. Mazzaropi morreu sem herdeiros, a chanchada carioca diluiu-se e outros humoristas de TV (Chico Anísio, Jô Soares) não conseguiram fazer uma bem sucedida transposição de seus estilos para o cinema.

Isso também é verdade nos filmes estrangeiros. Walt Disney continua a repisar sempre os mesmos desenhos animados enquanto não consegue também produzir filmes com atores que sejam populares (a maior parte de sua produção recente nem vai ser exibida no Brasil porque não dá mais dinheiro). Enquanto outras gerações tinham pelo menos Jerry Lewis, Abott e

*Rubens Ewald Filho é crítico de cinema e Tv Cultura.



“Os Trapalhões”, enganando nossas crianças.

Costello e até mesmo Cantinflas, havia além disso a reposição constante dos grandes filmes do Gordo e o Magro, Irmãos Marx, Carlitos e outros importantes mestres do cinema mudo. Não é nem preciso pegar um dos melhores. Qualquer um deles — até o vesgo Ben Turpin — é muito mais criativo numa comédia de 5 minutos do que os Trapalhões num filme inteiro.

Essa queda de qualidade é grave porque acaba nivelando por baixo. E é preciso não esquecer que cinema é antes de tudo um hábito. Depois de se ir uma vez, retorna-se na semana seguinte e quando menos se percebe se está viciado. Mas retornar para ver o que? (Isso para não se mencionar os inflacionados preços atuais que obrigam mais do que nunca a escolha dos programas).

A triste verdade é que essa queda de nível é geral. A cada ano se constata que o cinema está-se perdendo em um marasmo. E é preciso aparecer um “Caçadores da Arca Perdida”, de Spielberg, para que as pessoas de repente redescubram o prazer de ir ao cinema, de torcer e aplaudir na platéia, coisa que qualquer garoto de outras gerações achava que era uma tradição indispensável de qualquer *matiné* de fim de semana. Hoje é um fenômeno tão raro que o filme é até candidato aos Oscars.

Talvez o que falte mesmo no cinema atual é a emoção. Os realizadores parecem ter perdido a chave que fazia manipular o público, provocando risos ou lágrimas. E que diariamente vem provocando absurdos como o do filme “Chariots of Fire”, um filme inglês modesto sobre campeões de corrida nas olimpíadas que foi considerado tão pouco comercial que nem ia ser lançado no Brasil. Mas sua história era daquelas empolgantes que fazia o público vibrar, e de tal forma que se acabou tornando o “azarão” dos Oscars de 81, abrindo uma inesperada sexta vaga dentre os indicados para o melhor filme. Diante disso, “Chariots of Fire” deverá chegar ao Brasil. E se não tivesse tido essa sorte toda? Teríamos que continuar com os Trapalhões —. E daí para baixo.

MÚSICA

Zuza Homem de Melo *



O som continua

A perda de Elis deixa um grande vazio. E não pode ser aceita por quem a conheceu bem de perto.

É duro acreditar que não mais verei minha querida amiga cantar. Tantas e tantas vezes ela me deixou estático, o olhar preso à sua figura, os ouvidos abertos, e estalando de prazer com aquela voz, aquelas invenções que ela sempre dava de colocar na melodia. Que momentos inesquecíveis. Na cabina de som do Teatro Record, ou no escuro da platéia de algum teatro, eu sabia que, ouvi-la, até nas mesmas músicas, era sempre uma aventura nova; era um jogo que me seduzia, me obrigava a prender a respiração para não perder um só instante. Quando ela levava o microfone à boca, para emitir aquele som — que continua na minha cabeça — não dava para acreditar. Mas ele vinha sempre e novo, ficava na minha frente como uma coisa viva, se espalhando pelo ar, vindo de forma delicada ou rasgada, respirado de dentro da querida cantora.

E dizer que essa cantora e você, amiga velha, eram a mesma pessoa. Você, a artista que eu assistia com a devida e necessária distância, que é para aproveitar em tudo sua música, para admirar e gozar a arte de minha favorita. Cada vez que você contava, eu me convencia mais dessa situação: você artista, eu fã e torcedor.

MANEIRA ESTABANADA — No entanto, nada disso tinha a ver com a amiza-

*Zuza Homem de Melo é crítico musical e disc-jockey da Rádio Jovem Pan.

de de risos, abraços, carinhos e descobertas que a gente foi tendo por todos os anos; com as convesas sérias sobre nossas vidas, em que cada um parecia assumir pro outro, um jeito de irmão ou irmã mais velha. Ou quando você falava sobre alguém do meio e dizia, quase sempre estabananadamente, tudo que lhe vinha à cabeça. Querida amiga, quantas vezes não usaram essa sua falta de diplomacia para criar uma imagem tão diferente de você.

Pois o que mais me dói, é que justamente esse outro som, eu começo a ter dificuldade de escutar dentro de mim. Esse som de você falando umas idéias que vinham rápidas nesses papos sérios; que vinham com estrepitosas gargalhadas e no sotaque de caipira paulista que você adorava, quando era uma daquelas histórias de músicos. Não consigo me acostumar com a idéia desse som estar sumindo. Vai me fazer muita falta querida amiga. Mas enquanto eu ainda estou conseguindo ouvir bem nitidamente sua fala e suas gargalhadas estrepitosas, vou contar o que nem você tinha uma idéia tão clara: o povo gosta de você pra chuchú, o povo ama você loucamente. Tudo porque você cantou e soube ser uma criatura brava, usando sua inteligência e sua música para se fazer respeitar e admirada. Querida amiga, vou falar bem forte para você ouvir: o povo, o povo da música popular, ama você, Elis Regina.

Novo caminho

No 20.º aniversário, o CFE discute o nosso ensino.

O Conselho Federal de Educação, órgão normativo máximo da educação brasileira, completou, em fevereiro, 20 anos de existência. Criado pela lei 4024, de 1962, a chamada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o CFE passou os seus primeiros anos regulamentando e fiscalizando a aplicação deste mesmo dispositivo legal. Ao comemorar o seu décimo aniversário, em 1972, o CFE já somava, ao seu balanço, os estudos e a elaboração de duas importantes leis de ensino: a 5540, da reforma universitária, e a 5692, da reforma do ensino de 1.º e 2.º graus. Agora, marcando os seus 20 anos, foi preciso organizar um seminário de quatro dias para analisar a atuação do CFE.

Órgão essencialmente técnico, mas com uma participação fundamental na política educacional do governo, o Conselho Federal de Educação, após avaliar o seu trabalho de 20 anos, já tem definidos alguns caminhos que precisa trilhar, a partir de 1982, para continuar refletindo de forma mais profunda as grandes questões do ensino, no país.

A primeira de suas linhas de estudos, projetada para os próximos anos, diz respeito aos currículos mínimos dos cursos de graduação de nível superior, que devem merecer revisão e nova conceituação. Estes cursos serão, igualmente, objeto de uma nova política e planejamento da sua expansão; a ser feita agora de acordo com critérios de qualidade e mecanismos mais rígidos de controle. Conceber uma estrutura para a federação de escolas, prevista na legislação do ensino mas não resolvida na sua forma executiva, será outra linha de

trabalho para o Conselho Federal de Educação, que pretende também encontrar formas de um relacionamento mais autônomo entre entidades mantenedoras e instituições de ensino.

Estudar as possibilidades técnicas e fixar diretrizes políticas para o uso da televisão como meio educacional, no Brasil, será outro trabalho especial do Conselho



Prof. Lafayette: definições.

Federal de Educação projetado para os próximos anos. Na segunda grande vertente dos estudos do colegiado — do ensino básico — o CFE pretende fazer uma avaliação qualitativa dos resultados do ensino supletivo entre os anos de 1972 e 1982 e estudar a relação entre a faixa etária do estudante e a obrigatoriedade escolar. O currículo do ensino de primeiro grau e a função dos Institutos de Educação e das Escolas Normais no contexto atual da educação brasileira, são outras linhas de trabalho futuro neste grupo de estudos da educação básica.

O Conselho Federal de Educação é integrado por 25 conselheiros nomeados pelo presidente da República. Ao longo dos seus 20 anos, foi presidido pelos professores Edgar Santos, Deolindo Couto, José Barreto Filho, Raymundo de Aragão, Roberto Santos, Padre José Vieira de Vasconcelos e, atualmente, tem como presidente o professor Lafayette de Azevedo Pondê. Nesses vinte anos, a trajetória do Conselho Federal de Educação, na expressão do presidente Lafayette Pondê, se estende “à construção do conjunto educativo nacional, com a definição do conteúdo das atividades do ensino, nele articuladas as diretrizes dos currículos, o conceito da pós-graduação, as normas de formação e qualificação dos professores, os indicadores acadêmicos, o estudo de projetos relativos ao desenvolvimento do ensino, o acompanhamento das instituições educacionais e o atendimento às consultas e solicitações de entidades e pessoas interessadas”.

Uma retrospectiva da atuação do CFE nestes 20 anos, foi realizada, em Brasília, com a presença de todos os conselheiros e ex-conselheiros que conduziram, até agora, as atividades do colegiado. “A trajetória dos conselhos de educação na vigência da lei de Diretrizes e Bases” foi um dos temas da retrospectiva tratados pelos conselheiros Caio Tácito e Abgar Renault e pelo ex-conselheiro Valnir Chagas. A “contribuição dos Conselhos à Educação Nacional” constituiu outro grupo de palestras da análise feita, sob a responsabilidade dos conselheiros e ex-conselheiros Eurides Brito da Silva — sobre a educação pré-escolar; Terezinha Saraiva — sobre o ensino de 1.º grau; Paulo Natanael Pereira de Souza — sobre o ensino de 2.º grau; Anna Bernardes da Silveira Rocha — sobre o ensino supletivo; Edson Machado de Souza — sobre o ensino superior de graduação; e Newton Sucupira — sobre o ensino de pós-graduação. A retrospectiva incluiu também exposições da conselheira Esther Figueiredo Ferraz e dos conselheiros Tarcísio Della Senta e Hélcio Saraiva sobre a função normativa e interpretativa dos conselhos de educação e seu papel no planejamento educacional.

O ensino superior de graduação é considerado como o aspecto da educação brasileira que mais tempo exige do Conselho Federal de Educação. Analisando este tema, depois de haver pesquisado os inúmeros trabalhos e pronunciamentos destes 20 anos, o ex-conselheiro Edson Machado de Souza traçou as principais linhas de pensamento do CFE a respeito do ensino superior: “O colegiado apoia um ensino superior ministrado em instituições polivalentes; quer um ensino superior aberto a todos os que concluíram o 2.º grau; tem optado por um ensino superior que não seja apenas um mecanismo de formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, mas que esteja voltado para a formação integral do indivíduo, respeitando suas peculiaridades”.

No final do encontro, o ministro Rubem Ludwig, da Educação, deu o tom para os próximos anos: “A construção e consolidação do sistema educacional é difícil, penosa e interminável. Os problemas ficarão mais agudos para a frente”.



ECONOMIZE

SEÇÃO DE PRESENTES FINOS, ROTISSERIE,
FRIOS, LANCHONETE.

AMPLO ESTACIONAMENTO

AVENIDA FRANCISCO RODRIGUES FILHO, 228 — TELEFONES: 469 - 5447 — 569 - 5442
MOGI DAS CRUZES



CARLOS SOH

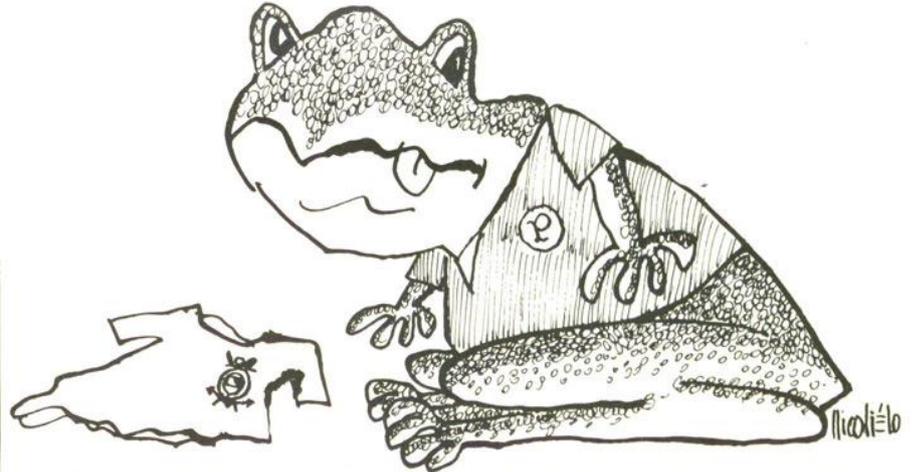
ABRE O JOGO

(Arte & Efeitos de Som: Nicolielo)

Enfim uma página que, apesar de fazer força para ser engraçada, sabe que vai ser impossível concorrer com as próximas reuniões do Conselho da SE Palmerias...

O drama começou há alguns anos, com ares de ópera bufa, os corinthianos — rivais de sempre — ensaiando coros e gozações, os corneteiros de plantão fazendo muito barulho e prometendo revoluções dignas de Garibaldi, a torcida cabisbaixa mas, no fundo, achando que tudo aquilo não passava de uma “crise passageira”. Mas o tempo foi passando e vergonhas novas foram sendo vividas pela gente alviverde: o ex-presidente deu um desfalque milionário e tudo ficou por isso mesmo; o time foi perdendo uma atrás da outra e, o que é pior, acostomou-se a perder; vieram vexames internacionais como as desastrosas derrotas no Torneio de Carranza - que o corinthianos insistem em classificar como “a incrível capacidade de fazer uma quina e uma quadra num mesmo fim de semana —; a torcida foi desaparecendo dos estádios e fazendo barulho apenas no velho centro da cidade, onde ergue barracas e pede a destituição da Diretoria; e o número de anos de insucessos foi aumentando a ponto de, hoje, o bolo do jejum palmeirense de títulos já ostentar sete solenes velinhas. Tudo isso, creio, é suficiente para que essa hoje vexada torcida de sotaque simpático tenha todo o direito de perguntar aos Brincos, Duques e Cia. bela: vamos esperar mais o que? Que o ex-glorioso Palestra adote a moda política dos dias de hoje e seja incorporado por um outro clube qualquer para não ser morto pelo pacote de incompetência que domina impune o Parque Antártica?

A cada jogo do Corinthians que vi, nos últimos dez anos, uma coisa sempre foi certeza, antes mesmo de chegar ao estádio: Vladimir jogaria bem, com as costumeiras eficiência e garra. Pois bem, isso tudo vem a propósito da absurda teimosia de Telê — e dos demais que pela seleção passaram que insistem em não enxergar o lateral corinthiano. Afinal, na Copa, não seria nada mal ter, nem que fosse no banco, um lateral que, acima de tudo, sabe anular qualquer ponta. Porque, iludidos com a falsa utilidade de laterais apenas ofensivos como Júnior e Pedrinho — não se esqueçam que é fácil apoiar num futebol que, como o nosso, é hoje totalmente desprovido de ponteiros direitos — podemos ser surpreendidos na Espanha por uma seleção onde a camisa 7 ainda seja digna de criques. Quem achar exagero, é bom tentar lembrar de um moço chamado Lato...



Bom, pelo jeito *ele* decidiu mesmo mudar de Parque. Mas os palmeirenses não devem ficar muito preocupados: pelo que se sabe, a fera não costuma morar mais do que 23 anos na mesma casa...

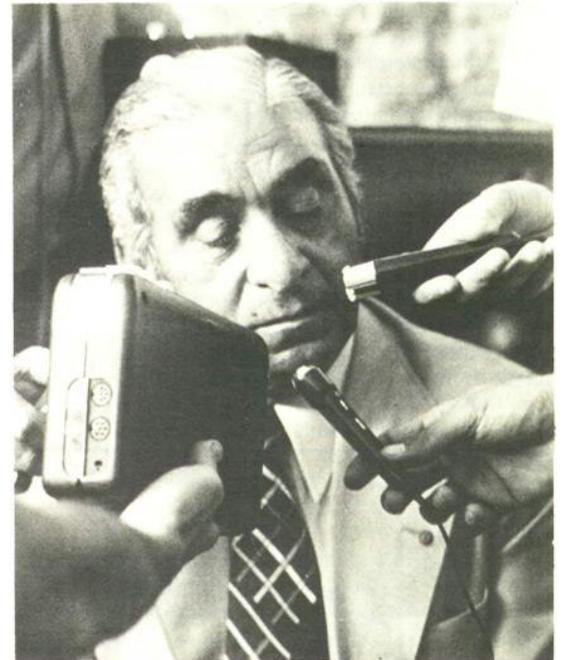
Novo passatempo

E a presença do chamado *gay power* em nossos estádios tem sido cada vez mais constante e entusiasmada. Até aí, nada demais: afinal, nenhum local é mais democrático do que uma arquibancada e ninguém tem nada a ver com o fato de um gritinho ser mais delicado que os outros. O problema, no entanto, é que o pessoal anda exagerando e, ao invés de torcer pelo time do seu frágil coração, prefere mesmo é ficar nos sanitários do estádio, trocando carícias.

Dia desses, por exemplo, Corinthians e Flamengo iam jogar partida empolgante e, antes mesmo do jogo começar, um “casal” já havia sido detido em flagrante no Morumbi. E, na hora de conversar com o delegado, o mais enfeitado dos dois, mão na cintura, tinha justificativa curiosa para o “deslize”:

— A culpa é da Federação. Não põem preliminar e a gente precisa inventar alguma coisa para passar o tempo, não é???

FALA, MATHEUS:



— Premeiramente, devo de dizê qui num tô nem ligando pra essa história de que minha saída foi um bem pro Corinthians. É como diz aquele filósofo: os cães ladram e a taturana passa...

A FRASE

“ESSA CAMISA EU GANHEI COM SUOR E SANGUE”



(Dario Pereira, quando soube que o São Paulo continua sonhando em trazer Edinho e pretende, por isso, deslocá-lo para a posição de médio-volante)

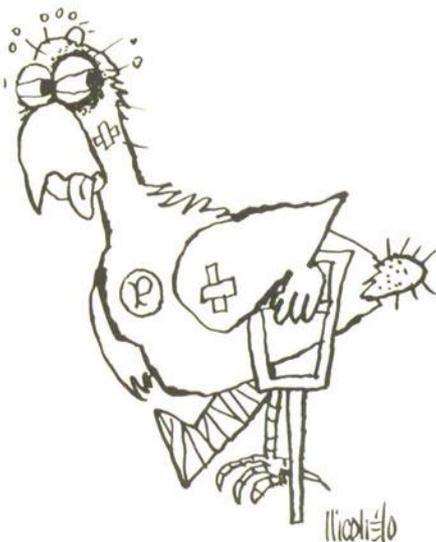
Juro que ouvi

“E então, daqui para a frente, Castilho de Andrade passa a ser o *perseguinte* de Telê, lá na Espanha”.

(Arlérico Jacomi, da Rádio Globo, no programa Globo Esportivo, tentando explicar que, como Telê havia ido para a Europa, não era mais função sua acompanhá-lo)

Nessa busca desenfreada de evidência — e votos — só há um perigo:

Na abertura da copa, o Maluf é capaz de querer um debate com o Maradona...



TE DIGO IO, CONCETTA, TE DIGO...

Concetta, bela:

Mi descurpe, mais num dá pra aguentá: tô indo embora. Hoje mesmo fiz as conta na firma, peguei só um pouco pra pagá a passage e pra tê uma reservinha inquanto num consigo otro emprego por lá. O restu deixei na gaveta do teu criadomudo, dentro daquele envelope im qui chegô a carta da tia Ingrazia, di Palermo.

Sei qui vô morrê di saudade di você, du Nicolinha, da Carmela, daquelas porpeta qui a tua mãe faz nus domingo, du teu inhoque cum frango, dus piquenique qui a gente promovia

no Boqueiron, das partida de bocha cum o Bepo. Mais é milhó assim; quando eu mi ajeitá por lá, ti escrevo vocês faiz a mudança i nós começamo tudo di novo, longe daqui, purque sinão eu ia acabá fazendo um bestera i matando uns quatro.

Você já sabe do que eu tô falando, num sabe? Pois é, tudo pur causa daquele pessoá lá na fábrica: o Agenô, o Vaselina e o Brito, tudo uns curintiano mardito. Num dava mais, Concetta, num dava: já fazia uns 5 ano qui eu tava aguentando eles. Começô cum aquela história du desfarque: era só eu chegá na fábrica pros cara começá a gritá “Sacomani, Sacomani”. I eu quieto, guentando quieto. Depois, a cada ano qui a gente num ganhava campionato, eles ia contando us número e, im coro, cantavam o parabens pra você. Ai, nós fumo pra Taça di Prata pela primeira vez e você pode imaginá o que eles fizeram. I eu quieto, sem reclamá. Nós fumo jogá na Espanha, naquele tal di Troféu Caranza, tomamo duas surra di 4 e di 5 i us mardito só mi cumprimtava acennando as mão i mostrando nove dedo.

Mais isso num foi nada: nós fumo di novo pra Taça di Prata i eles cumeçarum a mi chamá di Sigunda Divison. Mais, ai, até qui deu pra aguentá: eles também tavam cum a gente i num puderam inchê muito. Mas, depois, eles si classificaron i nós não e ai foi duro. Botaron um bilhentinho nu meu ponto dizendo qui a CBF já tinha decidido u qui nós ia disputá nu ano qui vem: o Troféu Pinico. Tudo isso i eu quieto.

Mais, ontem, foi dimais: depois du expediente mi convidaram para conhecê uma casa de pizza rodizio nova i eu fui tudo contente, pensando em prová uns pedaço de aliche e derrubá umas brama. Mais sabi onde é qui us sacanas foram mi levá? Adivinha, Concetta: nu Parque Anatórtica. Us desgraçado queriam mi gozá dizendo qui nois vamo fechá u time i abri uma pizzaria! Ah, Concetta, num guetei. Sai dipressa antis di fazê umas besteira e decidi que é melhó pra gente ir começá a vida di novo noutro lugar. Depois te escrevo. Mi descurpe e um baccio.

Ciao:

Vittório



Intervalo de jogo no Beira Rio, o repórter chega para o Toninho Cerezo e vai perguntando se o estado do gramado — muito fofo — não estava prejudicando sua equipe na partida contra o Internacional. E fez a pergunta da forma mais simples possível:

— O que você achou ai do gramado?
Para ouvir, perplexo, a seguinte resposta do Cerezo:
— Eu? Não achei nada. O Luizinho é que achou uma medalhinha...

O Botafogo do final dos 40 — muitos craques e glórias — ia iniciar mais um treino em General Severiano, Gentil Cardoso no comando, quando um diretor apareceu com um crioulo franzino, de apelido Sarará, para quem pedia a chance de um teste. Gentil, que não gostava muito desse negócio de jogador apadrinhado, atendeu a contragosto.

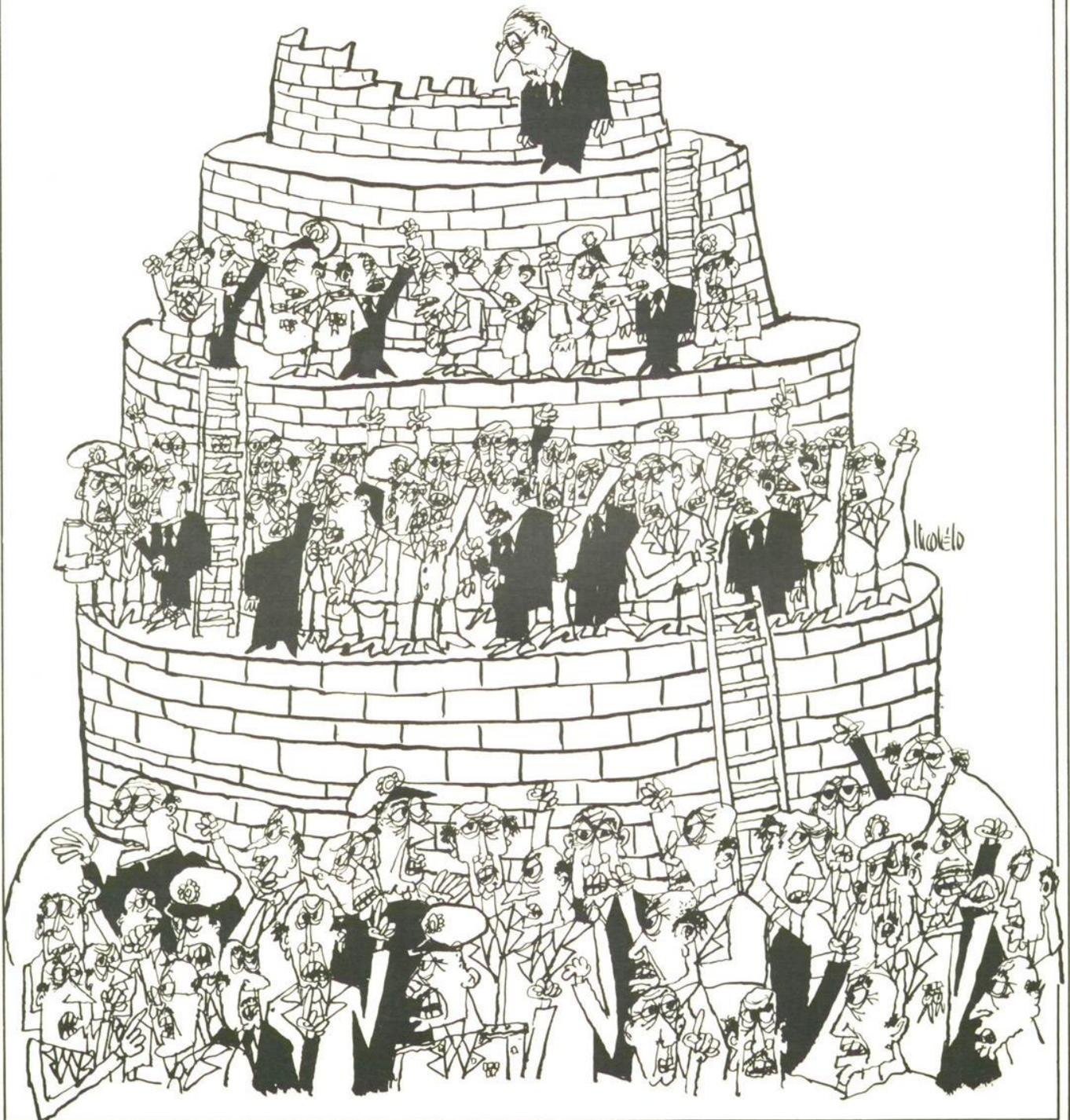
E lá foi Sarará tentar concretizar o sonho de tantos anos. Louco para chamar atenção, não teve dúvida: primeira bola que ergueram na área, jogou o corpo no ar e tentou solene bicicleta. Ao que Gentil parou o treino e foi logo avisando:

— Pode ir tomar banho, meu filho, você não serve. Nem sabe ainda como é que se joga de cabeça para cima e já quer atacar de ponta cabeça!!

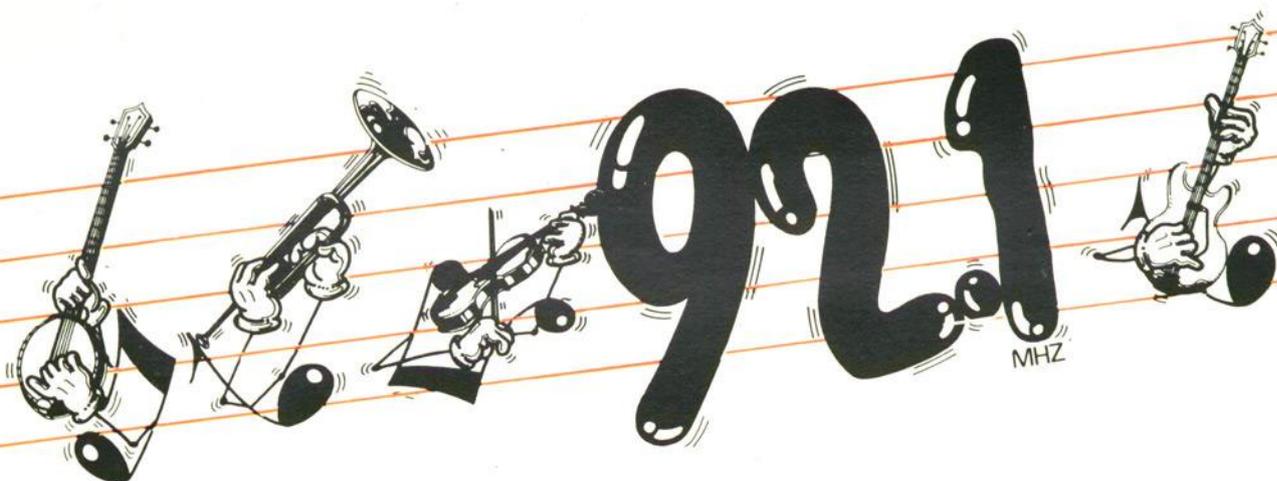
Esta página é lida

por você, o que compensa o esforço; pelo Mario Moraes, que devia voltar só pra que alguns mais afoitos entendessem como é que se usa o microfone; pelo Alarime Falso, o grande pandeirista da Lapa; pela moça das cartas coloridas, o caminho mais iluminado de todos; pelo Chico Buarque; pela Sonia Braga; pelo Lucas Neto (como é, velho?); pelo Arley Pereira, Campeão do “Xeque Maracangalha”; pela Beth Carvalho, cantando como ninguém; pelo Brigola e pela Vivi Sai de Baixo. E minha equipe divina, maravilhosa, jura que aquele “esta página é linda” do último número foi puro erro de revisão e não teve nada de cabotinismo...

Enquanto isso, em Brasília...



Sucesso absoluto em FM



RÁDIO METROPOLITANA FM stéreo



**“Luis Fernando,
você depositou na
Poupança da Nossa Caixa?”**

Lucinda e Luis Fernando se preocupam em poupar. Sabe como é: o futuro dos filhos, qualquer eventualidade, realizar sonhos.

A preocupação de todas as famílias. E sabem que a Poupança da Nossa Caixa rende muito e é absolutamente segura. Garantida por dois Governos.

Diz a Lucinda: “Luis Fernando! Não se esqueça de depositar na Poupança da Nossa Caixa!”

Dizemos nós: “Você que está lendo! Não se esqueça também! E não se esqueça que a Nossa Caixa é um Banco, mas, acima de tudo, um banco social.”

**Governo
Paulo Maluf**



**São Paulo
trabalhando.**

**nossa
caixa**